



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
GEOGRAFIA**



ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

MÔNICA ARRUDA ZUFFI

**RESILIÊNCIA CAMPONESA NOS ENTORNOS DA MONOCULTURA DA CANA-
DE-AÇÚCAR: ESPECIFICIDADES COMUNITÁRIAS DO LUGAR SÃO
JERÔNIMO -LIMEIRA D'OESTE -MG**

**UBERLÂNDIA/MG
2017**

MÔNICA ARRUDA ZUFFI

**RESILIÊNCIA CAMPONESA NOS ENTORNOS DA MONOCULTURA DA CANA-
DE-AÇÚCAR: ESPECIFICIDADES COMUNITÁRIAS DO LUGAR SÃO
JERÔNIMO- LIMEIRA D'OESTE -MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial à obtenção do título de mestre
em Geografia.

**Área de Concentração: Geografia e Gestão do
Território.**

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

**UBERLÂNDIA/MG
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Z94r
2017

Zuffi, Mônica Arruda, 1983-
Resiliência camponesa nos entornos da monocultura da cana-de-açúcar : especificidades comunitárias do lugar São Jerônimo - Limeira D'Oeste -MG / Mônica Arruda Zuffi. - 2017.
119 f. : il.

Orientador: Rosselvelt José Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui bibliografia.

1. Geografia - Teses. 2. Camponeses - Brasil - Teses. 3. Cana-de-açúcar - São Jerônimo - Limeira D'Oeste -MG - Teses. 4. Economia agrícola - Teses. I. Santos, Rosselvelt José, 1963-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

MÔNICA ARRUDA ZUFFI

**RESILIÊNCIA CAMPONESA NOS ENTORNOS DA MONOCULTURA DA CANA-
DE-AÇÚCAR: ESPECIFICIDADES COMUNITÁRIAS DO LUGAR SÃO
JERÔNIMO-LIMEIRA D'OESTE -MG**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rosselvelt José Santos
(Orientador) IG/UFU

Prof. Dr. João Cleps Júnior
IG/UFU

Prof^ª. Dr^ª. Arlete Mendes Silva
UEG/Anápolis

Uberlândia, 20 de junho de 2017.

Resultado: _____

Ao meus avôs Mauro e Luiz, que me fizeram
conhecer o que é compreensão e respeito. Em
memória. Com eterna saudade e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu lindo, amado Gastão, meu companheiro, meu amigo, meu namorado, sempre ao meu lado, me amparando, me guiando com conselhos maravilhosos, mesmo cansado e com a melhor carinha do mundo, sempre pronto a me ouvir e me guiar com as broncas mais fofas. Não conseguiria fazer nada sem você. Obrigada por me permitir ser sua esposa.

Agradeço a minha mãe que sempre me apoiou e me deu suporte em todas as decisões que tomei durante a vida, sempre com um lindo sorriso esboçado no rosto. Ao meu pai, que me deu carinho e compreensão nos momentos que precisei. À Geisa, irmã querida e companheira. Também minhas avós Cida e Cecília, minha madrinha Edna, pelo carinho e amor usuais

Ao Rosselvelt, sem títulos, porque já são tantos anos, que me sinto à vontade para não usar pronomes. Esse cara não sabe a importância que ele tem, faz jus a sua profissão. Ei, professor, existem pessoas que passam por nossas vidas que são tão especiais, que não encontramos palavras para nos expressar, tamanha é a gratidão que sentimos nada chega a ser suficiente. Às vezes, os caminhos parecem ser muito escuros, não conseguimos enxergar nada, e essas pessoas vêm e acendem uma luz, que sabe-se lá onde encontraram energia. Meu orientador, Prof. Dr. Rosselvelt José Santos, obrigada por me iluminar nos momentos de insegurança, de falta de inspiração, de cansaço, sempre com um sorriso maroto e carinhoso no rosto. Obrigada por toda essa jornada que o senhor me ensinou a percorrer. Foram tantas aventuras, tanta água, tanta cana, cachaça, e o mais importante, tanto aprendizado, que não cabe nessa folha de agradecimento, porque não existe nada que pague o valor de todos esses anos de campos e orientações que o senhor me proporcionou. Sem o senhor, eu não teria chegado a lugar nenhum!

Aos meus amigos, agradecidamente tenho muitos, não somente estiveram ao meu lado, mas me guiaram, me acalmaram e compreenderam todos os meus dramalhões e falta de tempo: Arlete, mesmo distante e sem tempo para nossas “aguinhas”, sempre se fez presente nos momentos que precisei. O pessoal do laboratório de Geografia Cultural e do Turismo, companheiros eternos de campo e peripécias nos inúmeros trabalhos que fizemos e grupos de estudo, em especial, gostaria de agradecer ao Ricardo Silva, pelos mapas maravilhosos, companheirismo e carinho sem igual! Jaque, sempre pronta a nos ajudar com o sorriso mais brilhante de todos. Ao Paulo Irineu, pelas leituras atentas e muito valiosas.

Aos camponeses que contribuíram para a construção desse trabalho, os sujeitos da comunidade São Jerônimo! Foram dois anos de pesquisa, diálogos, com muito respeito e compreensão, eles nos permitiram adentrar no seu cotidiano e nos mostraram o caminho para esta discussão, muito obrigada!

Às minhas lindas amigas Laura Zabisky, Cristiane Rissi, Luciana e Lucélia Mariano, Tacyana Maglioni e Leina Constantino e Oliveira. Aos meninos Luzencort Junior, Bruno Galvão, Jonatas Bueno e André Terra.

Pela boa vontade e prontidão em sempre nos ajudar, João e Izabel, o PPGE0 não existe sem vocês!

Ao professor Dr. João Cleps, pela atenção e pelas referências neste trabalho. E claro, aos professores do Instituto de Geografia que fizeram parte de todo este período, com certeza, encontrarão suas “marcas” neste trabalho, afinal, quem somos nós alunos sem vocês?!

Finalmente, a todos que, de maneira direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

Os indivíduos que fazem história não se limitam àqueles
que os historiadores consideram heróis.

Piotr Kropotkin

RESUMO

O Brasil rural há tempos, vem passando por grandes transformações. O agronegócio, pivô dessas mudanças no setor, tomou uma proporção importante e acabou abrangendo imensas áreas. O Estado, com suas políticas públicas, contribuiu por introduzir culturas como a cana-de-açúcar por todo o território nacional, principalmente nas áreas mais planas, como nos estados da região Sudeste e Centro-Oeste. Por onde a cana-de-açúcar passou, encontramos diferentes formas de permanência dos agricultores no lugar enquanto camponeses. Eles desenvolveram estratégias que lhes proporcionaram suportar a falta do suporte público. A essas, destacamos habilidades para lidar, adaptar e se readequarem às mudanças que vem surgindo. Eles desenvolveram uma espécie de mecanismo de absorção que lhes permitem reagir a partir daquilo que conseguem reunir na família e na comunidade, exaltando assim, seu caráter resiliente na capacidade de lidarem com as mudanças e imprevistos. No estudo dos camponeses da comunidade São Jerônimo, no município de Limeira D' Oeste, compreendemos que a permanência do grupo é tensa e vem sendo gerada a partir do envolvimento das famílias na criação e recriação de relações mediadas pela mutualidade, reciprocidade e sociabilidade camponesa. O mutualismo, neste sentido, aparece enquanto forma de se movimentarem no espaço através de um processo de negociação pautado no compromisso social acordado entre eles, lhes permitindo uma certa segurança em um mundo que não transmite esse valor. Para desenvolvermos uma leitura fina daquele grupo social, estabelecemos debates sobre a resiliência, modo de vida, mutualidade, reciprocidade sociabilidade, dentre outros para compreendermos as lógicas camponesas, considerando as suas diferentes temporalidades sociais.

Palavras-chave: Camponês. Comunidade. Território. Lugar. Resiliência. Mutualismo.

ABSTRACT

Rural Brazil has been undergoing great transformations for some time. Agribusiness, the pivot of these changes in the sector, took on an important proportion and ended up covering vast areas. The State, with its public policies, has contributed to introducing crops such as sugarcane throughout the national territory, mainly in the flatter areas, such as in the states of the Southeast and Center-West. Where sugar cane has passed, we find different ways of staying farmers in place as peasants. They have developed strategies that have enabled them to endure the lack of public support. To these, we highlight skills to cope, adapt and react to the changes that are emerging. They have developed a sort of mechanism of absorption that allows them to react from what they can bring together in the family and community, thus extolling their resilient character in their ability to cope with changes and unforeseen events. In the study of the peasants of the São Jeronimo community, in the municipality of Limeira D'Oeste, we understand that the group's tenure is tense and has been generated from the involvement of families in the creation and re-creation of relationships mediated by mutuality, reciprocity and peasant sociability. Mutualism, in this sense, appears as a way of moving in space through a process of negotiation based on the social commitment agreed between them, allowing them a certain security in a world that does not convey this value. In order to develop a fine reading of that social group, we establish debates about resilience, way of life, mutuality, reciprocity, sociability, among others to understand peasant logics, considering their different social temporalities.

Keywords: Peasant. Community. Territory. Place. Resilience. Mutualism.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Sede da Comunidade São Jerônimo, onde acontecem as reuniões e festividades ...	29
FOTO 2: Cocho de cimento cuja função é tratar o gado no período seco.	36
FOTO 3: Área da entrada da Usina Coruripe no município de Limeira do Oeste-MG	36
FOTO 4: Camponês da Comunidade de São Jerônimo	43
FOTO 5: Plantação de sorgo "queimada" após a pulverização aérea realizada no município de Canápolis-MG	51
FOTO 6: Plantação de cana-de-açúcar ao lado de um campo de pastagem	52
FOTO 7: Plantação de cana-de-açúcar estabelecendo nos contrastes com as propriedades tradicionais dedicadas à pecuária tradicionais dedicadas à pecuária.....	52
FOTO 8: Curral de um camponês dedicado a criação de gado leiteiro no município de Limeira do Oeste-MG.....	57
FOTO 9: Curral de um produtor de leite tecnificado do município de Coromandel-MG.....	58
FOTO 10: Pluriatividade dos camponeses da Comunidade São Jerônimo	65
FOTO 11: Lavoura de cana-de-açúcar no município de Limeira do Oeste	66
FOTO 12: Rebanho de bezerros em uma fazenda no município de Limeira do Oeste-MG ...	77
FOTO 13: O gado para os camponeses do Cerrado lhes assegura o amanhã, é certeza de renda para movimentar a vida na propriedade.....	77
FOTO 14: Do animal, aproveita-se tudo, desde o leite até o couro	78
FOTO 15: Rebanho sendo conduzido ao pasto	79
FOTO 16: Trator utilizado no preparo dos silos	83
FOTO 17: Área destinada a preparação do silo.....	84
FOTO 18: Em primeiro plano, preservação do Cerrado. Ao centro, criações, pomar e horta. Segundo plano, terra tombada e pastagens, pomar e horta.....	87
FOTO 19: Quintal de uma propriedade camponesa	87
FOTO 20: Quintal em propriedade camponesa da Comunidade São Jerônimo.....	98
FOTO 21: Condução do gado do local de ordenha para áreas de pastagens áreas de pastagens	101

FOTO 22: Ordenhadeiras mecânicas e tanque de resfriamento de leite	102
FOTO 23: Área de pastagem	105
FOTO 24: Silos em propriedade camponesa na Comunidade São Jerônimo em Limeira do Oeste-MG	106

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Delimitação da Comunidade São Jerônimo no ano de 1979	89
IMAGEM 2: Uso do solo na Comunidade São Jerônimo no ano de 2000	90
IMAGEM 3: Delimitação da Comunidade São Jerônimo no ano de 2000	89
IMAGEM 4: Delimitação da Comunidade São Jerônimo no ano de 2016	92
IMAGEM 5: Uso do solo na Comunidade São Jerônimo no ano de 2016	95

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Localização do município de Limeira do Oeste-MG	24
MAPA 2: Comunidade de São Jerônimo, município de Limeira do Oeste-MG	26

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Levantamento sistemático da produção de leite	56
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA: Agência Nacional das Águas

EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMA: Instituto Mineiro de Agropecuária

JICA PRODECER: *Japan International Cooperation Agency*

PADAP: Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba

PCI: Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados

PND: Plano Nacional de Desenvolvimento

POLOCENTRO: Programa de Desenvolvimento do Cerrado

PRODECER: Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados

PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SENAR: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SIAMIG: Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais

SIDRA: Sistema IBGE de Recuperação Automática

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1:.....	19
MODOS DE VIDA NA COMUNIDADE SÃO JERÔNIMO	19
1.1 A condição comum: Limeira do Oeste e os camponeses de São Jerônimo	21
1.2 O Camponês de São Jerônimo	33
1.3 Territorialidades camponesas em um território ameaçado pelo arrendamento	37
CAPÍTULO 2:.....	46
CAMPONESES CERCADOS PELA CANA-DE-AÇÚCAR.....	46
2.1 Os camponeses no cerco dos canaviais.....	49
2.2 A condição sócio territorial do camponês.....	53
2.3 Aspectos da vida comunitária	59
CAPÍTULO 3:.....	67
RESILIÊNCIA NOS MODOS DE VIDA PLURAIS E AS HETEROGENEIDADES TERRITORIAIS CAMPONESAS.....	67
3.1 A agricultura camponesa: Ressignificação e novas formas de existir no lugar	70
3.2 No exercício da resiliência: Mutualismo, identidade e cultura.....	81
CAPÍTULO 4:.....	85
NOS CICLOS DA NATUREZA DO CERRADO: RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS CAMPONESAS	85
4.1 Resiliência nas Relações campesinas envolvendo os ciclos naturais do Cerrado	96
4.2 Modo de vida camponês e Mutualismo nas práticas socioculturais	103
4.3 Principiando as lógicas camponesas nos usos do cerrado	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

Na última década, as crises econômicas colocaram em evidência a economia global e suas organizações socioeconômicas. No Brasil, os últimos anos foram marcados por grandes transformações no cenário econômico nacional, e parte disso, veio do agronegócio.

A questão agrária no país é um assunto pertinente para compreendermos as dinâmicas sociais que estão acontecendo atualmente, junto à modernização da atividade agrícola e a substituição de áreas anteriormente de florestas por áreas cultivadas, o agronegócio foi tomando uma proporção muito grande no país, e o Estado, com suas políticas públicas, fomentou culturas como a cana-de-açúcar por todo o território nacional, principalmente nas áreas mais planas, como nos estados da região Sudeste e Sul.

Nas regiões de maior influência do setor sucroenergético, o Cerrado Mineiro aparece com destaque devido aos vários projetos de incentivo de ocupação do bioma, como o Projeto de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER). Neste, o Cerrado foi envolvido por um processo de reocupação territorial, onde ocorreu toda uma reformulação cultural, social e econômica.

Todo este processo contribuiu para a intensificação reprodução ampliada de capitais, provocando a substituição de culturas e atividades agrícolas tradicionais pela monocultura da cana-de-açúcar. Contudo, o que tem nos chamado a atenção nessa região, são as atividades tradicionais que (re)existem em meio a esta problemática, os camponeses do Triângulo Mineiro.

Vivendo em uma lógica própria, encontramos sujeitos que parecem se reinventarem para conseguirem permanecer no lugar, enquanto donos e autores de seus meios. Os camponeses, sem dúvida, são pessoas que representam melhor essa compreensão de (re)existência de modos de vida em meio às transformações e problemáticas que circundam o meio rural brasileiro.

Um pouco mais adentro do Cerrado Mineiro, visitamos comunidades rurais que nos chamaram a atenção em meio a todo contexto agrário e suas problemáticas. No município de Limeira do Oeste, encontramos lógicas sociais e econômicas que representam um conjunto de redes culturais que relacionam sujeitos, espaço e vivência. Os camponeses do Cerrado Mineiro são sujeitos que construíram suas territorialidades a partir das possibilidades que lhes foram surgindo ao longo de todo o contexto histórico por eles vivenciado.

Considerando as dinâmicas do espaço em estudo e as formas com que os camponeses se relacionam com as tensões que chegam aos seus territórios, se faz necessário discutirmos as tensões fabricadas pelo processo de produzir cana-de-açúcar para abastecer o setor sucroenergético e sucroalcooleiro.

No contexto da expansão do setor sucroalcooleiro, as comunidades tradicionais da região do Triângulo Mineiro são impactadas a partir de ações do Estado que durante muito tempo vem incentivando a reprodução ampliada desse setor. O cerne da questão está, justamente, nas políticas que foram estabelecidas para beneficiar aquele setor.

Podemos dizer dentro de uma perspectiva geopolítica, que boa parte das relações sociais e econômicas das quais observamos nos dias atuais, resultam de estratégias territoriais capitalistas que emergem de um Estado excludente, que beneficia os interesses de um grupo distinto.

Em meio a um Estado incapaz de englobar grupos que vivem na contramão desse setor, ser camponês em meio à agroindústria é, sem dúvida, um exercício de alteridade cultural, econômica e social. Estudar a experiência e a cultura desses sujeitos, sobretudo, valorizar a diversidade de modos de vida a qual compõe a identidade camponesa e as tensões sociais que lhes rodeiam, nos permite pensar nas áreas de expansão da cana, produtores que em razão de políticas de desenvolvimento rural, acabaram marginalizados e por isso, em alguns momentos, também interpretados com olhares discriminatórios que os caracterizam como um “obstáculo” ao progresso.

Essa crítica ao camponês, basicamente nega ele como sujeito, ativo e mentor de suas ações, evidencia um processo social que diz respeito às experiências de aceitar outro diferente, e, portanto, aceitar um desenvolvimento diferente ao do agronegócio, é o mesmo que negar um processo social de desenvolvimento de sujeitos que se fazem presente na área de estudo desde antes do cerrado torna-se produtivo. Neste momento, ressalta-se a importância de compreender as técnicas, as diferenças e as pluralidades que compõem o mundo dessas pessoas que existem a tantas dificuldades e paralelos da sociedade atual.

Dentre os processos que revelam a natureza camponesa, estão às práticas socioculturais como diversificação, pluriatividade¹ e o mutualismo. Esse se revela no lugar como uma interpretação baseada na resiliência adquirida para continuarem existindo no lugar

¹ A pluriatividade no campo, remete às diversas atividades que as famílias desenvolvem para obter remuneração. Essas podem ser de diversas ordens, como agroturismo, artesanato ou mesmo diversificação de culturas, explorando todas as formas potenciais que a propriedade permite (ANJOS, 2003)

estudado e tornaram-se uma das referências para analisar/interpretar a existência camponesa baseada na resiliência.

Na comunidade São Jerônimo, observamos formas de organizações sociais pertencentes aos resíduos culturais que fortalecem um sistema de trocas em que eles negociam o tempo todo entre vizinhos o uso de tecnologias e mão de obra.

Trata-se de estratégias criadas para suportar a falta de políticas públicas que deveriam lhe dar suporte. Sem elas, eles enfrentam as tensões rurais e assim conseguem reunir diversas habilidades para lidar, adaptar e se readequarem às mudanças. As estratégias são acionadas como mecanismo de absorção de habilidades que lhes permitem reagir a partir daquilo que conseguem reunir na família e na comunidade. A partir delas e de seu acionamento constante, a resiliência, também resulta da capacidade de lidarem com as mudanças e imprevistos da vida.

O protagonismo que essas pessoas desempenham na comunidade, suscitam de suas humanidades em meio às imposições da sociedade e de setores do agronegócio. No lugar São Jerônimo, as relações que acontecem no sistema de resiliência, assumem acordos de mutualidades específicas, ou seja, a concepção de ajuda entre eles, reúne relações dinâmicas pelas possibilidades do mundo camponês.

O mutualismo, neste sentido, aparece enquanto forma de se movimentarem no espaço através de um processo de negociação pautado no compromisso social acordado entre eles, que lhes permitem certa segurança em um mundo que não transmite esse valor.

As possibilidades desses camponeses terem criado ou recriado os meios para se manterem no território, em meio a essa turbulência de fatores, faz deles sujeitos resilientes dentro de suas lógicas sociais e modos de vida, capazes de lidar com as nuances do mercado e ainda se reinventarem para se manterem nele.

No lugar, encontramos criadores tradicionais de gado leiteiro que criam e recriam meios para atender as demandas do mercado, sem perder sua campesinidade. Nos seus modos de vida, os camponeses constroem saídas que funcionam como soluções econômicas, mas que derivam de relações de mutualidade entre vizinhos que criaram meios, sem perder sua essência de camponês, onde suportam as imposições econômicas e sociais do agronegócio ou mesmo de ordem natural.

Assim, reforçar parcerias entre vizinhos, promover a ajuda mútua, robustecem os seus conteúdos resilientes, bem como, as suas territorialidades, dando dinamicidade ao lugar.

No mutualismo, há o exercício da liberdade, é nesse momento que o camponês se assegura livre. Quando ele troca entre vizinhos, serviços para fazer o silo, ou quando esse

mesmo vizinho dirige ou empresta o trator e o ajuda na preparação da silagem. Desse jeito, o camponês não precisa se endividar para comprar mais de um trator. No mutualismo praticado em São Jerônimo, essa ajuda é devolvida no ciclo da vida. O vizinho que emprestou tecnologia, tempo e conhecimento, tudo faz na confiança, pois instituíram, no costume de fazer o silo, a garantia de reciprocidade decorrente da/na ajuda, da forma que o outro puder.

O resultado dessa troca é o controle de suas ações, agindo dentro do costume, o camponês evita de tomar empréstimos, de se endividar e assim cair em um ciclo de endividamentos que comprometa sua estabilidade financeira.

Portanto, compreender o conjunto desse sistema de resiliência rural que o camponês está inserido certamente pode contribuir para decifrarmos os conflitos, as tensões e saídas estabelecidas no cotidiano.

Remetendo-nos ao pensamento geográfico, nosso objetivo neste trabalho foi discutir a (re)existência desses camponeses que vivem perante a pressão do agronegócio, e as tensões postas no lugar e em grande parte associada a dinâmica da produção canavieira ligada ao setor sucroalcooleiro.

Assim, procuramos considerar a dinâmica do lugar a partir da paisagem transformada. Desenvolvemos essa pesquisa na perspectiva de compreendermos os seus conteúdos socioculturais, principalmente em relação às ações e reações dessas pessoas frente aos empreendimentos do setor sucroenergético e alcooleiro.

Neste aspecto, buscamos compreender o lugar do campesinato no município de Limeira do Oeste. O caminho metodológico foi explorar suas dinâmicas socioculturais através da análise de suas condições socioterritoriais a partir da expansão da cana-de-açúcar no século XXI.

Por fim, também procuramos identificar os impactos socioambientais decorrentes das ações das usinas e as relações entre a condição territorial local dos camponeses e as estratégias/perspectivas de (re)existência camponesa e como eles elaboram estratégias que lhes permitem viver no lugar.

É nessa percepção de estudar a solidariedade humana, que seguimos nossa pesquisa na comunidade São Jerônimo. A partir de trabalhos de campos realizados entre os anos de 2015 e 2016, buscamos entrevistar homens e mulheres que vivem na comunidade São Jerônimo. Os diálogos sempre foram conduzidos de forma a explorar a espontaneidade dos seus relatos. O objetivo foi compreender as ações e reações desses sujeitos.

Com a sistematização dos diálogos, procuramos realizar um levantamento bibliográfico para compreendermos termos, conceitos e práticas sociais, que tratam sobre os modos de vida camponeses e suas relações mutualísticas bem como seus atributos resilientes.

CAPÍTULO 1:

MODOS DE VIDA NA COMUNIDADE SÃO JERÔNIMO

Para delimitarmos uma comunidade, antes é necessário compreendermos as relações que os sujeitos desempenham dentro dela. A princípio, entendemos que os moradores do lugar devem, assim como o próprio nome diz, desenvolver e nutrir alguns aspectos da vida social em comum. A alteração de um único elemento dentro de uma comunidade causa modificações no sistema em que ela foi construída, e isso pode ocasionar desequilíbrios sociais, econômicos e culturais.

De modo geral, podemos considerar que a adaptação dos sujeitos no lugar foi construída dentro de relações sociais e, como tais, alterada/ajustada de geração para geração. No lugar, a comunidade concretizada dinamiza as suas representações, assim como estabelece outras para promover a vida.

Dentro de uma comunidade, para uma análise dos sujeitos, devemos, também, observar os modos de vida das pessoas que nela vivem. No caso do estudo em questão, observamos como os moradores da comunidade de São Jerônimo, no município de Limeira do Oeste – MG, se relacionam entre si, como eles vivem no lugar, suas práticas, história de existência do grupo e toda a sociodiversidade que encontrarmos.

Então, façamos uma reflexão em torno dos sujeitos e suas relações, que definem o sistema da comunidade; afinal, os sujeitos não existem, em sua forma atual, fora do lugar e do sistema que os delimitam. Seguramente, se estiverem exteriores ao lugar, teriam seriamente comprometidas a sua liberdade, autonomia e racionalidade no poder de uso de suas ações cotidianas. Se os homens fazem a história, é a partir daquilo que a história fez deles (GUERRA, 1993).

No momento em que os homens sentem-se sujeitos de um lugar, suas ações passam a ser voltadas para ele. Assim, as interações sociais, culturais e econômicas com o meio e entre si compõem o sistema que gera as condições para o lugar existir.

A comunidade, como sua pronúncia sugere, pode ser compreendida como:

Um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um ‘canto’ aqui é ‘escuro’). Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. (BAUMAN, 1925, p. 7-8).

Em dias como os que vivemos, parece utópico o conceito de comunidade desenvolvido por Bauman. Contudo, ao pensarmos nos meios que os agricultores utilizam para permanecerem no lugar enquanto camponeses, vemos que a insistência em concretizar suas existências possibilita estabelecer conexões da referida teoria com a realidade que se estuda.

No lugar estudado, o imaginário dos que vivem na comunidade condiz com as sensações de aconchego, proteção e liberdade. A liberdade, podendo também ser chamada de autonomia, é o que observamos ser a principal força motriz na autoafirmação que esses sujeitos fazem no lugar.

Aqui a gente faz as nossas coisas acontecer... Você precisa de uma demão de um companheiro você vai e consegue... Então a gente decide ajuda um companheiro e ajuda... A gente faz uma festa e junta todo mundo...²

Na comunidade desses camponeses, tal sistema fica mais claro de ser observado, pois o pensamento comum faz parte do cotidiano das pessoas, sendo algo que lhes marca a essência, enquanto agricultores que nutrem e são nutridos pelas suas tradições.

O grupo de sujeitos que compõe a comunidade de São Jerônimo é constituído por homens e mulheres, filhos de uma geração que nasceu no campo, se identificaram e viveram nele. Essas pessoas, em sua maioria, foram forjadas culturalmente na reciprocidade de suas relações, e, por isso, as interações com o lugar partem de forma espontânea e compreensiva. Nesse processo, há respeito pelas demandas do grupo e especificidades dos sujeitos que ali vivem. A vida se dinamiza dentro de uma lógica experienciada, vivida, na qual se espera que aconteça algo e as trocas, de diversas ordens, tornam-se recíprocas. Porém, essas trocas acontecem na pluralidade de suas necessidades individuais e coletivas.

² Fala do Camponês número 1 da comunidade de São Jerônimo sobre a parceria que eles estabelecem na realização das atividades sociais.

*O povo daqui do São Jerônimo é bastante controlado. Aqui, o povo não tem funcionário, maquinário pra tudo... Então o povo troca serviço manual, de máquina e também experiência de um e de outro... Cada um faz as trocas que ele precisa e que o outro pode trocar.*³

Essa situação parece simples, mas, na verdade, representa um grande exercício ético e moral de colocar em confronto as demandas dos sujeitos em uma comunidade que na vida foi estabelecendo suas regras comuns e formas sociais de serem consideradas. Assim, devemos fixar os olhares entre os sujeitos e suas reciprocidades em um mundo de (in)tolerâncias, para compreendermos a vida no lugar em que estão. Nesse sentido, elaboraram-se alguns questionamentos para nos ajudar a compreender, a partir da análise, o uso do território e os modos de vida na comunidade.

1.1 A condição comum: Limeira do Oeste e os camponeses de São Jerônimo

Com uma população estimada em 6.890 habitantes, sendo 1.873 domiciliares na área rural (Censo 2010), Limeira do Oeste, o município que foi emancipado de Iturama na data de 1992, jovem de idade, apresenta uma comunidade rural que desenvolveu em seu território várias atividades práticas e produtivas, sendo a mais emblemática a cultura do algodão, a qual teve o seu “boom econômico” na década de 1990.

Limeira do Oeste, no ano de 1976 torna-se distrito de Iturama, mas sua história social e econômica efetivada, nas fazendas locais, data muito antes disso. Durante alguns trabalhos de campo realizados na área rural do município, pudemos dialogar com moradores, que relataram um processo de reocupação do Cerrado e que fazem parte desta dissertação.

*Nosso pai comprou umas terras aqui, não tinha nada. Aí nós viemos pra cá e fomos tirando o mato e abrindo caminho. Isso aqui tudo ó, era só mato, nós que que arrumamos e fomos plantando as coisas.*⁴

Na condição de fornecedores de leite para o mercado, os camponeses da comunidade de São Jerônimo constituem-se como grupo de agricultores que já presenciaram diversas transformações na agricultura, com severas mutações em seus comportamentos e relações comunitárias. O município tem um histórico de luta pela terra, e lá encontramos os primeiros assentamentos do estado de Minas Gerais.

³ Fala Camponês número 2, da Comunidade de São Jerônimo durante nossa entrevista em trabalho de campo, 2017.

⁴ Fala do Camponês número 1 sobre a vinda dele e da família para o município.

Outro fator que observamos é a produção do município, que é praticamente rural. A cidade é pouco populosa e sua área urbana pequena, no entanto possui uma área rural grande, com uma boa parcela da população do município vivendo lá. Toda a produção do lugar se baseia na agropecuária e, atualmente, na usina Coruripe.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2006, o município contava com 481 agricultores com mão de obra familiar, sendo a área plantada, para o mesmo ano, de 10.066 hectares para lavouras temporárias. Apenas 7% das áreas plantadas são de agricultores familiares.

No ano de 2016, os produtores rurais que são identificados com a agricultura familiar no país passaram a representar 83,9% dos estabelecimentos. Atualmente, eles ocupam uma área de 80,25 milhões de hectares, ou seja, 24,3% do total do território ocupado pelas propriedades agropecuárias brasileiras. Comparando aos dados de 2006, o resultado da pesquisa feita pelo IBGE reforçou o que estamos apontando neste trabalho.

Mesmo com os programas de auxílio do Governo, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que se destinam a estimular a geração de renda e melhorar o uso da mão de obra familiar, o número de trabalhadores rurais familiares continua baixo.

De acordo com dados do censo de 2006, as maiores dos agricultores familiares não aderiram ao financiamento, pois não queriam correr o risco de se endividarem ou por não precisarem. Na contramão, os produtores rurais não familiares buscam por mais linhas de crédito. As usinas, por exemplo, visto que produzem a partir de seguros bancários, mantêm grandes investimentos de capitais e não correm riscos, tanto que o agronegócio é o setor que mais cresce no país.

A partir dessa situação, as razões pelas quais nos interessamos pelo lugar São Jerônimo deram-se durante trabalhos de campo na região, em que passamos por diversos municípios, como Carneirinho, Itapagipe, Juvelândia, Alexandrita, Honorópolis, entre outros. Percebemos que, nessa região, havia um considerável número de pessoas que viviam no campo e usavam de relações comunitárias para desenvolver suas atividades, principalmente culturais e econômicas, cuja base social encontrava-se lastreada em suas famílias.

A disposição para conhecer as histórias de vida das pessoas que vivem na comunidade está relacionada à condição de elas viverem de práticas sociais que misturam, em distintas proporções, o tradicional e o moderno, incluindo relações de reciprocidade entre famílias e em comunidade.

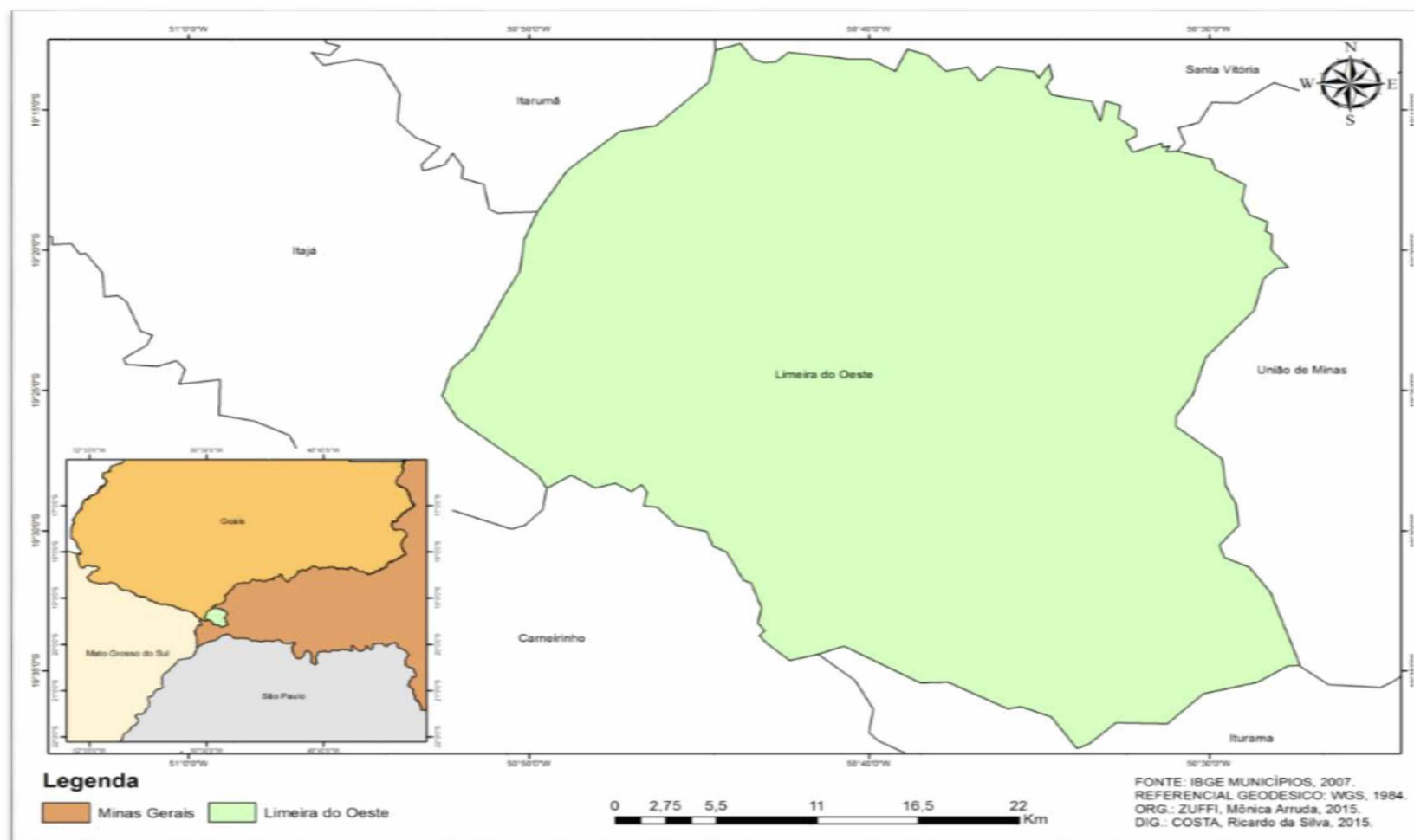
São Jerônimo é uma comunidade localizada na área rural do município de Limeira do Oeste. De acordo com os moradores locais, ela foi fundada por dois irmãos, que compraram áreas de cultura, meia cultura e de cerrado, formando suas propriedades na região. Os irmãos Jeromão e o Jerominho permanecem na comunidade, criando gado leiteiro e fornecendo leite aos laticínios.

Limeira d'Oeste apresenta 1.318 km² de área territorial (Mapa 1), com dois assentamentos de reforma agrária, totalizando 331 famílias e dois assentamentos do banco da terra com 114 famílias e mais seis comunidades rurais. São Jerônimo chama atenção por ser uma comunidade católica que teve seu auge econômico com a cultura do algodão, mas, devido à concorrência internacional, foi definhando, perdendo seus moradores para outros lugares, até se tornar um lugar onde a pecuária leiteira vai se desenvolver nutrida por relações sociais, cuja lógica, inclusive de produção, não é capitalista. Trata-se de lógicas sociais que estão relacionadas às diferentes temporalidades sociais que, por sua vez, estão relacionadas a ajuda mútua, reciprocidade e solidariedade.

Banhado pela Bacia Hidrográfica do Paranaíba e situado em uma área distinta pela grande quantidade de água, o município de Limeira do Oeste possui terras de elevada fertilidade natural. A renda diferencial proporcionada pelas especificidades da natureza tem atraído a agroindústria, principalmente o setor sucroalcooleiro. No Município, existe uma planta de usina instalada e em funcionamento, demandando grandes lavouras de cana. Mesmo assim, na comunidade estudada, o modo de vida apresenta aspectos de uma campesinidade⁵, que se relaciona com o antigo e o moderno.

⁵ O termo campesinidade, para Woortmann (1990), é usado enquanto uma qualidade comum a grupos específicos nos quais se identifica uma prática de produção cultural da família enquanto valor, pois “não se assalaria quem é da mesma família; não se transforma um parente em alugado”. Campesinidade para o autor é uma ação presente nas práticas cotidianas, envolvendo a terra e a família como valores sociais fundamentados para a organização de grupos camponeses.

MAPA 1: Localização do município de Limeira do Oeste-MG



Fonte: IBGE MUNICÍPIOS, 2007. Org.: ZUFFI, M. A. 2015. Dig. COSTA, Ricardo da Silva, 2015.

A Usina Coruripe Açúcar e Alcool, instalada no município e inaugurada em 2005, somada às demais unidades do grupo, no mesmo ano, atingiram a capacidade total de moagem de 13,05 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. Esse quantitativo de matéria prima gerou 1,039 milhão de toneladas de açúcar e 450 milhões de litros de etanol, e ainda há uma estimativa para a safra de 2015/16 de que o grupo moerá cerca de 13,8 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. Em 2016, a produção de açúcar estimada, de 975 mil toneladas, e a fabricação de etanol poderão chegar a 470 milhões de litros. Os dados para o Estado Mineiro não ficam atrás desse quantitativo. Assim, para a safra 2014/15, Minas Gerais atingiu pela primeira vez na história, a marca de 2,7 bilhões de litros de etanol (SIAMIG, 2015).

O crescente aumento na produção de etanol no estado vem causando diversos problemas ambientais, sociais, culturais e econômicos. A partir desses dados, afirmamos que não é de agora que nosso interesse em aprofundarmos nossas pesquisas nessa região vem acontecendo.

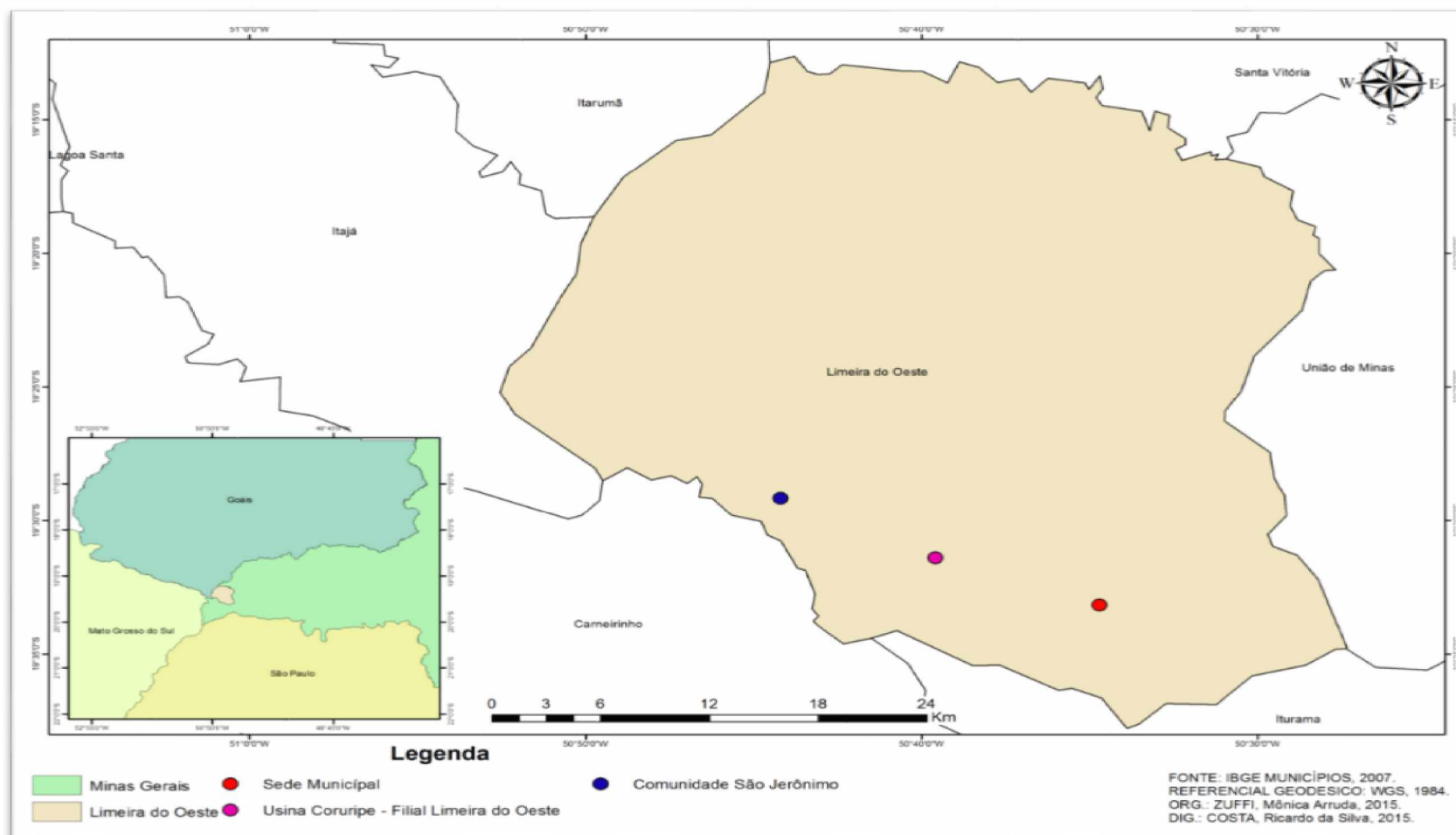
Estamos estudando uma comunidade que se situa em uma mesorregião geográfica influenciada pelos interesses do setor sucroalcooleiro, cujos efeitos práticos recaem no arrendamento⁶ de áreas para garantir a produção de cana.

Acompanhamos o processo de reocupação dessas áreas há uma década, e o que temos visto indica situações de devastação dos Cerrados e a implementação de uma agricultura de precisão que a partir do uso de investimentos de capitais assegura o desenvolvimento do agronegócio. Entretanto, chamam-nos a atenção as relações que as comunidades tradicionais vêm estabelecendo nesses lugares para manter seus territórios.

No lugar São Jerônimo (Mapa 2), são relações estabelecidas que se particularizam entre famílias. Trata-se de simbioses que inclui o conhecimento que se tem da natureza, dos ciclos naturais e os recursos renováveis. Na prática, tudo isso parece promover o dinamismo dos modos de vida baseados na elaboração de estratégias de uso e manejo do território, construídos e transmitidos de geração a geração. No processo, há uma construção histórica da vida, adaptadas ao acesso de novas técnicas e conhecimentos (DIEGUES, 2000).

⁶ O arrendamento nas propriedades camponesas, surgem como saídas para lidarem com os elevados custos de empréstimos, investimentos de maquinário, etc.

MAPA 2: Comunidade de São Jerônimo, município de Limeira do Oeste-MG



Fonte: IBGE MUNICÍPIOS, 2007. Org: ZUFFI, M. A. 2015. Dig: COSTA, Ricardo da Silva. 2015.

Em vários lugares da região, ouvimos narrativas semelhantes e que nos conduziram a compreender a força da comunidade, ou seja, a união dos objetivos de cada um dos moradores. Seus interesses em comum nos relatam o sentido da permanência no lugar, a parceria, a reciprocidade social e cultural de cada um.

*Antigamente nois chegava na casa do outro que não tinha muita condição, que era mais fraco, e ia limpar a roça. Nois chegava de madrugada, acordava ele e a família e ia limpando, limpava tudo.*⁷

A percepção da necessidade de realizar em conjunto uma tarefa alheia à família já demonstra o cuidado com o próximo. Levantar cedo, com disposição para fazer algo benéfico para o próximo, indica-nos que o cotidiano daqueles sujeitos era repleto de tensões, inseguranças e imposições de várias nuances. Desse modo, aprender que a retribuição é necessária no cotidiano deles era uma imposição para se viver em comunidade.

A compreensão das imposições do cotidiano dessas pessoas era parte da construção de suas essências culturais, morais e ética. O mundo era encarado e enfrentado com a soma de fenômenos (naturais e antrópicos). Segundo Lefebvre (1968):

Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidade etc.), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis). (LEFEBVRE, 1968. p. 20).

O momento atual desses sujeitos, assim como o autor discorre sobre o cotidiano, produz um homem que se reinventa conforme suas necessidades. Nesse contexto, a mutualidade aparece mais objetiva nesse cotidiano, vem do vivido, do experienciado, do sentido de cooperação, que nada mais é do que uma forma de afirmar que o camponês sempre esteve sozinho, esquecido pelo Estado ou recuado de sua eminência rural na sociedade.

As lutas, conquistas, tudo sempre foi parte da construção histórica desses sujeitos. O camponês é um sujeito que nasce, vive e morre dentro de um duplo sentido: viver ou não viver. Nos dias atuais, continuam buscando esse sentido. Por isso, essa ajuda é tão importante para manter sua história, é o que entendemos ser uma parte da resiliência deles no lugar.

⁷ Fala Camponês número 2 da Comunidade de São Jerônimo durante uma entrevista no ano de 2017.

Observando o cotidiano dessas pessoas, consideramos a categoria lugar para conhecermos os propulsores de suas ações, pensamentos e projetos de vida. Define-se então, o lugar social como resultado dessas vivências, que é quando essas pessoas se (re)constituem.

A comunidade se apresenta dentro de um contexto de tensões, como uma estrutura social segura. Ela é algo benéfico para todos que estão a sua volta. No entanto, sua construção deve ser partilhada e estimulada na consciência por todos, pois não se trata apenas uma questão política, mas social e cultural.

A construção de uma comunidade significa um meio para se exercer poder, visto que há uma luta para eles manterem o lugar a seu favor, afinal, como eles mesmos dizem: *O pequeno produtor é um cara recantiado, abandonado pelo governo*⁸.

Essas pessoas, no lugar, estão lutando para continuar existindo na e pela comunidade, e mais, lutam para manter seus direitos como pertencentes ao lugar/ comunidade. Desse modo,

O lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), a densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a ideia de densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também em função da densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório). A esta definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado. (CARLOS, 2007, p. 17).

Por isso a cumplicidade e a ajuda mútua na comunidade são tão importantes para ela existir e fornecer fluidez à vida. Dessa forma, salientamos que é no lugar que as pessoas buscam cumprir o que o Estado não conseguiu.

Não há como negar que a vida de quem age independentemente não é cor-de-rosa. Os tormentos, que os críticos da vida não mais baseada seguramente na atribuição tentam captar na imagem da ‘identidade superficial e inexpressiva’, são genuínos. Os tormentos são muitos, mas todos eles se reduzem ao sentimento pernicioso, penoso e nauseante de perpétua incerteza em tudo o que diz respeito ao futuro. O ritmo da mudança rápido, e em contínua aceleração, torna uma coisa indiscutível: que o futuro não será como o presente. Mas a veloz sucessão de futuros que se dissolvem numa sucessão de presentes ensina igualmente – além da dúvida razoável – que o presente hoje (ou pelo menos sua parte subjetivamente dominada, ‘domesticada’ e ‘domada’) não compromete o futuro, esse presente do amanhã-e, assim, existe pouca coisa que o indivíduo possa fazer hoje para assegurar o atingimento dos resultados que ele ou ela deseja manter amanhã. (BAUMAN, 1998, p. 238-239).

⁸ Fala Camponês número 3 da Comunidade de São Jerônimo durante uma entrevista no ano de 2017.

Assegurar hoje, amanhã e depois, uma garantia para continuar sendo fornecedor de leite aos laticínios é uma forma de manifestar os conteúdos da resiliência campesina. O que vemos, por entre os membros da comunidade de São Jerônimo (Foto 1), são esforços de pessoas que querem permanecer no lugar, manter o território, ter reciprocidade. E, também, denotam que há um processo de valorização do espaço, implícito nas relações sociais, o qual, necessariamente, tem que se territorializar para permitir alguma apropriação (SEABRA, 2004, p. 183).

FOTO 1: Sede da Comunidade São Jerônimo, onde acontecem as reuniões e festividades



Fonte: Trabalho de Campo no município de Limeira do Oeste, 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

A territorialização desses sujeitos a partir da comunidade vem sempre acompanhada de um acontecimento coletivo, em que um, considerando as suas necessidades/interesses, ajuda o outro, doa o que é possível, geralmente, tempo, ideias, conhecimentos e faz a vida acontecer nos contextos da existência. A horta, o pomar do vizinho é verde porque ele ganhou adubo da porteira ao lado, porque o curso do córrego não foi interrompido por aqueles que ocupam a montante.

A construção dessa relação não é algo novo, é fundamentada no tempo, no conhecimento que os sujeitos detêm da natureza, do outro, do vizinho, desde suas primeiras

aproximações. Alguns conjuntos de valores humanos que foram conquistados no lugar alimentaram e continuam cevando a vida comunitária e, de certo modo, chegam aos novos vizinhos, especificamente aos assentados.

Para aqueles moradores do lugar São Jerônimo, o território é construído espacialmente, localizado e delimitado por interações sociais, culturais e religiosas. Nele, o sujeito tem valor, ele constrói redes, sistemas, técnicas e expressa aquilo que melhor o define como morador do lugar. Existe um segmento, e, no território da comunidade, os vizinhos são elementos dessa “teia”, onde um tem a terra, o outro o orgânico, o outro o trator e assim uma contiguidade de elementos que constituem os territórios e promovem a vida associada à comunidade.

Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas são segmentarizados, de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas ao contrário para garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal. [...] Tem-se um porvir, não um devir. Eis uma primeira linha de vida, linha de segmentaridade dura ou molar; de forma alguma é uma linha de morte, já que ocupa e atravessa nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar. Ela comporta até mesmo muita ternura e amor. Seria fácil demais dizer: ‘essa linha é ruim’, pois vocês a encontrarão por toda a parte, e em todas as outras. (DELEUZE & GUATTARI, 1996. p. 61-67).

Considerando as diferenças entre os segmentos de cada vizinho, há algo em comum, a permanência no lugar e a vontade/necessidade de manter o território. Um cultiva cana, o outro alface, o outro cria gado e, assim, os segmentos se entrelaçam, conjuga-se todo um jogo de territórios bem determinados, planejados. Deleuze e Guattari retratam bem a construção dos laços na tomada de consciência dessa construção.

A ordem nesse “arranjo” é uma conjuntura empreendida nos planos social, cultural, político e, por que não, ambiental. A mecanização e a tecnificação determinam o valor do mercado, e o senso coletivo luta para manter os valores das suas humanidades: *Se matava uma vaca aqui, tirava um quarto pros que ajudavam e depois eles devolviam*⁹.

Na comunidade em estudo, a devolução acontecia quando se levava outro animal para o abate, então o vizinho que ajuda recebe uma retribuição, e, assim, um fractal de ajuda mútua. Observamos que essa garantia da carne acontece em diversos outros momentos. São

⁹ Fala Camponês número 3 da Comunidade de São Jerônimo durante uma entrevista no ano de 2017.

relações pautadas na confiança, e essa troca entre o produto e a ajuda não é algo que acontece como gratidão, mas já é tão correspondente deles que acontece “naturalmente”.

Para cada segmento da vida, a comunidade encontra uma forma de manter o território desses agricultores. Diante da velocidade das informações e mudanças que acontecem no mercado agropecuário, os valores humanitários, pautados na reciprocidade, reaparecem como uma solução imediata, e aí entendemos a complexidade do ser e estar na comunidade.

Esses modos de vida não foram construídos de um dia para o outro. Confiança, reciprocidade e mutualidade não se constroem fora de processos densos e ricos de humanidades. Por isso, entendemos o modo de vida como construção histórica, regulada nas imposições da vida e de idealizações, em que cada pessoa compõe um seguimento desse sistema.

Um sistema que tem como principal orientação seus valores humanos e a estreita coesão entre o poder das imposições da vida e as limitações de acesso à natureza. Os homens do campo, principalmente aqueles que nos dias atuais tentam preservar seus modos de vida, desempenham um papel fundamental e decisivo na estrutura do “ecossistema” de uma comunidade. La Blache reforça essa ideia quando ele escreve que o homem, quando tomou partido de sua vida e se deparou com as desigualdades, passou a modificar suas oportunidades, desempenhando um papel decisivo na balança.

Um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. Sem dúvida, a ação do homem se faz sentir sobre seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento; pode-se dizer que, desde os primórdios das civilizações, essa ação não foi negligenciável. Mas totalmente diferente é o efeito de hábitos organizados e sistemáticos que esculpem cada vez mais profundamente seus sulcos, impondo-se pela força adquirida por gerações sucessivas, imprimindo suas marcas nos espíritos, direcionando em um sentido determinado todas as forças do progresso. (LA BLACHE, 2005, p. 114).

A decisão de ficar na comunidade, mesmo diante de propostas sedutoras de arrendamento colocando seus projetos à prova a todo o momento, é um ato de confiança; permanecer no lugar e viver do trabalho que se efetiva na terra parece ecoar mais alto. O preço que as pessoas pagam pela liberdade e domínio de suas ações tem uma razão, os modos de vida, ou, como La Blache denomina, os gêneros de vida, e isso só foi obtido quando se encontraram no lugar sujeitos que tinham as mesmas intenções, que colaborariam para que isso acontecesse.

As trocas subjetivas que as pessoas partilham entre si são apresentadas nos modos de vida que afirmam e ampliam ainda mais a identidade e o sentimento de pertencimento e de defesa do lugar vivido. A complexidade da cultura daqueles camponeses, decididamente, vem como resultado das trocas objetivas e subjetivas que eles exercem, na interação e na composição de interesses que produzem um agrupamento social, no qual eles se sentem mais realizados, em uma construção contínua pela defesa do lugar.

Quem criou essas comunidades foi o padre Rafael, não sei a época, ele falou: 'vamos fazer um barracão ali, vir celebrar uma missa'. Era um cara que onde passava, tinha uma multidão seguindo. Ele vinha celebrar a missa, tinha umas 200 pessoas, hoje, vêm umas 25. (...) Eu fico preocupado com meus filhos, porque eu acho que eles não vão ter essas coisas quando eles crescerem.¹⁰

Os recursos partilhados são fundamentais na definição dos modos de vida desses sujeitos dentro da comunidade, são estratégias espaciais que visam influenciar e possibilitar o uso autônomo dos recursos naturais pelo modo de se lidar com a terra. Seguramente, os camponeses lançam mão de um conjunto de estratégias para permanecerem no lugar. Dessa forma, esses sujeitos se territorializam, usando sensatamente o espaço, sendo a comunidade socialmente construída e dependente de quem a está controlando, compreendendo essa interconectividade entre espaço e sociedade (SACK, 1986).

Por entendermos os camponeses da comunidade em estudo como sujeitos, ou seja, enquanto seres autônomos, únicos e complexos, seus domínios vão além do simples fato de existirem no lugar. Nesse contexto, há um mosaico de estratégias e relações que interferem na formação e na decisão deles enquanto puderem ser ativos e pensantes em sua própria existência.

A partir de interpretações dos escritos de Marx, alguns autores afirmam que o homem se liberta de sua condição natural por meio do trabalho e a partir dele passa a compreendê-lo enquanto um ser social, produzindo sua própria existência (SCAFF, 2013). A partir dessa assertiva, compreendemos que os camponeses, no lugar, estabelecem saberes e fazeres relevantes para cada tomada de decisão, seja no trato da terra ou do gado. Assim, consideramos que o camponês é um sujeito ativo, por isso sofre imposições, mas reage aos processos, considerando a sua vida cotidiana.

¹⁰ Fala do Camponês número 2 sobre a construção da comunidade e o medo de ela perder a importância e o lugar, principalmente para os filhos.

Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais. (MARTINS, 1998, p. 2).

É nesse espaço da vida cotidiana que o camponês em estudo parece (re)criar procedimentos e fazer acontecer as suas estratégias. Nele, também, as interações sociais acontecem e anunciam que esses sujeitos se relacionam com as instituições não aceitando as imposições.

*A prefeitura também tem um maquinário, a gente pega um incentivozinho de lá, pega umas hora mais barata que a hora particular né, e o prefeito dá uma ajudazinha de custo e nós vai tocando.*¹¹

As condições sociais em que as práticas desses sujeitos são postas na comunidade decorrem de suas invenções, a rigor relacionadas às suas territorialidades sociais. Isso implica em considerarmos que a determinação social ocorre na vida comunitária e implica em um conjunto de relações, envolvendo esses sujeitos mais ou menos metamorfoseados no processo de modernização do campo brasileiro. Portanto, existem várias contradições relacionadas à vida comunitária e que ainda permanecem no lugar sem solução. Por exemplo, a lógica dominante não exclui de suas vidas outras lógicas sociais, mas, por não serem englobados, não se “encaixarem” no sistema que circula ao lado deles, essa situação fez com que reforcemos o nosso enfoque sobre as territorialidades do camponês como parte de sua existência.

1.2 O Camponês de São Jerônimo

O modo de vida camponesa é um fenômeno a ser analisado, principalmente nos dias atuais, em que o capitalismo impõe a sua lógica dominante, estabelecendo sujeições e estabelecendo tecnologias e técnicas que objetivam a realização de lucros, contribuindo para o domínio capitalista nessas áreas.

Contraditoriamente ao domínio do agronegócio, temos no lugar a existência de criadores de gado leiteiro que vivem do trabalho da família, em que a obtenção de renda torna-se possível quando eles se organizam a partir da família e da comunidade. O intrigante

¹¹ Diálogo com Camponês número 1 a respeito da ajuda do Estado para os camponeses na produção de silo.

nessa comunidade é a forma de realização pessoal de cada integrante da família, afinal os desejos e as vontades, principalmente em um mundo de consumo como o nosso, tendem a capturar o sujeito, tornando-o um alienado aos ditames da moda estabelecidos pelo mercado e pela sociedade.

*Nunca foi fácil aqui (na fazenda). Nossa vida é trabaia. Mudar pra cidade eu não ia, porque não tem emprego lá! Ó pro ceis vê, esse ano eu botei uma bezerra no pasto, no ano que vem ela já produz e no outro já tem mais um bezerrinho, e vai se virando.*¹²

Diante dessa concepção, a questão camponesa aparece nesta dissertação considerando-se as complexidades sociais e culturais, que acabam destoando, por exemplo, da condição socioeconômica do proletário urbano. Os camponeses também estão ligados aos laticínios, que têm lá as suas imposições. Para cumpri-las, eles buscam, nas linhas de crédito e financiamentos dos bancos oficiais, aquilo que os favoreça e que não comprometa a autonomia da família.

Os camponeses da comunidade de São Jerônimo não são avessos ao uso de tecnologias, apenas discutem as formas e as reais necessidades de adquiri-las individualmente. Tal atitude indica que as suas forças produtivas estão relacionadas a racionalidades voltadas para realizar o projeto da família, uma vez que seus membros trabalham em prol do grupo familiar, suprimindo as suas necessidades.

Contudo, há várias mudanças na constituição do núcleo produtivo familiar. Há menos de meio século, filhos, pais, avós e netos constituíam as famílias da comunidade em estudo. Na maior parte, também moravam juntos. Neste momento (2017), somente os filhos mais velhos permanecem com os pais, e a tendência é se manterem assim, próximos. *O que os filhos ganham é deles, porque eles já fizeram o meu*¹³. Nessa fala, observamos justamente essa ajuda e reforçamos a ideia da produção familiar a que estamos nos referindo.

A compreensão do papel desempenhado por cada integrante da família e o aprendizado na lida do campo fazem parte de um processo interior desses sujeitos, e suas especificidades permanecem no desenvolvimento das famílias, mesmo nos dias atuais. E apesar de o capitalismo no campo dominar a agricultura brasileira, eles continuam aparecendo e (re)existindo, inclusive para defender, no lugar, o seu modo de vida.

¹² Diálogo com Camponês número 1 e com seu filho, Camponês número 2, sobre as dificuldades que eles enfrentam para permanecer na fazenda e como eles vão se virando para isso.

¹³ Fala do Camponês número 1 em entrevista na comunidade de São Jerônimo, justificando a distribuição da renda familiar.

Incorporados em uma sociedade marcada por constantes mudanças, esses sujeitos seguem transformando as suas próprias estratégias, principalmente em função da obtenção de resultados que atendam às suas necessidades sociais e, assim, diversifiquem suas práticas, para existirem no lugar como criadores de gado leiteiro.

Para o camponês, esse processo, quando implicando aplicações de recursos financeiros que o leve ao endividamento, ele avalia a viabilidade de permanecer na atividade, adaptando as suas práticas sociais. *Tem um cara aqui do lado, ele tem uma ordenha né, mas a energia aumentou muito, e pra pagá essa energia, ele vai ter que produzir muito leite*¹⁴.

Enquanto camponeses, eles tendem a usar tecnologias sem necessariamente serem seus proprietários particulares. Não ser proprietário de todas as máquinas necessárias para a atividade leiteira não significa afirmar que eles não são tecnificados. No caso em estudo, dispor de técnicas modernas de produção deriva das relações sociais, principalmente das trocas. Essa situação indica que, no cerrado, há ainda uma heterogeneidade de relações sociais e de produção.

Tal condição recomenda também que há uma campesinidade no cerrado, a qual pode ser definida pela luta de poder, inclusive simbólico, que possibilita materializar esse valor, a terra, ao trabalho e a própria existência social (SAUER, 2008, p. 34).

A partir do contexto dos camponeses em estudo, entendemos que se trata de grupos sociais objetados ao modelo agropecuário dominante, historicamente excludente e concentrador de terra e renda. A oposição entre esses dois mundos pode ser percebida a partir da paisagem presente nas Fotos 2 e 3.

Na Foto 2, vemos a presença de um símbolo econômico e social usado para as práticas produtivas na criação de gado. Observamos, ainda, uma construção em que o novo e o velho se estabelecem permeados pelo sentido cultural, em que a natureza e a terra proporcionam uma construção da vida por meio do trabalho livre, dos valores e dos sentidos para o estabelecimento do sujeito camponês.

A presença da usina, na Foto 3, nesse sentido, indica uma paisagem onde o desenvolvimento econômico e social são estabelecidos de formas desiguais. Os estranhamentos no território vão na contramão da campesinidade, ou seja, o trabalho como mercadoria e a perda da liberdade da terra em razão dos interesses do setor sucroenergético.

A complexidade tecnológica permite ao usineiro obter a cana-de-açúcar, açúcar, etanol, energia elétrica, entre outros subprodutos.

¹⁴ Fala do Camponês número 2 sobre as dificuldades diárias que eles têm para exercer as atividades corriqueiras com o uso de maquinário tecnificado que, a princípio, trabalha a ideia de facilitar a vida deles e aumentar a produção.

FOTO 2: Cocho de cimento cuja função é tratar o gado no período seco



Fonte: Fazenda na Comunidade de São Jerônimo. Trabalho de campo no município de Limeira do Oeste, 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

FOTO 3: Área da entrada da Usina Coruripe no município de Limeira do Oeste-MG



Fonte: Trabalho de campo no município de Limeira do Oeste, 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

1.3 Territorialidades camponesas em um território ameaçado pelo arrendamento

Os camponeses viveram e vivem tensões no processo de reocupação do cerrado, mas, em 2016, elas parecem ser mais constantes. Durante todo o ano, os caminhões que transportam as safras de cana enchem os pastos dos camponeses de poeira, reduzindo ainda mais a oferta de alimentos, com importantes implicações para se manterem na atividade da pecuária leiteira.

A saída pode estar sendo construída na aquisição de máquinas, de novas tecnologias, mas assumir dívidas financeiras é algo que os camponeses querem evitar. No entanto, o mercado é sedutor, desperta sonhos, mesmo que a sua realização esteja na aquisição, no uso individualizado de tecnologias e de mercadorias que antes víamos somente nas cidades.

No lugar, as necessidades sociais foram alteradas. Os camponeses também mudaram, mas por que então permanecem práticas antigas e suas características específicas? O que faz com que esses sujeitos mantenham sua residência ao lado do trabalho e no mesmo lugar que nasceram? Por que suas fontes de renda ainda estão relacionadas a uma pecuária que usa de relações sociais tradicionais, apesar de incorporar algumas tecnologias?

São perguntas que nos intrigaram durante os trabalhos de campo. Muitas delas podem ser respondidas apenas com um olhar mais próximo, outras necessitam de uma análise mais detalhada, pois envolvem complexidades da vida cotidiana.

Para estudar essas complexidades envolvendo as territorialidades, procedemos de forma a considerar as estratégias socioespaciais que influenciam os lugares. Trata-se de estudar as práticas sociais, enraizadas social e culturalmente, intimamente ligadas ao espaço, lugar e tempo. Assim, procuramos analisar as territorialidades, procurando compreender como os camponeses se organizam no espaço, e mais, como a partir delas vão estabelecendo sentido à vida em comunidade.

Enquanto estratégia para se estabelecerem e continuarem fornecendo leite para os laticínios, percebemos diferentes formas de os camponeses organizarem a propriedade, o trabalho da família e as relações comunitárias. Nessas relações, a territorialidade pode ser entendida como algo que se estabelece nos pequenos atos cotidianos, é político, cultural e religioso. A necessidade de continuar existindo, para o camponês, vem de sua essência, de sua necessidade de comer, viver e permanecer no lugar.

A territorialidade envolve múltiplos níveis de razão e significados, e a interação humana bem como o movimento tendem a influenciar as ações dos demais quanto a ela, mas

nos resultados da influência desse poder é que podemos entender essa territorialidade (SACK, 1986).

O abrigo da casa na sede da propriedade camponesa, as festas que acontecem junto aos vizinhos, a missa e a procissão são elaborações camponesas que assumem status de instituição. Seus enlaces justificam a permanência desses sujeitos no lugar, pois há uma interação muito forte entre eles. No caso da família do Camponês número 1, as práticas sociais que possibilitaram a fixação de seus familiares acompanharam os passos do outro irmão, Camponês número 3.

Nas narrativas desses dois sujeitos, há momentos épicos que são enfatizados como pioneirismo. Eles informam que, na carga dos carros de bois, os dois irmãos trouxeram lembranças e expectativas de um futuro promissor, eles queriam que todos tivessem a mesma passagem, vivenciassem os mesmos prazeres e por que não até os mesmos desprazeres.

Eles consideram também que o deslocamento da família, o processo de migração a que foram submetidos no início do século XX, proporcionou coisas boas, e com elas também vieram coisas ruins, mas nada é tão gratificante quanto o sentimento de autonomia, pois o deslocamento da família para Limeira foi considerado como uma possibilidade de procurar um lugar no mundo.

Mesmo que a migração tenha representado dificuldades, ela também deve ser entendida como uma possibilidade de independência, emancipação, todos os sinônimos que nos levam a compreender o porquê de eles saírem de um lugar e procurarem outro, permanecendo camponeses.

Na condição de camponeses, eles são donos da terra. Eles expressam, em suas falas, a possibilidade de poder olhar para o lado e pensar em modificar toda sua plantação, sem um prazo a cumprir ou a quem justificar. Certamente, nesses atos, entendem-se como sujeitos que se realizam nessas iniciativas.

Contudo, esse território formado pelas famílias comparece em nossas análises como seriamente ameaçado. No contexto do arrendamento proposto pela usina sucroalcooleira, ao arrendar para a cana-de-açúcar, exemplificando as dinâmicas que temos observado, entendemos como opostas aos interesses camponeses. No lugar, eles percebem que, ao alugarem suas glebas, podem perder a sua autonomia, pois, ao cederem terras para a usina de álcool e açúcar, vão ter um contrato a cumprir. Por isso, nos questionamos sobre a ameaça que representa o arrendamento.

Não temos dúvidas sobre a concretude das ameaças e suas efetivações no universo camponês. As sedução e a comodidade do arrendamento em uma sociedade como a nossa

atrai até os mais antigos camponeses. Os contratos são interpretados como afirmadores de certa conveniência aos donos de terra. Muitas vezes, cansados das tensões diárias da vida no campo, eles são seduzidos a acreditarem na renda ofertada pelo “aluguel”. Afinal, todo mês, sem esforço nenhum, cai na conta de cada arrendatário uma quantia que pode ser recebida, controlada lá da cidade.

A terra como mercadoria pode então entrar para um sistema que remunera o dono da terra sem que ele incorpore trabalho nela. Nessa relação contratual, permite-se aos proprietários de usina expandir suas lavouras nas terras das quais eles não são donos. Assim, eles não têm que imobilizar capital para comprar terras. Em terras de fertilidade natural elevada, suas produções são obtidas sem ter que investir aportes de capitais no negócio.

Sem dúvida, essa situação é complexa, pois, se de um lado tem um sujeito cansado das esguelhas do campo, do outro tem um sujeito que não sai dele. Isso não significa que essas pessoas optaram por uma alternativa. Entretanto, há um modo de vida que precisa ser considerado. Significa dizer que a permanência camponesa no lugar é de ordem dialética, de modo que os acontecimentos não são ao acaso, mas sentidos, vividos em determinadas circunstâncias.

O mundo dos camponeses não pode ser retratado com superficialidade, visto que é um mundo rico, denso, repleto de experiências e reflexões que indicam um comprometimento em assegurar renda e trabalho para a vida familiar. Um território mantido pela lógica camponesa, derivada de conhecimentos elaborados nos termos de suas necessidades, não pode ser interpretado apenas sob a perspectiva econômica.

Assim, o território se apresenta para aqueles camponeses como uma concepção de realização da vida, um ato, um movimento que se repete e sobre o qual impõe a todos que se exerça algum tipo de controle.

Haesbaert (2011) define o território como sendo uma referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido. Certamente, estamos diante de práticas sociais e culturais que, apesar de estarem em construção, dialogam com seus resíduos¹⁵, na interação entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura e entre materialidade e “idealidade”, numa complexa interação tempo-espço. Sendo assim,

O território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder

¹⁵ Resíduos, neste contexto, é tratado como aquilo que fica, que remanesce das heranças culturais dos sujeitos.

mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. (HAESBAERT, 2011. p.79).

A autonomia derivada do fato de o sujeito ser dono da terra e dela viver lhe possibilita manusear, criar laços, vínculos com o lugar, ter o direito e a decisão de fazer dela aquilo que favoreça a vida familiar. Trata-se de um sentimento de pertencimento e de poder nas tomadas de decisões. Quando não se tem o domínio do lugar, como no caso dos proprietários de terra que arrendam para a cana-de-açúcar, fica-se à mercê das usinas e das contradições que vêm junto delas. Milton Santos também estabelece relações entre esses movimentos:

O território, visto como unidade e diversidade é uma questão central da história humana e de cada país e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual. [...] O uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estrutura, para as quais estamos igualmente utilizando a denominação de *sistemas de engenharia*, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico. (SANTOS, 2003. p. 20-21).

O encurralamento que as usinas promovem em torno dos camponeses evidencia essa disputa pelo espaço, gerando impactos nos territórios de quem vive neles. As reflexões de Santos com relação à distribuição espacial apontam para essa inconformidade dos primeiros em aceitar a situação e sugerem uma relação de poder, revelando, implicitamente, nesse processo, uma justificativa para o território camponês existir. *Nois tamo aqui, os pequeno prensado pelos grandes*¹⁶. Existe ciência dessa situação por parte dos camponeses, pois eles sabem das tensões fabricadas cotidianamente no campo e parecem estar preparados para enfrentar aquelas que ainda estão por vir.

Essa possibilidade de ficar no lugar, mesmo sendo impactados pelas usinas sucroenergéticas, sinaliza que os camponeses pertencem à sociedade capitalista, mas se articulam com ela a partir de lógicas sociais diferentes. Para Saquet, essa disputa de poder já diferencia o espaço do território dos camponeses. O território é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações socioespaciais, nas quais a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras (SAQUET, 2007. p. 58).

Ainda conforme o autor:

¹⁶ Fala do camponês número 3, durante trabalho de campo realizado em 2017.

O processo de territorialização é um movimento historicamente determinado; é um dos produtos socioespaciais do movimento e das contradições sociais, sob as forças econômicas, políticas e culturais, que determinam as diferentes territorialidades, no tempo e no espaço, as próprias des-territorialidades e as reterritorialidades. Estes processos (des-re-territorialização) são concomitantes, nos quais, a natureza exterior ao homem é um dos componentes importantes. (SAQUET, 2007, p. 69).

Essas dinâmicas territoriais de competição pelo espaço, de alguma forma, tencionam a vida dos camponeses. Na prática, os seus modos de vida, suas identidades e pertencimentos ao lugar podem suscitar formas de organização e de defesa do território. Isso significa que, no lugar, as circunstâncias relativas ao uso do espaço vão além do arrendamento. Trata-se de entender que as relações envolvendo famílias, suas religiosidades e valores humanos, expressados como ética e moral, são pontos a serem considerados como possibilidades de um modo de vida estabelecido no lugar, que, articulados entre si, podem promover ações que reestabeleçam o território camponês.

Nesse contexto de ler e considerar as especificidades camponesas, torna-se importante considerar que saberes antigos, complexos ou simples, podem comparecer na vida das famílias, inclusive para indicar escolhas de permanecer no lugar. Evocar os conhecimentos e as práticas que caracterizaram esses sujeitos como camponeses no território pode ser um dessas alternativas. Eles têm condições de acionar seus conhecimentos para enfrentar as dificuldades da vida. Nas propriedades camponesas, eles ainda fazem a carne de lata. Trata-se de uma iguaria mostrada por vários “gourmets” na televisão brasileira, sendo uma solução adaptada à falta de equipamento para manter o alimento, como bem nos exemplificaram: *Não tinha energia, aí a gente tinha que fritar e depois guardava tudo na lata pra não estragar*¹⁷.

Isso significa que para conduzir a vida – já que eles não detêm as mesmas tecnologias que facilitam e aumentam a produção agropecuária, como é o caso do agronegócio – os camponeses acabam levando em conta práticas e ações que lhes possibilitam, no território, direcionar a forma de se relacionar com as pessoas no espaço rural.

Com essas considerações, observamos uma dinâmica econômica toda baseada em práticas sociais bastante lastreadas na família. Na comunidade de São Jerônimo, observamos que todos da família trabalham juntos, todos voltados para o mesmo propósito, consolidar a renda e proporcionar segurança.

Entre as pessoas que participam da elaboração da renda familiar, não observamos a constituição de salário, mas de uma partilha de rendimentos que são quantificados a partir do

¹⁷ Fala do Camponês número 3, na Comunidade São Jerônimo.

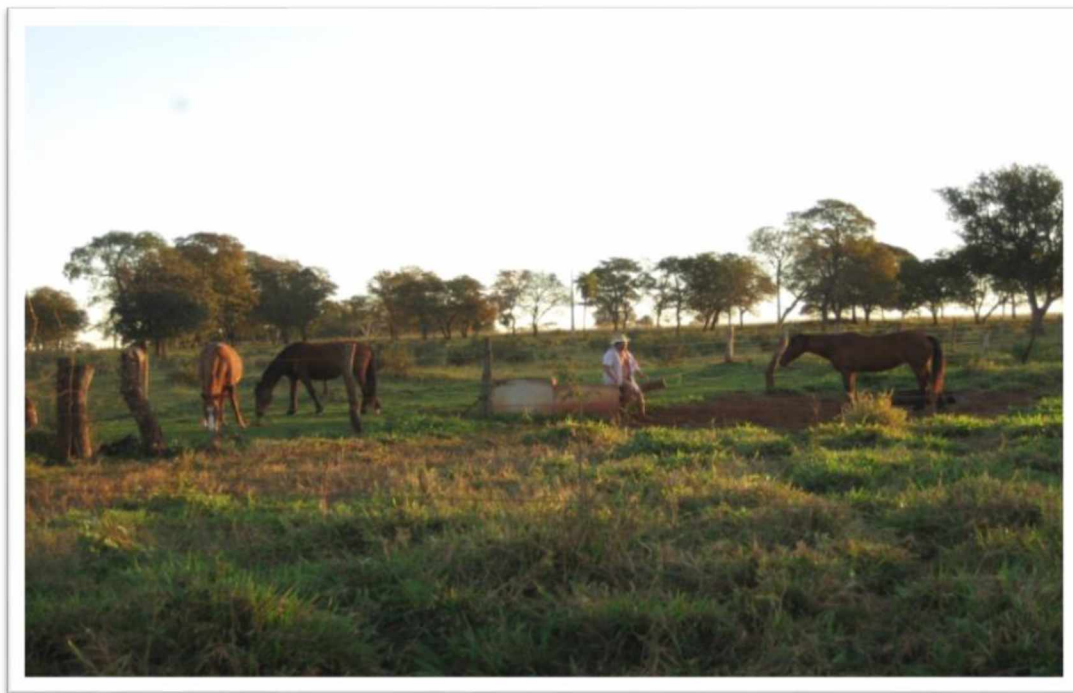
propósito de sanar as despesas de todos. Para Chayanov, o camponês trabalha de maneira independente e é inteiramente responsável por sua produção e pelas suas outras atividades econômicas. Ele dispõe totalmente do produto do seu trabalho, sendo levado a fornecer tal trabalho pela procura das suas famílias, cuja satisfação só a fadiga, devida ao trabalho, opõe um limite (CHAYANOV, 2014. p. 117).

Tomando como exemplo os produtores de cachaça no cerrado do Triângulo Mineiro, podemos compreender melhor a existência das suas práticas, a qual estamos tratando, pois, nesse caso, mais importante que a própria bebida é a ideia de segurança e de poupança que ela representa. A “artesanalidade” da cachaça é uma das características que fazem com que ela transcenda a condição de mercadoria, passando a ter um valor de reserva, uma vez que pode ser guardada para ser usada em desapertos da família. Desse modo, ela extrapola sua condição de mercadoria, passando da condição de produto artesanal para poupança. Os camponeses se orgulham do seu artigo, pois depositam nele seu dispêndio de tempo, seus projetos de família. Nessa situação, a cachaça passa a ser dotada de acúmulos, principalmente de valores culturais agregados ao período de envelhecimento.

Como aponta o filósofo Bachelard (2010, p. 35), “tudo quanto é simples, tudo quanto é forte em nós, tudo quanto é duradouro mesmo, é o dom de um instante”. No ato de guardar a cachaça, criam-se reservas para serem consumidas quando necessário. O camponês parece potencializa-se, criando não só estratégias, mas sentidos para existir e poder permanecer criativo, inventivo e irreverente no cotidiano.

É nessa diferença que pautamos nossa discussão com relação aos resultados da economia camponesa, decorrente das práticas e estratégias do camponês (Foto 4). Assim como na pecuária leiteira, reservar os bezerros machos para mediar o enfrentamento de imprevistos de várias ordens, a cachaça, a carne de lata, a cachaça é resultado dos arranjos que esses sujeitos estabelecem na vida prática. A atividade de percorrer os pastos, verificar os tanques de dessedentação dos animais é diária e constante.

FOTO 4: Camponês da Comunidade de São Jerônimo



Fonte: Trabalho de Campo em Limeira do Oeste. 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

Nesse processo de constituição de tensões socioespaciais com implicações no território, o camponês se apresenta como imprescindível para a análise das mutações do espaço. Shanin corrobora essa afirmação:

O camponês deve ser compreendido, portanto, através da investigação das características do estabelecimento rural familiar camponês, tanto internas quanto externas, isto é, suas especificidades, reações e interações com o contexto social mais amplo. Um ponto a ser lembrado, especialmente no contexto das diversas experiências ‘ocidentais’, é que a essência de tal unidade reside não no parentesco, mas na produção. (SHANIN, 2006, p. 5).

A agricultura camponesa se difere das demais relações sociais e de produção existente no campo de diversas formas, mas principalmente pela lógica social que a sustenta. Com relação às desigualdades econômicas, enquanto concorrentes do agronegócio, as concepções de agricultura desses camponeses são ressaltadas no âmbito da decisão de permanecerem na atividade rural, sobressaindo saberes acumulados ao longo de gerações, uma vez que eles não acumulam capital, mas acumulam práticas e conhecimentos que os fazem seres pensantes, capazes de desenvolver racionalidades que lhes assegurem um lugar no mundo dominado pelo capital.

Segundo José de Souza Martins:

A produção capitalista de relações não capitalistas de produção expressa não apenas uma forma de reprodução ampliada do capital, mas também a reprodução ampliada das contradições do capitalismo – o movimento contraditório não só de subordinação de relações pré-capitalistas ao capital, mas também de criação de relações antagônicas e subordinadas não capitalistas. (MARTINS, 2015, p. 37).

Não abrindo mão de suas práticas sociais, que lhes constituem enquanto camponeses, a vida pode ser pensada e objetivada com possibilidades de tempos e espaços de autonomia, desenvolvendo-se, assim, habilidades para lidar com as tensões diárias a que eles são postos no meio rural. Nesse sentido, entendemos que, para fortalecer as suas especificidades resilientes, esses camponeses prezam, principalmente, pela autonomia, de modo que negociam princípios, normas sociais que nutrem suas trocas.

Devemos, portanto, compreender que o cotidiano dos camponeses não é apenas uma realidade garantida na conduta de suas vidas, mas, também, um mundo construído a partir de pensamentos, ações e processos que os levaram aos objetivos que têm hoje.

É justamente no cotidiano que esses sujeitos ganham força para manter seu território. Nele, mostram-se donos e senhores do lugar, conscientes de que é nele que devem permanecer. É como Berger & Luckmann (1966) apontam, uma consciência capaz de se deslocar através de diferentes esferas da realidade; sair dessa realidade, ou seja, do cotidiano, seria um choque.

Passar por essa transição é algo que pode ser tanto traumático quanto enriquecedor para suas práticas. Assim, para que essas pessoas vivam a condição de camponês, é preciso viver no lugar várias interações. Trata-se de interagir com os vizinhos, com as instituições, com os saberes e fazeres, propiciando habilidades para lidar com a insegurança e com a desconfiança – uma dialética de interações que geram segurança, insegurança, confiança, desconfiança, entre outras situações.

A permanência do camponês pode ser pensada como um enigma apresentado pelo próprio camponês de São Jerônimo: *O povo da roça que agrupou na cidade, mas não tem instrução nenhuma, o que acontece com ele?*¹⁸. Essa manifestação denota uma compreensão do mundo moderno em que cada um exerce uma minúscula participação no processo produtivo e não consegue desenvolver-se amplamente. Nesse entendimento, certamente a escolaridade é percebida como um obstáculo para essas pessoas. O receio de largar uma certeza para a incerteza é uma transição que assusta. Ou como eles mesmos colocam, o que eles iriam fazer? Deixar de ser camponês? Largar o território e suas conquistas para serem

¹⁸ Camponês número 4, de São Jerônimo em entrevista na comunidade, 2017.

estranhos em outro lugar? Seguramente essas incertezas os pressionam a permanecerem no lugar e continuarem (re)existindo como são.

É justamente na fala desse camponês da Comunidade de São Jerônimo, que vemos as suas resiliências relacionadas ao apego ao território para compreendermos um pouco mais sobre suas relações sociais e o cooperativismo/ajuda mútua, que lhes possibilitam formas alternativas para lhe darem com as imposições capitalistas, as quais discutiremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2:

CAMPONESES CERCADOS PELA CANA-DE-AÇÚCAR

Na geografia, há vários estudos voltados para questões sociais e econômicas relacionadas à produção canavieira no Brasil e sobre como grupos tradicionais do espaço rural estão lidando com essa situação.

Sempre que nos deparamos com esses, há algumas perguntas que nos intrigam: “Como ainda existem camponeses nessas áreas e por que eles permanecem por lá?”. Em nosso grupo de estudo e nos diversos trabalhos de campo que realizamos na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sempre nos deparávamos com essa situação, até o momento em que começamos a enxergar esses camponeses como sujeitos resilientes. Neste capítulo, iremos discutir as formas como eles vivem as tensões fabricadas no processo de produzir cana-de-açúcar para abastecer o setor sucroalcooleiro e sucroenergético.

Consideramos as dinâmicas do espaço em estudo e na sequência discutimos as formas com que os camponeses se relacionam com as tensões que chegam aos seus territórios, provocando diversas conscientizações e envolvendo os seus modos de vida.

Segundo Andrade (1995, p. 20), “a formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas”.

No contexto da expansão do setor sucroenergético, as comunidades tradicionais da região do Triângulo Mineiro são impactadas a partir de ações do Estado, que durante muito tempo vem incentivando a reprodução ampliada desse setor. O cerne da questão está, justamente, nas políticas que foram estabelecidas para beneficiar aquele setor. Os ritmos de produção são intensos e foram elaborados para atender a uma demanda contínua, de modo que foram necessários investimentos tecnológicos que só poderiam ser adquiridos pelos grandes produtores e pelas usinas.

Podemos dizer, dentro de uma perspectiva geopolítica, que boa parte das relações sociais e econômicas que observamos, nos dias atuais, resultam de estratégias territoriais capitalistas que emergem de um Estado excludente e beneficia os interesses de um grupo distinto.

No meio rural, esse grupo favorecido toma espaço na produção dos alimentos e, atualmente, de energia, ocasionando um cerco aos que não fazem parte desse processo. A exploração dos bens naturais do campo parte desse grupo de sujeitos que detêm o capital e

dominam técnicas modernas que maximizam seus ganhos, aumentando a produção e, ao mesmo tempo, barateando seus produtos.

A questão agrária é um assunto pertinente para compreendermos as dinâmicas sociais vivenciadas em nosso país. Nesse processo, há, junto à modernização da atividade agrícola, intensa substituição de áreas anteriormente de florestas por áreas cultivadas. No cerrado, vivemos um momento de importantes implicações ecológicas devido ao desmatamento desenfreado nessas áreas e, mais afundo, na chapada desse bioma.

Para compreendermos melhor tais transformações, é necessário entendermos as políticas de campo criadas para expandir a reocupação das terras agricultáveis do cerrado. Nas terras planas, as monoculturas, como a cana-de-açúcar, surgem e causam “estranhamentos” no lugar vivido dos camponeses. *A cana tá chegando perto da gente dá medo né? Muita gente diferente vem com ela, tá perigoso só!*¹⁹.

O cultivo da cana-de-açúcar tem se acentuado por diversas regiões brasileiras e se transformou numa importante “parceira” para o desenvolvimento econômico no país. Com isso, o Brasil passou a ser referência no cenário produtivo mundial.

Essa expansão do setor sucroenergético, por meio das constantes transformações nas paisagens, deixou um lastro de tensões territoriais entre os camponeses que ainda não foram “capturados” pela política de inserção e aumento da oferta de terras para a ampliação da monocultura da cana, em áreas próximas às Usinas Sucroenergéticas.

A princípio, o Estado de Minas Gerais, assim como boa parte da constituição do território brasileiro, foi alvo de usos abusivos dos recursos naturais envolvendo o cultivo da cana-de-açúcar, introduzida no período colonial. No século XX, ela retorna ao campo brasileiro e acaba sendo uma das principais culturas do agronegócio brasileiro. As usinas canavieiras formam grandes complexos agroindustriais, que em um primeiro momento são denominados setor sucroalcooleiro, devido à fabricação de álcool (etanol) para abastecimento de veículos automotivos e à fabricação de açúcar, um produto alimentar. A partir dos pesados investimentos econômicos e pesquisas científicas realizadas para ampliar os resultados produtivos, constatou-se que a cana-de-açúcar também poderia contribuir com a geração de bioenergia, que, além de abastecer o complexo, poderia negociar a energia produzida a partir do bagaço da cana, junto às usinas hidrelétricas. A diversificação de produtos, a partir da cana, propiciou outras denominações ao setor, por exemplo, o sucroenergético, como é conhecida atualmente a obtenção de energia elétrica com a queima dos seus resquícios.

¹⁹ Camponês número 4, da comunidade de São Jerônimo, nos contando os sentimentos que eles tiveram quando as plantações de cana se aproximaram da fazenda dele.

Toda a estrutura produtiva acaba cobrando dos municípios eficiência para atender vários serviços relacionados à produção da cana-de-açúcar. Na área urbana, contar com o banco, com as cooperativas, com o cartório e com estradas que permitam a fluidez das coisas é fundamental. Essas infraestruturas são usadas para atender às necessidades do setor sucroalcooleiro, que reorganiza o espaço de produção.

Para Frederico (2004), os complexos agroindustriais surgiram em decorrência da modernização e industrialização da agricultura e se caracterizam por uma maior especialização dos segmentos, com importante regulação do Estado, seu principal financiador. O marco desse processo foi sua expansão para o cerrado.

Nesse sentido, além da articulação de um conjunto de políticas voltadas ao desenvolvimento industrial e agrícola em sua totalidade, implanta-se, por intermédio de incentivos fiscais a partir dos anos 1960, o Projeto de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER).

No contexto da expansão sucroenergética e alcooleira na mesorregião geográfica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, o bioma do cerrado foi envolvido no processo de reocupação do espaço, materializado na paisagem por enormes lavouras de cana-de-açúcar. É notória a expansão dessa cultura e a reterritorialização provocada pelas ações do setor sucroenergético. Esse processo de reprodução ampliada dos capitais envolvidos no setor sucroalcooleiro/sucroenergético possibilita a radical substituição de culturas e atividades agrícolas tradicionais pela monocultura da cana. Esse fenômeno tem sido alvo de intensas discussões acerca da forma pela qual a (re)ocupação e redefinição do espaço do bioma do cerrado têm sido feitas.

Os discursos que legitimam essa prática apregoam que é uma forma de atender à demanda dos setores econômico e agrário da região no contexto do mercado interno e externo. Nessa conjuntura, apontam-se alguns benefícios da atividade sucroenergética na região pautadas na geração de emprego e renda, desconsiderando-se os problemas socioambientais decorrentes desse processo produtivo. De forma próxima, podem-se apontar os riscos que se têm em relação à redução da produção de alimentos, se considerarmos uma possível homogeneização da produção agrícola na área agricultável.

A inserção da monocultura da cana faz parte de um contexto de exploração de recursos, tais como o solo, os recursos hídricos, a força de trabalho e a infraestrutura existente nessa parte do cerrado. Nesse sentido, deve-se pensar a transformação em diversas escalas de espaço e tempo, as quais induzem à nova configuração da paisagem da área agricultável.

2.1 Os camponeses no cerco dos canaviais

Para a compreensão dessa expansão capitalista que circunda os camponeses da comunidade de São Jerônimo do município de Limeira do Oeste, é preciso compreender as lógicas sociais e econômicas que relacionam os sujeitos nos seus espaços de vivência de práticas produtivas.

Faz-se importante, tendo em vista o contexto social, espacial e histórico dos camponeses do cerrado, examinar as possibilidades de eles terem criado ou recriado as suas territorialidades.

Como já analisado, o processo de reocupação do cerrado foi desenvolvido a partir de lógicas produtivas baseadas no agronegócio e a partir da intervenção do Estado e das grandes empresas investidoras que objetivam extrair das políticas públicas altos subsídios. No caso do município de Limeira do Oeste, tal situação pode estar relacionada ao atendimento também das demandas locais, especialmente dos donos de terra.

Além dessa problemática, devemos levar em conta os sistemas produtivos e como as grandes lavouras de cana (des)articulam as comunidades tradicionais bem como os impactos nos modos de vida desses sujeitos.

O processo de transformação do espaço agrícola e o desenvolvimento do agronegócio, para Kageyama et al., representam certa subordinação da natureza ao capital, em que a condição natural passa a ser arranjada sempre que a agricultura necessitar.

Primeiro não se trata apenas de usar crescentemente insumos modernos, mas também – e principalmente – de mudar as relações de trabalho. Mesmo com a modernização havia espaço para pequena produção independente onde o proprietário (ou o parceiro ou arrendatário), utilizando insumos modernos, seguia produzindo de maneira artesanal. Ele modernizava seu processo de produção e estabelecia uma nova divisão de trabalho dentro da família. Na agricultura industrializada, a relação de trabalho é basicamente uma relação de trabalho coletivo (cooperativo); não há mais o trabalhador individual, há um conjunto de trabalhadores assalariados que trabalham coletivamente numa determinada atividade. (KAGEYAMA et al., 1990, p. 114).

Obviamente estamos diante de uma política econômica estruturada a partir dos interesses do agronegócio, contribuindo para o surgimento de uma nova realidade no campo que se processa em função da instalação da monocultura da cana. As transformações no meio de trabalho dos camponeses são fortemente identificadas. Nessa situação, começamos a observar as contradições em consequência da modernização agropecuária, que resulta em

novas relações sociais no campo, novas formas de organização, possibilitando aos sujeitos continuarem sendo camponeses locais.

Assim, a política de modernização no campo não atingiu apenas os grandes produtores latifundiários, fazendo dele, o agronegócio, um negócio altamente rentável. Essa política afetou outros produtores do meio rural, aqueles que não detinham e não detêm o capital financeiro necessário para também investir nesse modelo agropecuário, baseado no uso intensivo de técnicas e, principalmente, capitalizando-os.

No Brasil, o agronegócio provocou diversas implicações nas dinâmicas territoriais por onde se estabeleceu, determinando ritmos acelerados de remuneração dos capitais investidos. Na região do Triângulo Mineiro, além do PRODECER, podemos citar diversas outras políticas que impulsionaram o desenvolvimento da agricultura, entre elas: II Plano Nacional de Desenvolvimento – PND (1974-1979); o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (POLOCENTRO), criado em 1975; o Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados – PCI (1972); e o Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba – PADAP (1973) (HEREDIA, PALMEIRA & LEITE, 2010).

Tais programas trataram de assegurar a remuneração de enormes investimentos na região. Assim, não podemos deixar de considerar que as políticas públicas foram viabilizadoras da expansão do agronegócio que estamos tratando. Entretanto, essas políticas não fizeram com que os camponeses deixassem de existir, mas dificultaram e continuam dificultando a permanência deles no lugar. São diversos vieses que se somam às crises e problemas de vários níveis, como o uso de pesticidas e herbicidas por pulverização aérea, até a majoração dos preços de seus principais produtos, inviabilizando a competição no mercado.

Na comunidade de São Jerônimo e entorno, visitamos produtores que relataram a dificuldade de plantio nas áreas próximas às usinas. Alguns camponeses reclamaram de plantas que não estavam florescendo e outras que não davam frutos. Presenciamos, em algumas propriedades, o resultado da pulverização de venenos por meio de aviões nas lavouras de cana e que foram levados pela ação dos ventos. Em alguns casos, na região do Triângulo Mineiro, as plantações, “vizinhas” às usinas, não resistem à ação dos venenos e maturadores, amanhecendo queimadas, um dia após a pulverização da cana (Foto 5).

FOTO 5: Plantação de sorgo "queimada" após a pulverização aérea realizada no município de Canápolis-MG



Fonte: Trabalho de campo, 2017. **Autora:** ZUFFI, M. A. (2017).

Apesar de o fato ter ocorrido no município de Canápolis, distante 227 quilômetros de Limeira do Oeste, registramos os mesmos relatos a respeito desses problemas de perda de lavouras na região. O resultado dessa proximidade com as grandes lavouras de cana é sempre semelhante ao que descrevemos.

No município de Conquista, a 425 quilômetros de distância de Limeira d'Oeste, as reclamações em relação às pulverizações nos canaviais também se repetem. Nesse município, encontramos cultivadores de uva que relatam suas dificuldades com as videiras em decorrência também dos produtos usados na pulverização aérea dos canaviais. No lugar, convivemos com os descendentes de italianos, que, desde a chegada de seus antepassados, produzem vinho. Por conta desses problemas, alguns estão reduzindo e outros desistindo do cultivo da uva e da fabricação do vinho.

As dificuldades que produtores de diferentes lugares, próximos aos grandes canaviais, vêm nos relatando são recorrentes e ameaçam os territórios camponeses. Aqueles que permanecem no lugar produzindo, indicam, como resultado, muita dificuldade e cansaço. Esses ciclos da vida camponesa, ao longo de nossas pesquisas de campo, infelizmente, são comuns. Em toda a região, observamos diversas pressões que esses sujeitos vêm enfrentando, e o resultado decorrente dessas tensões é o arrendamento da terra ou a venda dela, seguido do rompimento com a vida no lugar.

Os problemas que esses sujeitos enfrentam para permanecer no lugar são “pesados”, visto que, além das práticas produtivas dos fornecedores de cana para a usina, também há os problemas diários do campo (Foto 6). Afinal, o desenvolvimento rural neste país não ajudou muito no fortalecimento dos camponeses. O tráfico pesado de caminhões lança poeira na pastagem, prejudicando e até inviabilizando o pastoreio do gado.

FOTO 6: Plantação de cana-de-açúcar ao lado de um campo de pastagem



Fonte: Trabalho de Campo, Limeira do Oeste, 2017. **Autora:** ZUFFI, M. A. (2017).

FOTO 7: Plantação de cana-de-açúcar estabelecendo nos contrastes com as propriedades tradicionais dedicadas à pecuária



Fonte: Trabalho de Campo, Limeira do Oeste, 2017. **Autora:** ZUFFI, M. A. (2017).

Como se pode observar nas Fotos 6 e 7, são diferentes lugares onde os relatos são os mesmos, sempre com alguma perda no modo de vida e na produção dos meios de vida. Consequentemente, para alguns camponeses, pode ser o fim de uma safra ou mesmo uma ameaça aos seus projetos de vida.

Observa-se que na pecuária há a presença de árvores, cujo objetivo é proporcionar sombra ao gado. A situação é complexa e implicada em várias mutações e redefinições sociais, culturais e econômicas. Nesse contexto, apoiamo-nos em Harvey, que discorre sobre esse acontecimento quando cita a construção de uma nova paisagem à custa desta redefinição:

O capitalismo sente-se impelido a eliminar todas as barreiras espaciais, a ‘aniquilar o espaço por meio do tempo [...]’. Logo, o capitalismo produz uma paisagem geográfica (de relações espaciais, de organização territorial e de sistemas e de funções) apropriada à sua própria dinâmica de acumulação num momento particular de sua história, simplesmente para ter de reduzir a escombros e reconstruir essa paisagem geográfica a fim de acomodar a acumulação num estágio ulterior. (HARVEY, 2009, p. 86-87).

A apropriação que o setor sucroenergético realiza afeta aqueles que estão à sua volta, tornando a existência camponesa uma situação envolvida em diversas tensões. E a predominância desse cenário contribui para mutações do próprio camponês na região.

2.2 A condição sócio territorial do camponês

Essa nova dinâmica transforma o lugar dos camponeses, e alguns deles são afetados de diversas formas, como já discurremos. Na comunidade de São Jerônimo, nossa área de estudo, observamos fornecedores de leite que ainda permanecem nessa situação, porém, afirmando-se por intermédio de relações de vizinhança.

Para permanecerem enquanto tais, esses camponeses recorrem às práticas sociais e culturais que lhes garantem a existência socioterritorial. Nesse sentido, o trunfo é estabelecer relações que reforcem lógicas sócias, lastradas em seus modos de vida na comunidade.

Para Raffestin (1993), esses trunfos são decorrentes da territorialidade que os sujeitos constroem no lugar pelo vivido. Para o autor, os homens vivem um processo territorial e o produto dele, por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas, onde:

A vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. (RAFFESTIN. 1993. p. 160).

Dessa forma, o território ajuíza o poder construído na territorialidade desses sujeitos, permitindo que aconteçam as relações nele. Nessas relações, então, observamos uma série de representações tecidas a partir desse sistema tridimensional. Para permanecerem enquanto camponeses, suas características culturais e sociais são evocadas no cotidiano.

Desse modo, as pertencas ao lugar se manifestam em função da permanência deles em comunidade, mesmo com a implantação da usina. Em decorrência disso, à medida que a população tradicional do cerrado, dedicada secularmente à criação extensiva e a produção leiteira, vai sendo confrontada com a racionalidade que vem de fora, reações ocorrem no âmbito da comunidade, cujo fundamento é religioso.

Muita coisa a gente deixou de fazer. O campo de futebol tá praticamente abandonado. O povo ficou mingüado e o futebol foi prá cidade. Agora a festa e as rezas continua e parece que o povo continua com São Jerônimo²⁰.

Uma prática importante é a religiosa. A família camponesa continua se reunindo em sua sede comunitária para cumprir com os seus compromissos sociais. Assim, o seu desenvolvimento não é apenas econômico, mas complexo. Trata-se de uma existência densa de significados e representações, mesmo entendendo que as famílias participam do mercado e os seus rendimentos passam a ser ditados pelo capitalismo.

Nessa situação, os camponeses sofreram e sofrem com as imposições e contradições, contudo são as famílias que por enquanto o agronegócio não extinguiu.

Traduzindo o que temos observado a partir dos diversos trabalhos de campo ao longo de quase uma década, entendemos que os camponeses vivem situações de subordinação à lógica dominante. Todavia, subordinar-se à lógica dominante é uma das situações existentes no modo de vida camponês. Para realizarem relações de ajuda mútua, eles vivem acionando lógicas diferentes e independentes das amarras capitalistas.

No entanto, as dificuldades relacionadas à atividade leiteira persistem, aumento no preço dos insumos para tratamento e fortalecimento do rebanho, aumento nos impostos, além, é claro, da competitividade com o agronegócio e outras pressões já descritas anteriormente.

David Harvey escreve que a acumulação do capital sempre foi uma questão profundamente geográfica, sem a qual a reorganização espacial e o desenvolvimento

²⁰ Fala do Camponês número 2, a respeito do futebol que acontecia todos os finais de semana na comunidade.

geográfico desigual, o capitalismo há muito teria cessado de funcionar como sistema econômico-político (HARVEY, 2009, p. 40). Trata-se de uma reconfiguração social, cultural, econômica e política. Ademais, nem só de energia vive o homem, também há a necessidade da produção alimentar.

A produção leiteira, no âmbito da família camponesa, é destaque no país, tanto é que a região do Triângulo Mineiro contribuiu com cerca de 25% dos 71% do leite produzidos em Minas Gerais no ano de 2016 (EMBRAPA, 2016).

As particularidades dessa produção, no estado mineiro, referem-se à heterogeneidade produtiva entre os produtores. Na região, encontramos desde os especializados, que usam de técnicas avançadas e melhoramentos genéticos, até os pequenos camponeses que conseguem administrar a sua atividade basicamente usando trabalho familiar e diversas relações sociais baseadas na mutualidade²¹.

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o cerrado produz aproximadamente seis bilhões anuais de litros de leite, representando 30% da produção nacional. A contribuição mineira beira o índice dos 45%, ou seja, 2,6 bilhões de litros originários principalmente do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Centro do estado e Oeste de Minas. Conforme a fonte, o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, para o ano de 2000, produziram cerca de 1.253 milhões de litros de leite, com 1.072 mil cabeças de vacas ordenhadas, totalizando 1.168 litros/vaca/ano.

Tradicionalmente, Minas Gerais é um dos maiores produtores de leite do país. As regiões do Estado que mais produziam eram da Zona da Mata e do Sul de Minas, no entanto, a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba tem garantido posição de destaque. Para o ano de 2006, os produtores de leite dessa região vêm aumentando seus rendimentos e ganhando destaque, com pouco espaço e usando da tecnificação.

Os dados da Tabela 1 indicam a quantidade de litros de leite bovino produzida no país, na região Sudeste e no Estado de Minas Gerais, especificamente para o ano de 2015. A partir dos dados, interpretamos uma participação muito importante do município na produção leiteira. Tradicionalmente, o manejo do gado é uma atividade afiançada na pluriatividade rural, uma vez que ele não tem sazonalidade e possui diversos produtos derivados dele, que são característicos da culinária mineira, por exemplo: o doce de leite, o requeijão e o queijo.

²¹ Para Odum (1988), mutualismo ocorre quando o crescimento e a sobrevivência de duas populações são beneficiados e nenhuma das duas consegue viver em condições naturais sem a outra.

TABELA 1: Levantamento sistemático da produção de leite em 2015

Fon te: Ban co	PRODUÇÃO DE LEITE BOVINO (mil litros)	
	Brasil	20.567.868
	Sudeste	7.746.986
	Minas Gerais	5.720.443
	Limeira do Oeste	5.256.018

SIDRA, IBGE. Adaptado por: ZUFFI, M.A. 2017.

Destacamos essa atividade, devido à sua importância e presença na pluriatividade rural. Observamos um grande número de criadores de gado leiteiro e de corte na região, e muito nos chama atenção o rendimento médio da atividade em pequenas propriedades.

Na atividade leiteira, na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, os pequenos produtores conseguem obter renda com o leite usando de estratégias bastante complexas. Culturalmente, os produtores menos tecnificados conseguem obter renda de várias formas, pois usam de múltiplas relações e instituições para enfrentarem as imposições do mercado.

*O povo daqui faz as vaca produzi com capim nas cheia... Assim quando tá chovendo o gado precisa de sal e de uma ou outra coisinha. Agora na seca a gente trabalha mais. O gado precisa comê no cocho e a gente precisa guarda o de comê para o período seco.*²²

Estocar comida para o gado é uma estratégia que vemos comparecer na atividade leiteira. O camponês lança mão da troca de serviços manuais e mecanizados para a construção de silos. As formas que eles criam para obter leite envolvem a solidariedade para atender às necessidades comuns. Além de o trabalho na elaboração de silos ser em conjunto e mecanizado, socializar conhecimento é fundamental.

Essa situação ocorre quando os vizinhos, conhecendo determinadas técnicas, que foram aplicadas na sua propriedade com sucesso, divulgam-nas entre seus pares. A economia na mão de obra é constatada e diversas possibilidades são construídas na troca de saberes e fazeres. Ter comida em estoque para poder oferecer ao rebanho em períodos de seca gera possibilidades de fazer dos bezerros uma “poupança” anual e cria também a possibilidade de descartar os animais mais velhos e estabelecer projetos de família para garantir a obtenção de leite e renda sem interrupção ou sem grandes variações no período seco.

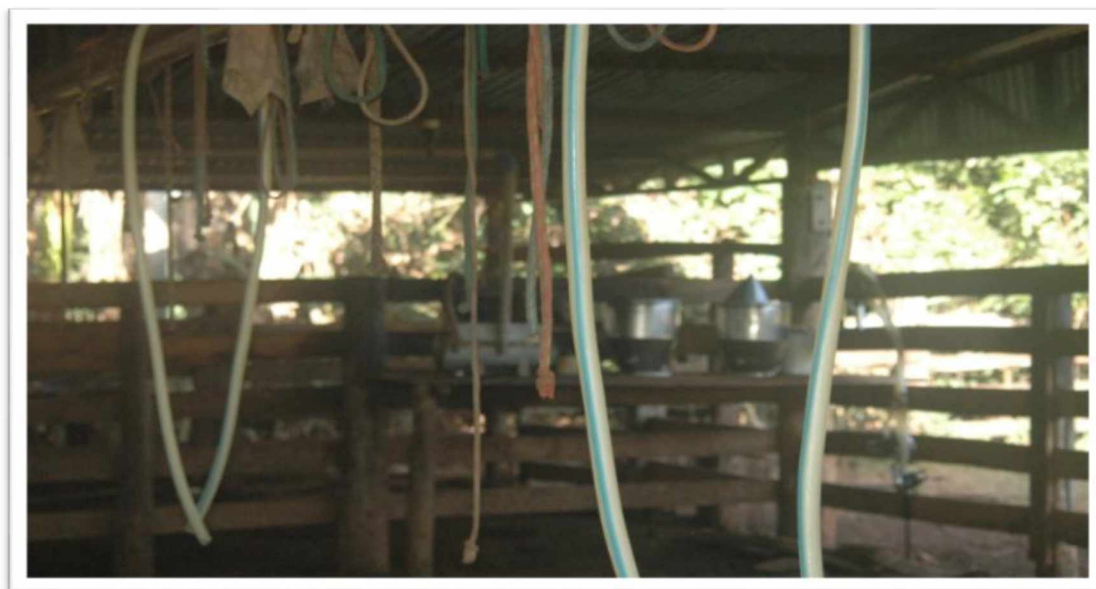
²² Camponês número 5, produtor de leite sobre o trato do animal na época da seca.

*O leite representa o pão de cada dia, às vezes falta alguma coisa, aí a gente produz as coisas, e pra inteirar vende o porco, uma galinha, um bezerro, mais o leite é uma certeza, todo o mês a gente tem renda prá paga as conta...*²³

Na pequena propriedade a observação das novas técnicas permite que as novidades sejam estabelecidas na atividade leiteira. Contudo, os métodos utilizados são adaptados e, muitas vezes, necessitam de ajuda do vizinho. Os campos de pastagens já não são maiores, e, nesses casos, o pasto é substituído por “cochos”, além do silo, que é feito praticamente em comunhão com os demais camponeses na mesma situação.

De fato, a pecuária praticada pelos camponeses é repleta de estratégias que vão se estabelecendo para responder às necessidades presentes. Assim, com as mudanças que vêm ocorrendo com a modernização da agropecuária, ficaram mais complexas as relações estabelecidas entre os camponeses, uma vez que a competição nesse setor torna-se mais acirrada, pois os laticínios preferem estabelecer contratos de fornecimento de leite com aqueles que são mais produtivos (Foto 8).

FOTO 8: Curral de um camponês dedicado a criação de gado leiteiro no município de Limeira do Oeste-MG



Fonte: Trabalho de campo, 2017. **Autora:** ZUFFI, M. A. (2017).

Observa-se a presença da ordenha mecânica como medida para reduzir a mão de obra e atender às normas de higienização do leite. A importância da produção de leite para os camponeses se manifesta na renda contínua que a atividade oferece (Foto 9). O uso das

²³ Camponês número 3, produtor de leite, na comunidade de São Jerônimo, 2017.

técnicas, apesar de impositivo, permite-lhes administrar o seu tempo e empregá-lo no fortalecimento das relações comunitárias, pois, nessa condição, eles conseguem estabelecer, por exemplo, trocas de serviços com os seus vizinhos quando não estiverem ordenhando.

FOTO 9: Curral de um produtor de leite tecnificado do município de Coromandel-MG



Fonte: Trabalho de campo, 2017. **Autora:** ZUFFI, M.A. (2017).

Para efeito de comparação entre a pecuária camponesa e a empresarial, incluímos o curral de um grande produtor de leite tecnificado do município de Coromandel. Entretanto, o uso de várias tecnologias não torna a atividade leiteira mais leve para a família. Em verdade, trata-se de ampliar as aquisições tecnológicas com importantes implicações econômicas. Mesmo não dilacerando a totalidade das famílias camponesas, é importante considerar as seguintes ponderações:

Nessa nova dinâmica, os agricultores familiares, que já haviam perdido a renda do trigo, do feijão e da soja pelos grandes estabelecimentos agropecuários, não têm mais motivos para produzir milho e, com isso, perdem as duas rendas mais importantes, do binômio milho + suínos, ou seja, sua âncora principal. [...] Não bastasse essa atitude de espoliação das agroindústrias privadas, o poder público não mais mostra um compromisso com a agricultura familiar, visando mantê-la incluída e consolidada, de modo que ela possa se reproduzir socialmente com dignidade. (TESTA, 2012. p. 2).

Diante desse quadro desenhado à duras penas, a agricultura camponesa brasileira paga pelos ônus resultantes dessa realidade. O campo, então, reestrutura esses sujeitos e mostra

realidades mais pesadas que as cotidianas. Por isso, não é difícil observarmos famílias deixando suas propriedades e lugares comunitários.

Na comunidade de São Jerônimo em Limeira do Oeste, a permanência das famílias destaca-se pela existência de relações sociais que potencializam suas atividades, mesmo com as incertezas e as necessidades diárias. Naquele lugar, a obtenção de renda a partir do leite acontece lançando mão de obra a partir de diversos tipos de troca e de ajuda mútua que eles desenvolvem entre si. Cada camponês enxerga o outro enquanto tal racionalidade parece ir à contramão da produção tecnificada, que contribui cada vez mais para o isolamento e individualismo.

Para Gomes (1987), o pequeno produtor de leite em Minas Gerais,

Possui uma área média de 1 ha em capineira, suplementa as vacas em lactação durante 4 meses ao ano, com concentrado à base de farelo de trigo e fubá grosso de milho, distribuindo até 1 kg/dia/vaca em lactação. A mineralização do rebanho é deficiente, com aproximadamente 20 g/dia/UA de sal comum. Cerca de 90% da mão-de-obra utilizada na atividade leiteira é predominantemente familiar. É realizada apenas uma ordenha/dia durante todo o ano. E, finalmente, a taxa de natalidade do rebanho é 50%, a de mortalidade de animais jovens 15% e a de animais adultos 5% ao ano. (GOMES, 1987, p. 2).

O autor considera as dificuldades que os pequenos produtores enfrentam para se manterem na produção de leite. Significa que há diversos desafios para essas pessoas que trabalham com a pecuária leiteira, e, por isso, entendemos que a ajuda mútua entre eles se torna uma estratégia importante para continuarem vivendo no lugar. Assim, estamos tratando de uma espécie de contrato social tácito entre eles que resulta na reciprocidade comunitária e nas manifestações de práticas sociais decorrentes das territorialidades camponesas.

2.3 Aspectos da vida comunitária

Na atividade leiteira praticada pelos camponeses, os desafios são diários. Aqueles que se envolvem com a atividade desenvolvem, na relação com os seus vizinhos, várias estratégias para se erguerem das imposições, principalmente na relação com o mercado. Nesse contexto, observamos a relevância da comunidade para essas pessoas. Contar com a troca de serviços e com a ajuda mútua na elaboração de silos para armazenar alimentos para o rebanho e elaborar seus seguros contando com o outro bem como essa segurança mediada por relações que envolvem ética e moral, sobretudo religião, contribuem para manter esses sujeitos no campo e representam um importante recurso na obtenção de renda a partir da atividade leiteira.

Para compreendermos essas relações sociais, o que mais se aproxima da realidade estudada é o cooperativismo. Ele é um exemplo atual das forças sociais que se juntam, propiciando formas alternativas de enfrentamento das imposições capitalistas. Segundo Paulino,

Não há dúvida que em plena Revolução Industrial o sistema cooperativista se inscreveu como um movimento de insurreição às precárias condições de reprodução social dos trabalhadores e, por conseguinte, de enfrentamento do já desmesurado poder dos capitalistas. (PAULINO, 2003. p. 164).

Como não há cooperativa na comunidade em estudo, as estratégias derivadas das trocas de serviços e ajuda mútua, podendo ser as mais “simples”, por assim dizer, são revigoradas pelos camponeses para conseguirem driblar as forças capitalistas.

*O povo daqui ajuda se o outro ajuda. Como ninguém se recusa a ajuda na construção do silo então a gente vai tendo certeza que vamo continua tendo leite prá entrega entregando leite.*²⁴

As oscilações e as inseguranças impostas pelo mercado, dessa forma, são pensadas e avaliadas. Na medida do possível, os camponeses criam estratégias que são rapidamente compartilhadas entre eles e, assim, conseguem realizar renda a partir das suas atividades.

Com a intensificação dos gastos e dos problemas das lavouras e da agropecuária, os mecanismos que os camponeses constroem ajudam-nos a estabelecer um melhor aproveitamento das culturas. No conjunto, são estratégias econômicas, sociais e ambientais, cujo objetivo é aumentar a eficiência de uso dos recursos naturais, como água e solos, os quais são postos como trunfos para estabelecerem os seus ganhos monetários.

Considerando os recursos utilizados para a pecuária leiteira, os camponeses se prepararam para enfrentar os períodos da seca. Quando o pasto seca, quando eles não têm mais a sua principal fonte de alimento para o gado, eles passam a contar com os silos. Esse estoque de comida acaba levando o camponês a estabelecer uma considerável economia de dinheiro na aquisição de ração. O aproveitamento de área da propriedade também indica que esse camponês, além do leite, cultiva lavouras para preparação de silagem – geralmente cana-de-açúcar, milho e sorgo –, e esses alimentos, em maior parte, contemplam a dieta dos bovinos.

A silagem é uma técnica que, ao contar com as relações sociais de troca e de ajuda mútua na comunidade, torna-se de baixo custo. Assim, o silo pode ser construído com

²⁴ Camponês número 2 de São Jerônimo, a respeito da ajuda mútua que acontece entre eles.

capacidade de suprir as demandas de um rebanho que precisa fornecer renda constante aos camponeses, mesmo durante os quatro meses de estiagem.

Em algumas propriedades camponesas, por exemplo, os cultivos de cana-de-açúcar, milho e sorgo acabam rendendo cerca de dezesseis toneladas por hectare de silo, com custo médio de R\$140 a tonelada. Dependendo da tecnologia empregada e da fertilidade natural dos solos, outros camponeses chegaram a obter 45 toneladas por hectare a um custo de R\$40 a tonelada.

Em razão da economia custo/benefício, a construção dos silos passou a ser uma prática comum entre os camponeses. Ainda conforme Paulino (2003):

No caso do leite, o limite parece ter sido colocado pelo expediente a que as indústrias estão recorrendo, ao diminuir o período de entressafra para efeito de cálculo do preço aos produtores. Durante anos, os técnicos os estimularam a investir na mudança do perfil produtivo, sobretudo nos meses de pastagens escassas, com a promessa de preços remuneradores. [...] Em razão disso, a maior parte dos camponeses passou a investir em silos, plantio de volumosos alternativos e mesmo melhoria das pastagens. À medida que esses esforços se traduziram em uma relativa estabilização na captação ao longo do ano, a diferença paga pelo litro de leite, bem como a vigência da entressafra, foram sendo reduzidas drasticamente, retirando uma das poucas oportunidades de compensação aos preços depreciados no chamado período das águas. (PAULINO, 2003, p. 207).

A capacidade de produção leiteira dos camponeses se estabelece em razão desse rearranjo técnico-científico-cultural que eles desenvolveram para lidar com os paradoxos do mercado.

O silo é uma estratégia utilizada para suprir uma necessidade que é prevista periodicamente. Sua funcionalidade está na economia de dinheiro destinado à aquisição de ração e na forma como ele é construído. Na agricultura camponesa, observamos uma convergência entre saber científico e saber tradicional; nela, as potencialidades de uso são inumeráveis, já que, além da economia com sementes comerciais, eles ainda conseguem se utilizar de recursos próprios para conquistar seus aumentos progressivos nas colheitas (Ibidem, 2012).

Caracterizada pelos usos de saberes e fazeres, decorrentes de suas experiências, a agricultura camponesa é integrada a um sistema que permite sua continuação no lugar, onde ela mantém seu caráter familiar. Acionar constantemente seus saberes na lavoura é uma vantagem na economia dessas pessoas. Os saberes são demonstrados nas técnicas construídas e compartilhadas, por exemplo, na comunidade em estudo.

A episteme da silagem é construída a partir de prática discursiva que se encontra especificada no domínio formado pelos diferentes meios encontrados nas suas relações e pelas práticas sociais no lugar. O silo, nessa realidade, indica um conjunto de saberes articulados, constituindo-se no principal meio técnico utilizado pelo camponês. Trata-se de um saber que se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 2013), tornado prática social de uma comunidade.

*Eu tenho um trator, meu vizinho tem outro, aí quando tem que fazer o silo, a gente faz junto. Então não tem motivo de cada um ter um trator. Se eu posso fazê o silo desta maneira então eu tenho dois trator trabalhando, mais apenas um é meu.*²⁵

As relações sociais que nutrem o cotidiano desses sujeitos são assinaladas pelo mutualismo. Essa situação é (re)criada, (re)inventada pelos camponeses para enfrentar aquilo que parece não ter solução. O certo, porém, é enfrentar os desafios, construindo estratégias compatíveis com os processos territoriais e envolvendo as especificidades dos camponeses da comunidade de São Jerônimo.

A silagem por si só reúne um conjunto de técnicas que somente se efetiva no lugar a partir dos projetos de vida e habilidades camponesas. Desse modo, armazenar comida para o rebanho é uma das formas que eles encontraram para ter segurança de continuar no lugar. Assim, é necessário reconhecer que as práticas sociais camponesas encontram-se associadas ao mutualismo. A partir dele, eles conseguem envolver trabalho, deles e dos outros, em uma ordem relativamente constante e objetivada no interesse de existir no lugar, mesmo que cercado pelo cultivo de grandes lavouras de cana.

Desse modo, a experiência de vida que ocorre no lugar possibilita vários compartilhamentos, constituindo-se em elemento enriquecedor da vida social e das redes comunitárias tecidas pelos camponeses para serem usadas, inclusive para elaborar suas estratégias sociais de geração de renda e trabalho.

Trata-se de uma subjetividade que se torna patente frente aos esforços para a formação cultural, política e econômica dos integrantes da comunidade. Partilhando objetos, força de trabalho e técnicas, os camponeses se (re)inventam paradoxalmente ao capitalismo. É fato que eles se modernizaram, mas não conseguem existir fora da vida comunitária. De certo modo, são nessas relações que observamos um modo de vida referenciado em resiliências.

²⁵ Diálogo com Camponês número 5, da Comunidade de São Jerônimo.

Contudo, cada camponês pode, enquanto sujeito único, ter uma vontade particular, mas renunciar a ela nutre o interesse comum, alimenta sua existência absoluta e naturalmente independente. Nos enlaces comunitários, ele consegue encarar as tensões cotidianas articulando suas forças em prol de uma razão, para que todos consigam viver das atividades ligadas à pecuária leiteira.

A silagem, no caso dos camponeses da comunidade de São Jerônimo, é um exemplo de contrato social subjetivo. Ao mesmo tempo que um se disponibiliza a ajudar o outro, eles mantêm um comprometimento entre si. Se um ajuda hoje, amanhã é o dia de o outro receber de volta. Esse “pacto” contém teoricamente essa condição, e é algo que os acompanha. *Essa união vem de família, não é de gente diferenciada. Aqui todo mundo se conhece. Então cada um sabe das dificuldades, onde o sapato aperta e como faz pra desaperta*²⁶.

Na fala de um dos camponeses que praticam a atividade leiteira, que entrevistamos durante nossas incursões à comunidade, percebemos a vitalidade dessa relação social denominada de ajuda mútua. Como os camponeses estão acostumados a oferecer e receber ajuda, esse mutualismo acontece no momento em que eles reafirmam sua sociabilidade camponesa. Na silagem, também, observamos o exercício de manter o laço que solidifica as pertencças desses produtores ao lugar vivido.

No entanto, essas práticas envolvendo a mutualidade sempre existiram no lugar, mesmo que sob outros formatos. Na memória do camponês, há outras formas de mutualismo. O abate de animais, como suínos e bovinos, geralmente implicava na partilha da carne entre os camponeses.

Trata-se de relações que transformam as pessoas em doadores e tomadores de carne. Assim, no momento do abate desses animais, um dos membros da família corre até a propriedade vizinha para convidar o amigo a participar do processo de abate. Enquanto um tem o bicho pronto para o abate, o outro que já viveu essa situação comparece na relação com a técnica de desmembrá-lo. *Foi muito tempo assim. Um doa e o outro recebe, depois o outro doa para o vizinho recebe... Depois nós partilha as carnes. Ai na vez dele eu pego de volta a minha*²⁷.

Dessa maneira, ao descrever o processo de abate dos animais, a fala nutrida pela memória dessas pessoas reforça a ideia sobre a construção de um conjunto de práticas inventadas e tornadas tradições. A partir dessa referência cultural, compreendemos que a troca

²⁶ Fala do Camponês número 5, na comunidade de São Jerônimo, 2017.

²⁷ Fala do Camponês número 6, na comunidade de São Jerônimo, a respeito da distribuição de carne entre eles e a ajuda no abate de animais para consumo próprio.

é uma instituição que se diversifica, pois a partir dela os camponeses se reinventam, reescrevendo suas histórias, cursando um passado que em parte é usado a favor do camponês.

O fato é que não existe um contrato físico, um papel que os obriga a agir praticando a reciprocidade. No conjunto, trata-se de reações às ações de um mundo dominado pela lógica capitalista, no qual o que permanece vivo é próprio de um organismo, cujo estatuto seria o mesmo para esses homens e de seus entes. Ser recíproco é um ato cultural que se repete por aquilo que fazem e vivem à medida que eventuais dificuldades compareçam no cotidiano.

Os camponeses se evidenciam pelas pluralidades de suas práticas sociais. Ao ajudarem uns aos outros, eles tornam a comunidade um lugar seguro. Nesse lugar e nas relações que lhes dão vida, eles percebem que há possibilidades de desenvolver relações propensas ao uso-fruto da terra.

Fazendo uma analogia com o livro *Le mont Etna do Réclus*, a vida desses camponeses na comunidade de São Jerônimo nos remete à montanha descrita pelo autor no livro, em que Réclus atribuía à montanha um lugar privilegiado para exprimir seus ideais de liberdade, solidariedade e fraternidade entre os povos. Contrapondo as vilas construídas na Europa às Usinas, Réclus se remete ao “sucesso” de uma sociedade fundada sobre a injustiça que se fazia às expensas da vida humana (RÉCLUS apud HORTA, 2006).

Ao observarmos os vastos campos de monoculturas como o da cana-de-açúcar, vemos uma paisagem praticamente linear, regular, um alinhamento rígido que liga a terra com o plantio, Usina e campo, indissociáveis – uma monotonia da revolução verde.

O interessante de analisarmos a agricultura dos camponeses se faz nas heterogeneidades dos lugares: a pluriatividade, a singularidade de cada família e, ao mesmo tempo, a vontade em comum de continuarem existindo enquanto criadores de gado leiteiro.

Ser camponês em meio à agroindústria é sem dúvida um exercício de alteridade cultural, econômica e social. Estudar a experiência e a cultura desses sujeitos e, sobretudo, valorizar a diversidade de modos de vida que compõe a identidade camponesa e as tensões sociais que os rodeiam nos permite pensar nas áreas de expansão da cana. Nos entornos das grandes lavouras, os camponeses se opõem à razão das políticas de desenvolvimentismo rural. Assim, não eles acabaram marginalizados, pois reagiram, acionando aquilo de que ainda dispõem, conhecimento do cerrado. Portanto, esses sujeitos não podem, mesmo que por alguns momentos, ser interpretados com olhares discriminatórios que os caracterizam como um “obstáculo” ao progresso.

Esse reconhecimento ao camponês basicamente o recupera como sujeito ativo e mentor de suas ações, evidenciando um processo social que diz respeito às experiências de

aceitar, na relação, o outro como parceiro (Foto 10); aceitar nas outras pessoas possibilidades de realizar, na comunidade, um desenvolvimento diferente ao do agronegócio. Esse camponês, mesmo que rodeado por imposições, revela-se um sujeito de dentro do processo social que se faz presente na área de estudo desde antes de o cerrado tornar-se capitalistamente produtivo.

Neste momento, ressalta-se a importância de compreender as técnicas, as diferenças e as pluralidades que compõem o mundo desses sujeitos que resistem a tantas dificuldades e paralelos da sociedade atual.

FOTO 10: Pluriatividade dos camponeses da Comunidade São Jerônimo



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

Nas propriedades, observamos que a produção dos meios de vida, fundamentado em um modo de vida em que a fartura é vital para estabelecerem a troca e a ajuda mútua.

Neste contexto, a condição socioterritorial dos camponeses, pode ser analisada a partir de um mosaico de ações territoriais implicadas em reinvenções de práticas sociais. A mutualidade manifestada e (re)significada nas práticas sociais, comparece como cimento social que existe envolvendo trocas e ajuda mútua.

No conjunto, elas ajudaram a desconstruírem uma paisagem que se pretende homogênea (Foto 11). O conteúdo da paisagem reforça as falas dos camponeses na medida em que denunciam a instalação de um processo de devastação.

FOTO 11: Lavoura de cana-de-açúcar no município de Limeira do Oeste



Fonte: Trabalho de Campo, 2017. **Autora:** ZUFFI, M. A. (2017).

Pelo estudo referenciado até o momento, a história dos camponeses, suas lutas, práticas e representações são marcadas por modos de vida plurais. Suas ressignificações indicam que a resiliência de um grupo social decorre das suas capacidades de persistir, de continuar nutrindo o apreço pela terra e da decisão de se manterem nela e fazer disso seu modo de vida.

Os modos de existir camponeses, são pautados em suas potencialidades em gerar trabalho e renda na agricultura, são oportunidades criadas para suportar as imposições sociais, sejam elas do agronegócio ou de ordens naturais. São soluções econômicas que implicam nos afazeres cotidianos, como a silagem em parceria com os vizinhos. Nessa parceria, vemos que eles desenvolveram acordos tácitos que, apreendidos em sua resiliência para lidarem com as situações adversas do mercado, que serão discutidas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3:

RESILIÊNCIA NOS MODOS DE VIDA PLURAIS E AS HETEROGENEIDADES TERRITORIAIS CAMPONESAS

Como temos dissertado até o momento, o setor sucroenergético no Brasil vem ocasionando uma reformulação na paisagem dos lugares por onde se instala. Junto dela, assistimos perdas de cunhos social, cultural e econômico. No conjunto do vivido dos sujeitos que estão envoltos pela cana-de-açúcar, destacamos tensões que modificam os lugares, suas territorialidades e as práticas culturais.

Em média, no cerrado do Triângulo Mineiro, cada usina instalada reúne condições técnicas para processar a produção obtida em 40.000 hectares (INÁCIO; SANTOS, 2015). Por assim dizer, o cultivo da cana a partir de grandes lavouras promove o reordenamento socioprodutivo do espaço. No lugar, os recortes espaciais, antes delimitados por características singulares, próprias dele, passam a ser redefinidos pelas imposições decorrentes dos interesses do setor sucroalcooleiro/sucroenergético.

Observando a abrangência da expansão canavieira na região do Triângulo Mineiro, em específico no município de Limeira do Oeste, ressaltamos importantes influências do setor sucroalcooleiro/sucroenergético no modo de vida camponês. Apesar da diversidade de produtos alimentícios, arrendar terras para a usina e fornecedores de cana para o complexo agroindustrial tem lá suas sedução.

*Aluga terra da gente? Não é bom negócio... No começo é tudo maravilhoso... Eles procura o povo... Vem na casa... Daí faz aquela proposta de tanto por hectare, tanto por tonelada. Daí oferece um ano adiantado e ai vai...*²⁸

A proposta reúne vantagens que levaram e têm levado vários produtores tradicionais e donos de terras a cederem suas áreas para o arrendamento. Arrendando as terras para o cultivo da cana, eles têm deixado de produzir leite, carne e grãos, para se ocuparem de outras atividades, geralmente fora do espaço rural.

Nesse processo de reordenamento, observamos também que as áreas de culturas próximas às usinas estão sendo impactadas pela interferência química que maturadores, herbicidas e pesticidas causam às pequenas roças de fartura. Utilizados para manter os

²⁸ Acervo de entrevistas do laboratório de Geografia Cultural da UFU - janeiro de 2017.

padrões exigidos, para remunerar os capitais investidos na produção de cana, as contradições decorrentes do uso dos agroquímicos não são contabilizados. Esses produtos, pulverizados principalmente com o uso do avião, provocam importantes danos ao solo, água, ar e, ainda, às demais lavouras que estiverem nas proximidades das grandes lavouras de cana. Considerando-se que cada usina demanda lavouras de aproximadamente 40.000 hectares, em alguns casos, comunidades inteiras são atingidas e impactadas.

Geralmente, os camponeses sentem os impactos decorrentes das práticas produtivas envolvendo o cultivo e manejo dos canaviais quando suas plantações apresentam perdas nos seus resultados. Contudo, há aqueles que, mesmo tendo perdas nos seus cultivos, permanecem no lugar. A partir dessa observação, começamos a nos indagar sobre a resistência camponesa, principalmente quando esse grupo, cercado pelas imensas lavouras de cana e pelas adversidades que o setor vem provocando no campo, persiste e continua vivendo no lugar, com seus modos de vida e respectivas comunidades.

Observando os camponeses da comunidade de São Jerônimo, fomos problematizando os seus modos de vida, para analisá-los, na perspectiva de compreender a importância das suas instituições comunitárias e religiosas e como elas podem estar favorecendo o grupo na construção de alternativas que lhes possibilitaram uma existência social e cultural.

O estudo das suas práticas sociais nos levou a analisar como os camponeses usam o espaço vivido ao seu favor; como suas lógicas, pautadas em relações de reciprocidade, lhes proporcionaram algumas habilidades, principalmente políticas, para estabelecerem trocas e reciprocidade nas relações de ajuda mútua.

A empiria estabelecida no campo nos levou a compreender que esses aspectos são próprios da identidade local e, colocados nas representações culturais e sociais no lugar, principalmente calçados no religioso, nutrem relações que possibilitam aos camponeses, no cotidiano, lidarem com o novo e o antigo. Essas habilidades acendem relações sociais, tendo como resultado negociações que acabam sendo representadas em suas humanidades, configuradas nas paisagens de cada moradia e de sua comunidade.

Saber usar o conhecimento que se adquire na relação com os outros em um determinado lugar e suas especificidades naturais, culturais, políticas e técnicas, entre outras, dinamiza o próprio modo de vida daqueles camponeses.

Todavia, o dinamismo cultural relacionado ao modo de vida dos camponeses de São Jerônimo comparece no cotidiano a partir das mais variadas e diferentes necessidades, inclusive de ordens técnicas e econômicas.

Para Paulino (2014), os proprietários de terra têm demonstrado uma singularidade no embate das classes na sociedade brasileira. Se de um lado temos os latifundiários, amparados pelo Estado, do outro temos aqueles que foram redefinidos pela estrutura fundiária.

Enfim, estes pactos de classe dão sustentação a transações muito mais vultosas que as meras transferências monetárias envolvendo o fundo público, delineando os contornos da questão agrária que, por sua vez, traduz-se nas dificuldades de os camponeses obterem e se manterem na terra. Paradoxalmente, em face do objetivo que os move, a utilização produtiva como princípio da reprodução familiar, explica a razão pela qual eles têm sido mais eficientes que os segmentos empresariais do campo. (PAULINO, 2014, p. 3).

Ainda de acordo com a autora, para o ano de 2006, os pequenos produtores foram responsáveis por 81% dos empregos agrícolas, sendo que apenas 4% das ocupações foram ofertadas pelos grandes. Essa situação indica a importância dos camponeses na produção de alimento no campo.

Com relação aos camponeses da comunidade em estudo, é necessário compreendermos que o lugar existe antes da instalação, funcionamento e reprodução dos capitais investidos na usina. Conscientes do processo de reocupação do cerrado e das tensões sociais que chegam ao lugar, estabelecemos incursões na história e, nesse caminho, fomos decifrando, a partir das mutações socioespaciais e das ações dos camponeses, seus costumes, tradições e suas características específicas.

Embora seja uma tarefa complexa, é necessário pensar o lugar, problematizar aquilo que ele comporta. Transtornos existem e aparecem não só pelas atividades e imposições do setor sucroalcooleiro/sucroenergético, mas também quanto às prescrições do mercado e de políticas públicas.

O Estado, em suas políticas públicas, precisa considerar que os camponeses têm seus modos de vida construídos no lugar. Nele, as demandas são específicas e, dificilmente, são alcançadas por medidas que se generalizam no campo brasileiro, basicamente para oferecer sistemas de créditos que nem sempre o camponês está disposto a aderir. O conhecimento do lugar e das suas especificidades pode ser um caminho para atender às demandas camponesas, suas formas de existir, seus sincronismos presentes no processo de existir a partir de sua campesinidade e suas relações sociais baseadas nos valores da família e na reciprocidade. O camponês constrói um contrato social que evoca as relações de trabalho na comunidade, que é onde ele mantém sua resiliência, por meio do trabalho livre e pela valorização da troca de favores.

Um contrato anti-social, uma troca que termina todas as trocas, através do qual se simbolizam os valores de uma ética camponesa. Tal situação pode ser pensada como uma espécie de campesinidade agonística, uma situação de crise em que se tornam manifestas e mais conscientes as categorias que organizam a ética camponesa. Numa situação máxima, quanto às relações sociais objetivas, tais representações poderiam estar como que adormecidas e naturalizadas, latentes, pela própria correspondência entre o plano das relações sociais e o plano dos valores. Situações de crise social são, provavelmente, situações de agudização consciente de valores tradicionais. (WOORTMAN, 1990. p. 14).

No momento em que o camponês se vê na situação de perda, ele projeta, na reprodução de seus meios, formas de salvar-se dessa situação, sem passar por endividamentos econômicos, até porque as linhas de crédito que o Estado oferece para essa população não atendem às suas necessidades.

Passando de uma ordem econômica para uma ordem cultural, o camponês “ameaçado” foge dessa relação de dependência do Estado e encontra, em sua campesinidade, os meios que o fortalecem para encarar essas tensões.

3.1 A agricultura camponesa: Ressignificação e novas formas de existir no lugar

Com a prática impactante da monocultura da cana-de-açúcar no cerrado, reocupando áreas de pastagens e de cultivo de soja e milho, os camponeses vivem no lugar as implicações de um novo processo produtivo, cuja lógica é produzir sem interrupções.

Em meio a tantas mudanças no território camponês de São Jerônimo, práticas socioculturais, como diversificação, pluriatividade e mutualismo, parecem fazer parte do seu modo de vida. O estudo desse universo camponês foi sendo percebido também a partir das suas lógicas sociais e de produção.

A lógica social desses sujeitos é repleta de complexidades, visto que conhecimentos, saberes e superstições se misturam em distintas combinações. O uso de tecnologias, por exemplo, nunca é estabelecido dissociado dos saberes e dos fazeres relacionados aos seus modos de vida. No caso da atividade leiteira, estão presentes máquinas que reúnem tecnologia de ponta e, conjuntamente com suas habilidades, aparecem no uso do espaço de forma relativamente autônoma.

Ao considerarmos suas diferenças e particularidades, no que diz respeito ao camponês e à renda obtida com seus produtos, pensamos, então, sua existência a partir das condições

socioespaciais vividas no lugar, por assim dizer, a partir da conduta produtiva cheia de estratégias que indicam formas de conquistarem o mercado por meio de suas formas de existir exponencialmente.

Neste processo há de se considerar que eles não estão totalmente livres do uso de tecnologias. Sem dúvida, há emprego de ciência, no entanto, não é algo que gera uma total dependência, por exemplo, no uso dos agroquímicos e agrotóxicos estabelecidos no território da cana.

A produção que eles alcançam indica suas condições relacionadas à capacidade de desempenharem suas habilidades no uso de tecnologias, estabelecendo amplas associações com saberes e fazeres baseados na sua cultura: *As vezes o silo que nois fez é pouco, nóis vai acrescentando ração pra rendê*²⁹.

Nessas práticas, o camponês incorpora o melhoramento genético do gado e de algumas plantas, para obter resultados que atendam às suas necessidades e também formas de se relacionar com o mercado local e regional.

O camponês revela-se, no lugar, um sujeito social, e em suas particularidades são percebidas necessidades pontuais. A tecnificação da produção familiar é, sem dúvida, uma das tantas necessidades. As novas determinações do mercado são pensadas e interpretadas em graus distintos de articulação ambígua com as imposições do mercado. *O povo precisa de uma ordenhadeira, de um trator pra auxilia a gente na lida... As máquina não é pra ganha dinheiro, é uma precisão, uma coisa de necessidade das mais necessária*³⁰.

Sendo o uso de máquinas, equipamentos e melhoramento genético (animal e vegetal) uma necessidade, a aquisição dessas tecnologias liberta o camponês de imposições de ordem bruta e lhe possibilita condições para estabelecer certa autonomia para negociar e trocar o uso delas no lugar, permitindo melhores condições de existência.

Contudo, mesmo usando modernas tecnologias, observamos camponeses que não se individualizaram. Eles têm conseguido estabelecer, com os vizinhos, formas de se reorganizarem no lugar, incluindo as conquistas tecnológicas e o trabalho familiar em um sistema de trocas que lhes permitem, por exemplo, contar com o trator do outro para fazer os silos.

²⁹ Camponês número 2 sobre a silagem e as formas de trato do gado.

³⁰ Fala do Camponês número 4, sobre o uso de maquinários.

*O trator é uma máquina muito cara. O povo não empresta, mais troca serviço de trator por serviço manual e também de trator. O povo vai fazendo assim: na época de faze o silo e vou e ajudo o vizinho a faze o dele e depois o vizinho vem pra fazê o meu.*³¹

Com o uso negociado das tecnologias, eles administram melhor os seus recursos monetários e o seu tempo. O modo de trabalharem, entre várias outras medidas, indica racionalidades novas e antigas que incorporam a vizinhança, inclusive na atividade leiteira. Isso também indica que esses produtores têm pensado em ações que não os deixam alienados em práticas sociais e produtivas, novas ou antigas. *O povo que usa o trator é nosso vizinho, mais também se precisa usa a enxada, a matraca... Na ordenha é a mesma coisa, se não tem energia, faz no manual*³².

Com relação à comercialização dos seus produtos, a tática é ser livre de atravessadores. Quando o sujeito passa a produzir com o objetivo de adentrar o mercado que existe na cidade, por exemplo, ele tende a se tronar um comerciante que atua no mercado local. Além disso, em alguns casos, ele mesmo faz todo o beneficiamento de seus produtos. Quando isso acontece, ele mantém o controle do processo de produção e da forma que ele irá comercializar seus artigos. Tratamos, assim, como sendo um conjunto de atividades econômicas e produtivas, que podem, ou não, estar ligadas ao cultivo da terra e que são denominadas de pluriatividade (SCHNEIDER, 2003).

No município de Limeira do Oeste, em algumas propriedades, a pluriatividade acontece entre produtores rurais que têm na família uma possibilidade de realizar diversas atividades, não especificamente relacionadas à produção in natura, mas a toda uma produção que segue lógicas próprias. Por exemplo, temos produtores de verduras e legumes que perceberam um nicho de mercado demandando produtos livres de agrotóxicos, os orgânicos, o que se apresenta como uma oportunidade de melhorar a renda familiar. Também existem as iniciativas ligadas às tradições, de modo que alguns camponeses, no município de Limeira do Oeste, confeccionam produtos ligados aos seus roçados, como pamonha, queijo e outros quitutes vendidos no mercado local.

São iniciativas como essas que representam a diversificação das atividades camponesas, bem como a incorporação de valores aos seus produtos. Trata-se de uma tomada de consciência que gera estratégias de adaptação na comercialização e divulgação daqueles, entre os consumidores, que circulam na comunidade.

³¹ Diálogo com o Camponês número 5 da comunidade de São Jerônimo sobre o porquê de eles se ajudarem.

³² Fala do Camponês número 2 da comunidade de São Jerônimo a respeito da ajuda mútua.

Trata-se, ainda, de iniciativas de camponeses que vivem sob várias tensões. Como saída, eles vão gerando novos artigos que ajudam a pensar na autonomia camponesa, em produzir e comercializar os seus próprios artigos. Trata-se de camponeses que estão atentos ao que acontece ao seu redor e seguem desenvolvendo práticas sociais que protegem as relações de mutualidade na comunidade.

Ao longo dos trabalhos de campo, observamos que essa prática social é recorrente. Utilizada para suprir suas necessidades e, ao mesmo tempo, para fomentar novas habilidades camponesas, ela demarca seus territórios e, neles, anuncia possibilidades de se pensar o espaço por diferentes formas de existência.

São diversas possibilidades de diversificarem as formas de aquisição e uso de tecnologias. Na produção, ao estabelecerem trocas de serviços de trator, eles incorporam as tecnologias deles e dos vizinhos. A troca também lhes possibilita estudar o mercado e, nele, aquilo que os viabilize social e economicamente no lugar.

Mesmo que a ideia seja do camponês, há um auxílio por parte das instituições públicas que colaboram com o desenvolvimento de ideias junto aos camponeses no município. A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), entre outros, dialogam com as demandas camponesas e colaboram na assistência técnica. São parcerias que os encaminham para solicitação de crédito ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e na preparação dos silos, entre outras atividades.

No entanto, faz-se necessário reconhecer que a agricultura camponesa, em suas práticas, não se pauta em uma única lógica, mas em várias lógicas sociais vindas de diferentes temporalidades sociais. *Nois tudo trabalha na roça, eu, meus filhos, minha esposa. O leite que tiramos, a mulher faz o queijo e o doce de leite, depois vendemos na cidade, tem um armazém que sempre compra*³³.

A dinâmica da força de trabalho familiar é o principal fator de distinção dos camponeses no espaço rural. Eles buscam incorporar a renda familiar nas suas práticas, pois cada membro da família recebe uma parte dos ganhos, e todos assumem o compromisso com o projeto da família; portanto, todos têm participação nos rendimentos. *Nosso ramo é o leite. Tira leite de manhã e de tarde. Faz silo, arruma cerca, cuida dos bezerrinho. Aqui tudo tá envolvido. Então não para nunca prá ninguém fica sem ter o que fazê...*³⁴.

³³ Fala o Camponês 7, produtor de leite a respeito da produção de laticínios.

³⁴ Camponês 7, sobre a rotina do trabalho com criação de gado.

O que é preciso entender na produção familiar é a participação efetiva de todos os membros, seja na produção ou no beneficiamento. E mais, observamos que também há participação de pessoas que não fazem parte diretamente da família, mas que são de confiança, como os vizinhos, o que nos revela mais uma especificidade sociocultural dos camponeses em estudo.

São diversas situações que podemos citar que diferem esses camponeses dos trabalhadores da agroindústria. No entanto, essas relações que eles estabelecem entre si e, principalmente, entre as demais famílias da comunidade nos leva a entender as especificidades das suas práticas sociais relacionadas à permanência deles no lugar enquanto camponeses.

Esses agricultores criam a partir de suas práticas sociais estratégias que tendem a suportar a precariedade do papel desempenhado pelo setor público, principalmente no que se refere à assistência técnica e aos sistemas de financiamento da agricultura camponesa. Por isso, precisam manter na comunidade um bom nome, principalmente entre aqueles que praticam relações de troca.

Quando é hora de fazer silo a gente já vai combinando. A Gente faz na confiança. Então se o vizinho vem com o trator, com a gente dele e participa é sinal que ele confia na gente. Então é só falar que a gente vai e devolve a confiança. A gente precisa disso e daí que tudo funciona, na confiança.³⁵

Podemos, por assim dizer, afirmar que essa prática ajuda a manter os camponeses no lugar, mesclando, em diversas proporções, o tradicional e o moderno, para continuarem praticando uma agricultura camponesa.

Com a troca abrangendo e solucionando as suas demandas, eles conseguem enfrentar as tensões do meio rural, induzidas por tendências locais, nacionais, pela sazonalidade da própria natureza. Assim, eles reúnem várias capacidades e habilidades para lidar, adaptar e se adaptarem às mudanças, sem perderem o seu lugar no espaço reocupado.

Essa capacidade de adaptação está ligada a um mecanismo de absorção e reorganização que eles desenvolveram no lugar, indicando que o seu dinamismo é relativo e relacional a um ambiente marcado por mudanças constantes – sociais, ecológicas, econômicas e políticas –, ou seja, são sujeitos que experimentam as imposições socioeconômicas e reagem a elas a partir daquilo que conseguem reunir na família e na comunidade.

³⁵ Fala Camponês número 3 sobre a reciprocidade no trabalho entre os vizinhos.

Por isso, consideramos que aqueles camponeses são resilientes a partir daquilo que conseguem acionar dos seus saberes e fazeres para resolverem suas demandas. São pessoas capazes de lidar com as mudanças e com os imprevistos que a vida lhes proporciona. No meio rural, eles são capazes de tolerar as nuances que surgem, reorganizando-se para digerir um novo conjunto de estruturas e processos e equilibrando-se em um ecossistema de funções econômicas e culturais.

Culturalmente, a resiliência no meio rural pode ser retratada no apreço pela terra, na decisão de se manterem nela e fazer disso seu meio de vida. Por assim dizer, esses sujeitos recriam, reinventam técnicas, meios, modos de fazer aquilo que lhes é cabível no existir naquele lugar. Intrinsecamente, a força para (re)existir no lugar, está, justamente, na capacidade humana de se recuperar de situações de crise, até mesmo de aprender com ela. Como afirma Silva (2014):

Em tempos de mudanças climáticas e ambientais, além de sobressaltos socioeconômicos, é comum casos em que pessoas, comunidades e nações submetidas a fortes tensões, catástrofes e perdas foram capazes de suportar choques substanciais e se recuperarem em seguida. Essas pessoas são, em uma palavra, resilientes. (SILVA, 2014, p. 294-295).

Essa capacidade de processar a vida no lugar vem da combinação de diferentes tipos de conhecimento que os camponeses foram apreendendo e adaptando às demandas do seu tempo ao longo das gerações. Reconhecemos suas práticas atreladas ao meio, ou seja, eles têm uma grande capacidade de adaptação ecológica, são conhecimentos construídos junto ao ecossistema, ou, como escreve FOLK et al. (2003):

The focus of the volume is the study of the adaptability of social-ecological systems to meet change and novel challenges in navigating ecosystem dynamics without compromising long-term sustainability; that loss of resilience leads to reduced capacity to deal with change. Ecological resilience has been defined as the magnitude of disturbance that can be experienced before a system moves into a different state and different set of controls. (FOLK et al, p. 354).³⁶

A passagem de Folk cita a capacidade de adaptação que os sistemas socioecológicos têm para atenderem às mudanças e aos novos desafios que as dinâmicas dos ecossistemas

³⁶ Traduzindo a citação de Folk: O foco do volume é o estudo da capacidade de adaptação dos sistemas sócioecológicos para atender as mudanças e os novos desafios na dinâmica dos ecossistemas, sem comprometer a sustentabilidade em longo prazo; a perda de resistência leva à redução da capacidade para lidar com a mudança. Resiliência ecológica tem sido definida como a magnitude do distúrbio experienciado antes que um sistema entre em um estado diferente e em diferentes formas de controle. Fonte: Tradução da autora.

ocasionam, sem comprometer, em longo prazo, sua sustentabilidade. Dessa forma, sua magnitude pode ser definida como um fato experimentado antes mesmo que um sistema se mova para um estado diferente.

A reorganização da agricultura familiar pela produção de bezerros, usando o leite da mãe, por exemplo, é uma forma de projeto que vem surgindo a partir das práticas sociais relacionadas aos seus costumes, inclusive de construção da poupança, pois o bezerro continua na propriedade para ser comercializado quando a família precisar.

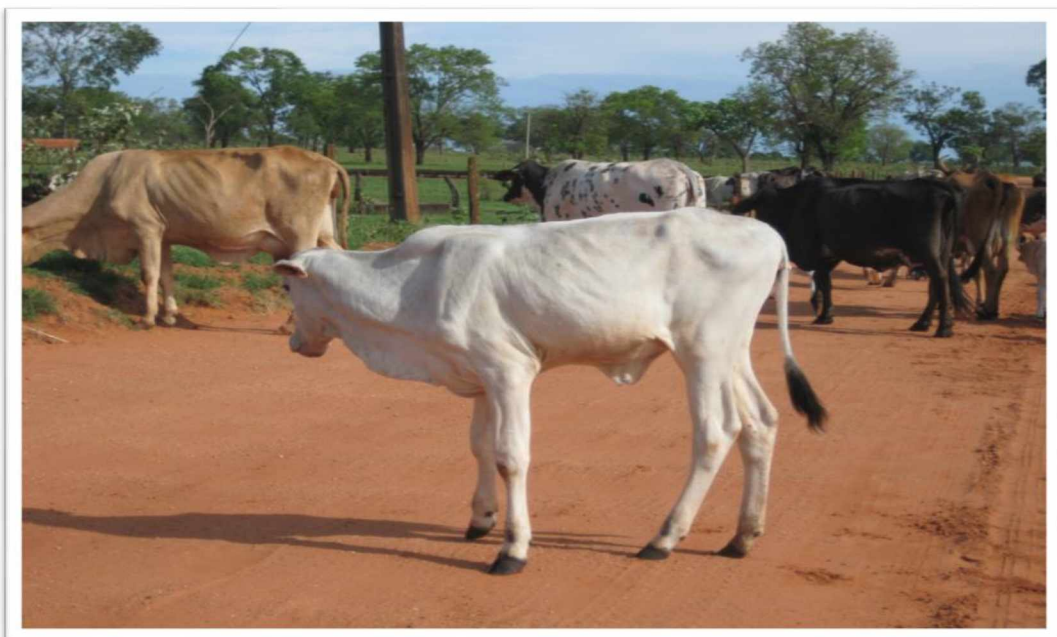
A capacidade dos camponeses de se reorganizarem indica que a família assume novas atribuições a partir de possibilidades estabelecidas pela sociabilidade e percepção do lugar. A construção de poupança usando aquilo que se tem na propriedade gera segurança, pois deriva das iniciativas dessas pessoas, o que tem gerado estratégias e a possibilidades de crescimento da renda familiar.

A experiência da tradição com o conhecimento científico, como no caso do uso do bezerro como poupança, constitui um dos patrimônios culturais não alienados no processo de reocupação e reordenamento socioprodutivo do cerrado.

A manutenção dos bezerros é parte de um processo criativo e que, pouco a pouco, vai indicando a necessidade de recorrer àquilo que os camponeses conhecem em profundidade. O manejo do gado leiteiro é parte de um conhecimento que eles já dominavam, uma vez que o gado já existia em seus currais, e a demanda também, o que mudou foi a forma de criar os bezerros, a percepção de um cuidado a mais para melhorar a sua criação, usando o próprio leite da mãe e proporcionando economia de vários produtos (Fotos 12 e 13). Assim, gera-se renda, incorporando-se trabalho criativo.

Os bezerros no modo de vida camponês têm a função fundamental para a economia da propriedade, uma espécie de poupança que lhe assegura renda nos momentos escassos.

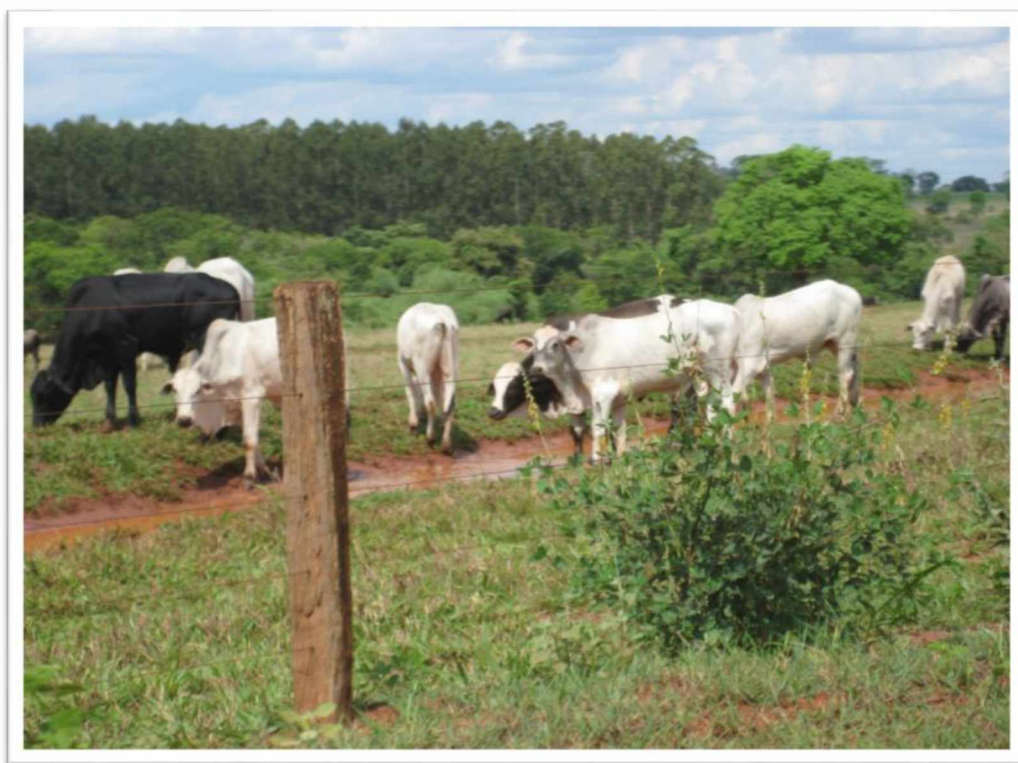
FOTO 12: Rebanho de bezerros em uma fazenda no município de Limeira do Oeste-MG



Fonte: Fazenda no município de Limeira do Oeste. Trabalho de campo, 2017.

Autora: ZUFFI, M.A. (2017).

FOTO 13: O gado para os camponeses do Cerrado lhes assegura o amanhã, é certeza de renda para movimentar a vida na propriedade



Fonte: Fazenda no município de Limeira do Oeste. Trabalho de campo, 2017.

Autora: ZUFFI, M.A. (2017).

Nesse contexto, os camponeses revelam a sua capacidade experimental, pois são inovadores e capazes de lidar com as mutações do espaço. São sujeitos que estão rodeados de recursos naturais e, mesmo que tenham pouca (ou nenhuma) instrução acadêmica, seguem experimentando técnicas e conhecimentos (MILESTAD; KUMMER & VOGL, 2009).

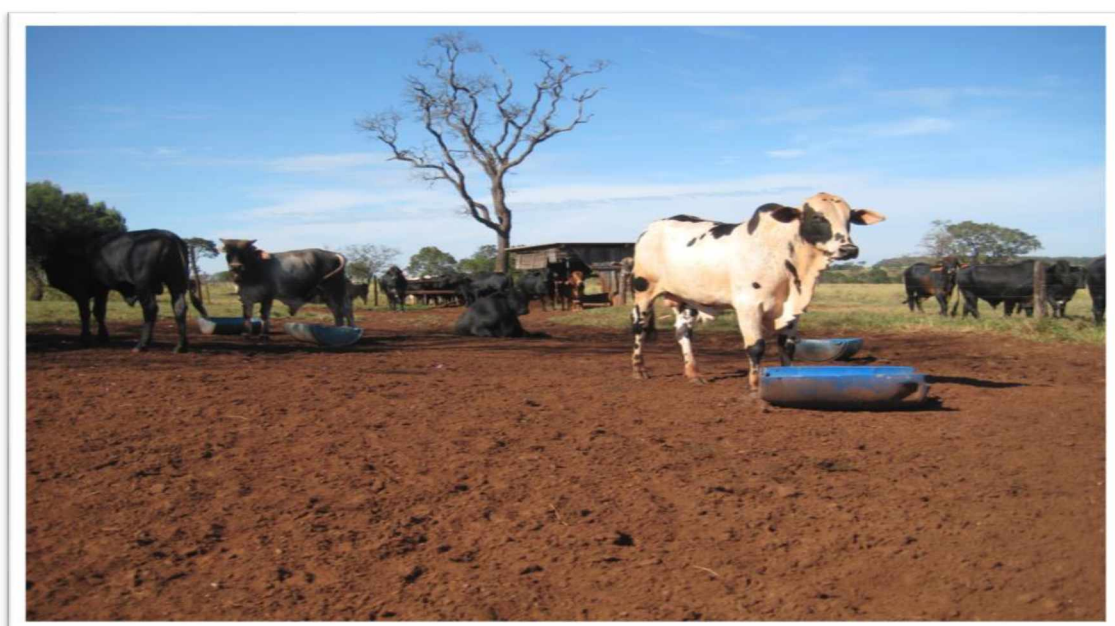
Desse modo, a resiliência no meio rural pode ser definida como a capacidade de adaptação às circunstâncias externas, de forma que se conquiste um nível socialmente satisfatório de vida. Também pode ser descrita por quão bem uma área rural pode equilibrar, simultaneamente, no ecossistema, funções econômicas e culturais (HEIJMAN et al., 2009).

Na comunidade em estudo, os criadores de gado leiteiro apresentam seus conteúdos resilientes na diversidade do lugar em que praticam suas atividades. Das práticas culturais às inovadoras técnicas de melhoramento do produto final, eles conseguiram se readequar às novas exigências do mercado, não somente dos laticínios, mas também dos compradores de gado que comercializam seus bezerros.

O uso, a partir de práticas de adaptação, de algo que sempre esteve presente no lugar é um sinônimo de inovação, da capacidade desses camponeses de se adequarem às novas situações (Foto 14).

O camponês sabe que ele irá passar por períodos difíceis, e isso não é algo que ele prevê, mas que ele já vivenciou. Ter uma “gordurinha” para poder passar por esse período exige dele uma economia para garantir o sustento durante o período magro.

FOTO 14: Do animal, aproveita-se tudo, desde o leite até o couro



Fonte: Fazenda no município de Limeira do Oeste. **Autora:** ZUFFI, M. A. (2017).

As particularidades no processo de criação de um “novo” produto referem-se à autonomia e compromisso de seus membros. Assim, a criação de bezerros como reserva de valor envolve outras atribuições, indica que esses camponeses processam as informações que chegam até eles, dando praticidade ao uso dos recursos que estão ao seu alcance (Foto 15). Isso significa que há na resiliência dessas pessoas, uma interação socioeconômica e ecológica com o lugar que se vive.

FOTO 15: Rebanho sendo conduzido ao pasto



Fonte: Comunidade São Jerônimo, Limeira do Oeste. Trabalho de campo, 2017.
Autora: ZUFFI, M.A. (2017).

Na criação de bezerros, em nenhum momento acresceram-se produtos químicos. A introdução dos bezerros momentos antes da ordenha permite que o leite desça sem necessidade de aditivos químicos e biológicos. Ademais, os bezerros ficam junto das mães para evitar doenças e melhorar a nutrição deles.

Essa natureza dos animais gera outras conquistas com resultados que podem ter implicações no seu cotidiano. Para os camponeses, toda e qualquer alteração no ritmo de seu cotidiano podem ter diferentes resultados, sejam eles econômicos, sociais ou culturais. Nesse momento, as tradições e a identidade junto ao senso de comunidade assumem um papel importante na forma de “amortecer” os impactos que os grandes investimentos de capitais geram no lugar. *Nois num gosta desses veneno não. Nois usa o bezerro mesmo. Só por ele*

*perto da mãe que ela solta o leite. Ai nois deixa ele mamá um pouco e depois tira. A mãe já fica esperando*³⁷.

Explorar os recursos e os meios que eles têm para lidar com as tensões vividas no território implica na elaboração de estratégias que ajudam a revelar os conteúdos da resiliência daqueles camponeses. Eles criam e recriam saídas, basicamente, no ambiente familiar e, em certa medida, envolvendo a comunidade.

Todo o conhecimento adquirido a partir das diferenças socioproductivas expostas pelos camponeses, constantemente, forma uma dinâmica de vida no lugar. Em geral, são desafios diários a que eles são expostos frente às mudanças socioespaciais determinadas pelos que personificam a lógica capitalista.

Desse modo, ser resiliente é também estar sempre atento às armadilhas que o meio lhe impõe. As mutações na renda da terra são exemplos de armadilhas que o setor sucroalcooleiro/sucroenergético ocasiona a essas pessoas. Assim, o acesso aos solos e à água passa a ser regulado pelo arrendamento, estabelecendo interferências com as quais os camponeses precisam lidar em determinados momentos.

A partir desses fatores, as estratégias de resiliência em comunidade são formas de eles se protegerem, de não caírem em armadilhas como o endividamento econômico e ou a dependência dos pacotes tecnológicos vindos e impostos da chamada Revolução Verde. Um caso clássico são as sementes produzidas por empresas como MONSANTO e CARGIL, as quais controlam a produção de sementes no mundo. Esse controle é legitimado a partir de um discurso cuja essência reside na geração de plantas saudáveis e de rápido desenvolvimento. Além da esterilidade das sementes, que não podem ser reutilizadas de forma ecológica e natural na reprodução das espécies comercializadas, elas representam um monopólio.

São várias as formas que o sistema dominante cria para subordinar o campesinato, e o mercado de sementes, controlado por algumas empresas mundiais, é um exemplo importante. O cuidado e a atenção em não perder as raças de gado leiteiro exigem um olhar adaptado ao cerrado; são percepções de pessoas ligadas e atentas ao que acontecem a sua volta.

³⁷ Camponês número 5, sobre o uso de bezerros para facilitar a saída do leite da vaca.

3.2 No exercício da resiliência: Mutualismo, identidade e cultura

Na defesa do lugar, os camponeses podem ser vistos como “usadores” coerentes dos recursos disponíveis nas suas propriedades. Na relação com o cerrado, formam o ecossistema do ambiente e, conseqüentemente, tendem a influenciá-lo de várias formas, sejam elas apropriadas ou prejudiciais. Como eles irão lidar para construir suas estratégias de existir no lugar será o resultado das experiências que eles acumularam ao longo de suas vidas.

Na comunidade, é necessário considerar as particularidades das relações. Assim, além das maneiras que já descrevemos até o momento, há aqueles que reelaboram seus vínculos com o lugar, suas humanidades em meio às imposições da agroindústria. No lugar São Jerônimo, a vida segue, e os camponeses vão estabelecendo suas ações e reações, apresentando comportamentos que traduzem suas interações com o meio e em comunidades. No enfrentamento das imposições, eles se comportam como gestores de seus sistemas de resiliência, assumindo, na relação com os que vivem no lugar, acordos que suscitem mutualidades específicas.

Nesse sentido, a concepção de ajuda que os camponeses asseguram entre si reúne relações dinâmicas e possibilidade do mundo camponês. Desse modo, eles criam sistemas de reciprocidades que orientam e estimulam suas existências frente aos conflitos que surgem no processo de permanecer no lugar.

Nas ciências ecológicas, vemos que as relações mutualísticas são decisivas para a reprodução de diversas espécies animais e vegetais. Observamos que os seres vivos se ajudam em uma interação que às vezes é entre animais e vegetais, como a polinização que as abelhas fazem e a produção de mel, pois, ao sugar os nutrientes das flores que elas necessitam para a fabricação do mel, elas estão, automaticamente, contribuindo para o cruzamento da flor para gerar a fruta, sendo, assim, uma relação de ajuda em que ambos saem ganhando.

Os benefícios para esse tipo de interação ecológica são fascinantes e grandes responsáveis pelas distintas histórias de vida e estratégias de crescimento e defesa no uso do seu habitat. No âmbito da geografia, ao observarmos as relações do homem com o território, percebemos uma semelhança cultural com as leis biológicas de interação entre os seres vivos.

Observamos que a convivência em comunidade fundamenta relações que são baseadas na confiança e na reciprocidade, leis naturais estabelecidas e concebidas dentro de uma lógica humanitária e fisiológica. A ajuda, nesse caso, acontece porque os sujeitos entendem que sozinhos não seria possível realizar atividades que exigem maior aporte tecnológico e emprego de mão-de-obra para realizar suas tarefas diárias.

Não devemos considerar como uma sociedade comunista, visto que os camponeses não são livres do sentimento de posse, mas, pelo contrário, essa assistência é um meio de fortalecer o território, resultando na obtenção de renda e, conseqüentemente, na sua existência no lugar. O camponês apresenta relações orgânicas e culturais, éticas e morais com a sua terra e com os outros que praticam o mutualismo. Essa compreensão do princípio básico de comunidade foi descrita por Kropotkin, quando o autor observava o comportamento entre espécies de animais e de homens de sociedades primitivas até as modernas. Sua tese é pautada na cooperação da vida em comunidade.

Kropotkin (2009) afirma que a competição entre as espécies, a luta entre os indivíduos, nunca atinge a importância de suas condições. Em uma crítica expressa ao Darwinismo, ele combate a ideia de que é em condições de escassez e dificuldades extremas que acontecem as evoluções. Kropotkin sustenta a tese de que a ajuda mútua é um fator da evolução dos instintos morais, uma lei da natureza:

Não é amor, e nem mesmo simpatia (compreendida em seu sentido literal), o que leva um rebanho de ruminantes ou de cavalos a fazer um círculo a fim de resistir ao ataque dos lobos; ou lobos a formar uma alcateia para caçar; ou gatinhos ou cordeiros a brincar; ou os filhotes de uma dezena de espécies de aves a passarem os dias juntos no outono. Também não é amor, nem simpatia pessoal, que leva muitos milhares de gamos, espalhados por um território do tamanho da França, a formar dezenas de rebanhos distintos, todos marchando em direção a um determinado ponto para cruzar um rio. É um sentimento infinitamente mais amplo que o amor ou a simpatia pessoal – é um instinto que vem se desenvolvendo lentamente entre animais e entre seres humanos no decorrer de uma evolução extremamente longa e que ensinou a força que podem adquirir com a prática da ajuda e do apoio mútuos, bem como os prazeres que lhes são possibilitados pela vida social. (KROPOTKIN, 2009, p. 14-15).

É nessa percepção de solidariedade humana que podemos incluir as relações que observamos na comunidade de São Jerônimo, no município de Limeira do Oeste. Uma prática consciente em reconhecer que a força de todos, dentro de um senso de equidade, leva o sujeito a considerar o outro como um fundamento necessário na sua existência humana no lugar.

Não é de hoje que a agricultura camponesa no Brasil vem enfrentando problemas políticos e econômicos. Compreender o contexto desses sujeitos e suas estratégias sociais de vida, inclusive de reinvenções de técnicas agrícolas, é relevante para apontar e discutir os desencontros das políticas públicas implementadas no campo brasileiro.

As potencialidades camponesas na geração de trabalho e renda na agricultura indicam formas de organizar a produção e de gerar as oportunidades, que são criadas para se

suportarem as imposições sociais, sejam elas do agronegócio ou mesmo de ordem natural. Nos seus modos de vida, os camponeses não constroem apenas soluções econômicas com a silagem, mas, antes, ela implica em relações de mutualidade entre vizinhos.

Para tanto, a parceria/ajuda, também ligada à resiliência e suas territorialidades, dá vida ao lugar. Trata-se de acordos tácitos que foram desenvolvidos, absorvidos e apreendidos pelos camponeses e servem para eles lidarem com os vieses do mercado e da própria natureza.

No mutualismo, há o exercício da liberdade; é nesse momento que o camponês se assegura livre, quando ele troca entre vizinhos serviços para fazer o silo ou quando esse mesmo vizinho dirige o trator e o ajuda na preparação da silagem. Desse jeito, o camponês não precisa se endividar para comprar mais de um trator (Foto 16).

FOTO 16: Trator utilizado no preparo dos silos



Fonte: Trabalho de campo, Comunidade de São Jerônimo, 2017.

Autora: ZUFFI, M.A.(2017).

Ter um trator na comunidade é uma medida importante para praticar troca de serviços. Com essa máquina, os camponeses reduzem o trabalho braçal e ampliam a possibilidade de promover a ajuda mútua.

No mutualismo praticado em São Jerônimo, essa ajuda é devolvida no ciclo das demandas cotidianas. O vizinho que emprestou tecnologia, tempo e conhecimento, tudo faz na confiança, pois instituiu-se, no costume de fazer o silo, a garantia de que se receberá a devolução da ajuda, da forma que o outro puder (Foto 17).

O resultado desse mutualismo é o controle de suas ações, visto que, agindo dentro do costume, o camponês evita tomar empréstimos, se endividar e, assim, cair em um ciclo de endividamentos que comprometam sua estabilidade financeira.

FOTO 17: Área destinada a preparação do silo



Fonte: Trabalho de Campo, Comunidade de São Jerônimo, 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

Geralmente, o lugar escolhido fica próximo às roças de cana-de-açúcar e milho bem como do curral. Trabalhar com a pecuária leiteira promoveu na comunidade demandas comuns, e isso insere os camponeses na condição de fornecedores e recebedores de ajuda dos vizinhos. A prática da mutualidade vem do exercício de sua resiliência no campo, onde eles vivem as dinâmicas socioterritoriais, expostos pelas mudanças repentinas que acontecem em um espaço reocupado e envolvido nas motivações econômicas do agronegócio.

Temos mais de 20 anos que nós faz silo. Ai tem um fazendeiro ali que as veiz ele ocupa o nosso trator, trabaia, faizi o dele lá, ai nós ocupa o dele também. Põe só um petróleo. Um ajuda o outro. Porque ocê ter que desemborsar tudo, nós num dá conta.³⁸

Compreender o conjunto desse sistema de mutualidade ajuda no entendimento de que a resiliência encontra-se respaldada em um conjunto de práticas sociais que são efetivadas na construção de saídas para o enfrentamento daquilo que é comum para os camponeses e suas estratégias, as quais serão tratadas no quarto capítulo.

³⁸ Camponês 1, a respeito do porquê do mutualismo na silagem

CAPÍTULO 4:

NOS CICLOS DA NATUREZA DO CERRADO: RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS CAMPONESAS

Há ações dos camponeses que convergem para uma relativa autonomia econômica e social. Como fundamento desse processo, eles têm se movimentado no sentido de evocar e recriar seus valores humanos e tradições. Nessa condição, a ajuda mútua tornou-se de extrema importância para o compartilhamento de suas estratégias, de continuarem praticando seus costumes no território da comunidade de São Jerônimo.

Nesse reconhecimento, também há a compreensão de mutualidade, de modo que se nota uma sensibilidade dos camponeses por assimilarem a superação conjunta dos momentos de crises anteriores. Nesse processo, há aprendizagens, as quais resultam em formas de planejar as soluções dos problemas que eles podem vir a enfrentar futuramente. Essa prática faz parte dos membros da comunidade, explicitando o que estamos compreendendo enquanto resiliência dessas pessoas.

A partir das estratégias estabelecidas na comunidade, entendemos que a resiliência faz parte do cotidiano de (re)existências socioambientais dos camponeses envolvendo resiliências relacionadas à pecuária leiteira praticada no lugar. Nesse contexto, a possibilidade de passar por situações extremas e manter seus rebanhos em condições de gerar renda faz com que eles busquem estratégias socioculturais para atender às demandas da vida.

Percebemos que a capacidade de recuperação dos camponeses vem de um desenvolvimento particular de cada comunidade. Curiosamente, observamos que, quanto maiores os desafios a que são expostos, mais dedicados aos enlaces comunitários se apresentam.

Essa situação indica que a vida comunitária se fortalece na elaboração de saídas, as quais são construídas na confiança entre eles. A fiúza sugere que eles precisam continuamente ser recíprocos. Essa prática construída foi enraizada no lugar, indicando capacidades específicas de desenvolverem suas habilidades, de criarem e se recriarem como camponeses.

No lugar, por terem uma característica mais peculiar, as áreas de pastagens têm maior propensão aos impactos das alterações climáticas, e esses fatores exigem uma maior atenção quanto ao trato das criações domésticas e cultivo de culturas, o que força o camponês a se preparar para enfrentar esses eventos.

Na comunidade, em diferentes situações, os saberes e fazeres camponeses são acionados para resolverem casos do cotidiano. Na pecuária leiteira, usa-se o bezerro para ordenhar o gado, evitando o uso de medicamentos para “descer o leite”. Os silos são feitos para superar a escassez de alimentos, particularidade do período seco. O uso de maquinários compartilhados evitam gastos desnecessários. No conjunto, essas são medidas que indicam o conhecimento aprimorado das demandas da atividade, dos sujeitos e de suas famílias. Nas percepções dos agricultores, não se encontram apenas as suas sensibilidades em lidar com nuances dos ciclos naturais, mas, conseqüentemente, suas formas de superar esses fatores. Ademais, eles estão atentos à situação social dos seus vizinhos.

Quando um membro da comunidade adoece, a ajuda vem de todos os lados. Esse cooperativismo está relacionado ao esforço constante para se manter no lugar. A ajuda é uma verdadeira economia, porque o mutualismo, na produção e no consumo, integra uma rede social e cultural que está intimamente ligada através dos múltiplos laços culturais.

Ao adoecer, o sujeito necessita de mais atenção, pois ele já trabalha no limite do que ele precisa para produzir, e, quando esse limite é ultrapassado, as dificuldades ficam ainda maiores. Na comunidade, vimos um desses momentos, quando um dos camponeses adoeceu e deixou sua esposa viúva. Nesse momento, os membros da comunidade passaram a dividir as tarefas junto à viúva: *Um vem com o trator cuidar do pasto, outro vem saber se preciso ir na cidade e assim, nós vai levano né?*³⁹

A prestação de cuidados entre eles vem da ideia de que a ajuda é uma estratégia social em que os problemas ocorrem e proporcionam, de forma simples e eficaz, tanto quanto possível para alcançar o suporte necessário durante as situações de crise, como a relação de crise desencadeada pela morte.

A resiliência de populações tradicionais chama a atenção pelas adaptações dessas pessoas em resposta aos períodos de dificuldades já enfrentados. Elas possuem uma capacidade regenerativa frente aos problemas de ordem social e também de ordem econômica graças às suas habilidades construídas por gerações para combater as problemáticas relacionadas à família e ao uso do cerrado.

O potencial para encontrar saídas é diverso; alguns autores classificam essas resiliências como resiliência social, pois incluem estratégias de diversas ordens.

³⁹ Fala do Camponês número 7 sobre a ajuda que ele vem recebendo dos vizinhos na propriedade após o falecimento do esposo.

FOTO 18: Em primeiro plano, preservação do Cerrado. Ao centro, criações, pomar e horta. Segundo plano, terra tombada e pastagens, pomar e horta



Fonte: Comunidade São Jerônimo, Limeira do Oeste.
Autora: ZUFFI, M.A. (2017).

FOTO 19: Quintal de uma propriedade camponesa



Fonte: Comunidade São Jerônimo, Limeira do Oeste. **Autora:** ZUFFI, M.A. (2017).

Os meios de vida envolvem o cultivo de plantas do gênero alimentício, fitoterápicas e madeira lenhosa. A agricultura camponesa, ao cultivar seus meios de vida, indica os seus arranjos sociais, que se distinguem dos demais pela sua estabilidade frente aos desafios da vida.

Nesse sentido, as criações de pequenos animais bem como o cultivo de pomares e hortas são exemplos de sua (re)existência aos ciclos econômicos, políticos e sociais. Para o camponês, permanecer enquanto tal, cultivar a sua própria comida e contribuir com serviços para superar as carências de braços – como é o caso da senhora que ficou viúva – ajudam a compreender os nexos da sua resiliência com o outro e com o vivido.

Sua capacidade de enfrentar e se reerguer das tensões vem da sua capacidade de estar sempre atento às carências de cada um e de poder se reinventar, pois:

Na relação secular com o cerrado, estabeleceu sua produção dentro de um ciclo reprodutivo que se diferencia das demais lavouras comerciais (sobretudo soja e milho) as quais são, em sua grande maioria, produzidas por agentes altamente tecnificados. (SANTOS, R. J., 2009, p. 3-4).

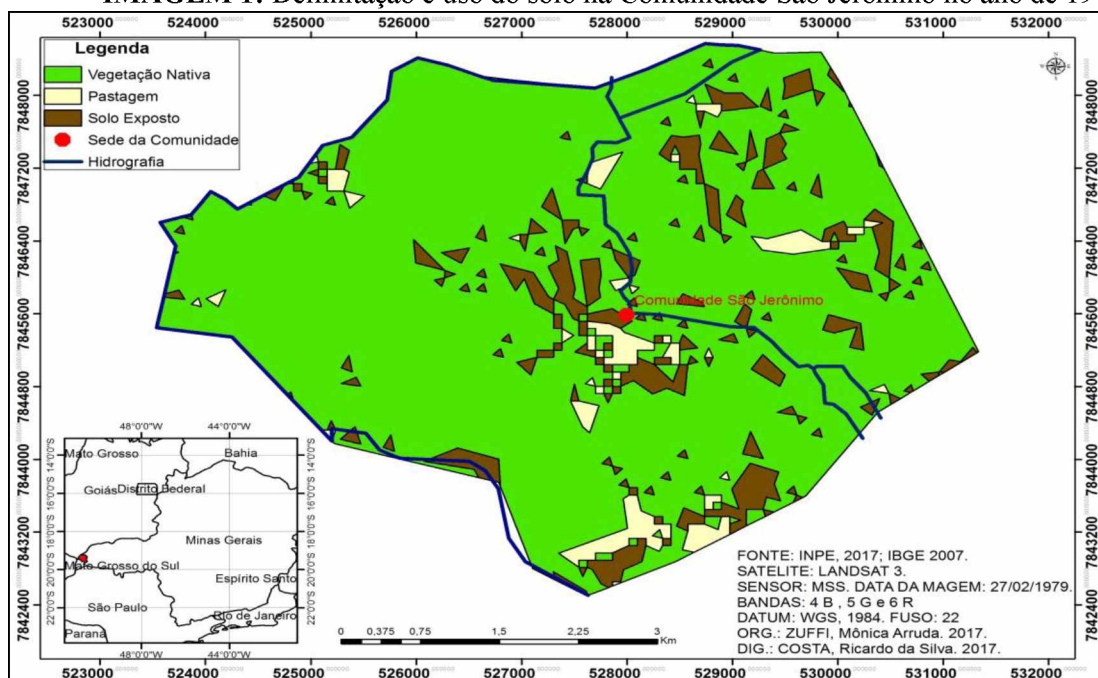
Observando os mapas que datam de 1979, 2000 e 2016, respectivamente, podemos analisar a permanência camponesa no lugar São Jerônimo frente aos processos de reocupação do cerrado e neste século, em relação à monocultura da cana-de-açúcar.

As imagens em questão nos proporcionam analisar as principais alterações ocorridas na comunidade no decorrer dos últimos trinta anos. Nesse período, a participação camponesa na agropecuária praticada na comunidade de São Jerônimo aceitou a continuidade de atividades tradicionais, principalmente aquelas ligadas a uma economia de fatura de alimentos para abastecer a mesa dos camponeses.

Na década de 1970, o estado de Minas Gerais abriu espaço para ampliar os investimentos de capital, aumentando sua infraestrutura econômica com associações a outros países, promovendo aceleração na modernização da agricultura. Com a abundância de recursos (inclusive) naturais, alavancaram o crescimento do setor agropecuário na região (CRUZ, 2007).

A Imagem 1, que apresenta o uso do solo da comunidade no ano de 1979, compreende o espaço em análise, com uma paisagem natural quase inalterada pela atividade agrícola, onde a permanência de áreas com vegetação nativa prevalece por toda a delimitação territorial da comunidade. Como podemos observar, o predomínio da cor verde corresponde à vegetação nativa.

IMAGEM 1: Delimitação e uso do solo na Comunidade São Jerônimo no ano de 1979



Fonte: INPE, 2017/IBGE, 2017. Org. ZUFFI, M.A. 2017.
Dig. COSTA, Ricardo da Silva, 2017.

Os solos expostos, nas Imagens 2 e 3, abrangem a lavoura (áreas colhidas), áreas sem cultivo e pastagens degradadas da comunidade de São Jerônimo. A não distinção ocorre devido à refletância do sensor dos satélites ser a mesma para as categorias citadas, fazendo com que ambos os itens coincidam na imagem.

A região que abrange o município de Limeira do Oeste é banhada pelos rios Paranaíba e Rio Grande. A irrigação na comunidade de São Jerônimo fica por conta do Ribeirão da Reserva, córrego que abastece os camponeses e demais agricultores no lugar (Agência Nacional das Águas-ANA).

A partir da década de 1990, houve profundas transformações na paisagem. Na imagem da área, observamos um mosaico bastante colorido, diferente da anterior. Nessa imagem podemos ressaltar inúmeras interferências no solo, principalmente com a predominância da cor marrom, a qual indica solo exposto.

Essas alterações decorrem das atividades agropecuárias na mesorregião do Triângulo Mineiro, das quais podemos compreender, a partir dos grandes projetos de reocupação do cerrado, a expansão comercial e sua diversificação produtiva, o que refletiu no crescimento da produção de alimentos na região (BRANDÃO, 1989).

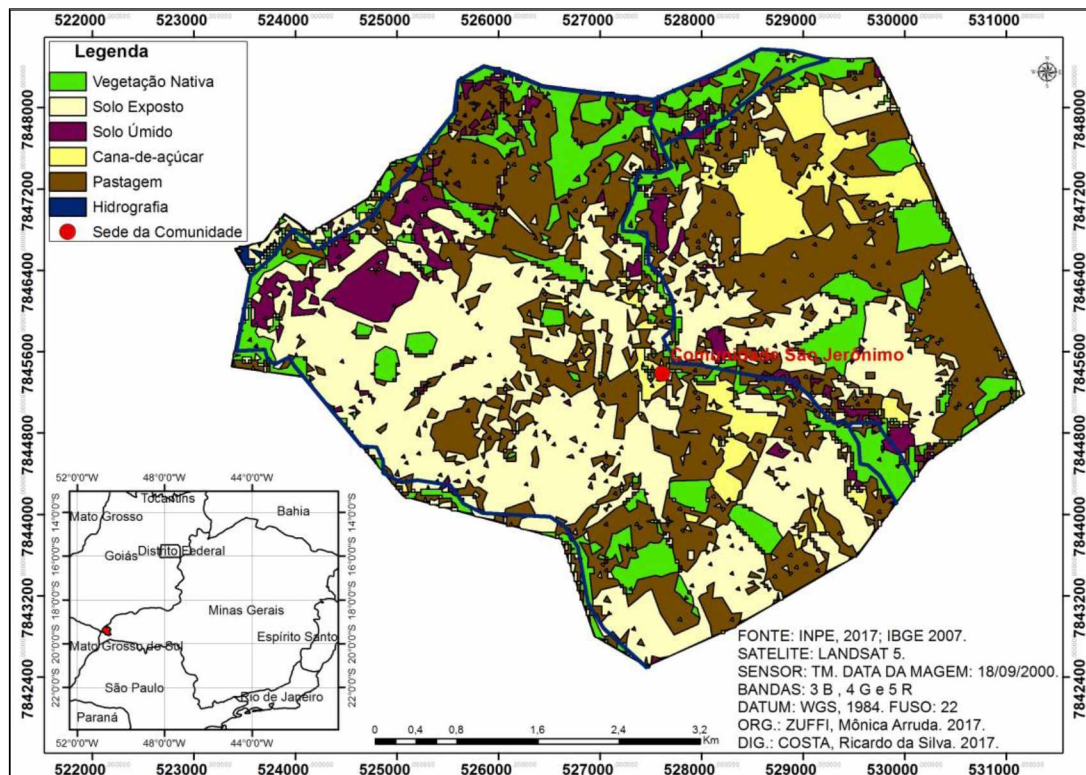
Os recursos disponibilizados para tornar o cerrado mais atrativo acabaram atraindo investidores internacionais, o que resultou em projetos como o JICA-PRODECER I:

Em 1979, o Estado brasileiro e o capital japonês, por meio do JICA (JAPAN INTERNATIONAL COOPERATION AGENCY, ou Agência Japonesa para a Cooperação Internacional), iniciam, conjuntamente, a execução de um gigantesco projeto de recuperação dos cerrados, chamado PRODECER I (Programa de Desenvolvimento do Cerrado). A partir de modernas técnicas de produção agrícola, esse projeto avança nos cerrados do Estado de Minas Gerais sobre as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. (SANTOS, R. J., 2008, p. 23).

A partir de então, toda assistência necessária para se desenvolver a região do cerrado pelo PRODECER motivou sistemas agrícolas viáveis por Minas Gerais, bem como sua difusão entre os produtores rurais.

Em conjunto com esse programa, ações de empresas privadas foram criando estratégias que contemplavam assistência técnica, linhas de crédito, custeio e seguro agrícola, para motivar a produção rural na região. O resultado de todo esse investimento foi o aumento da produção de grãos, como milho, abrangendo mais de sessenta mil hectares nos municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

IMAGEM 2: Uso do solo na Comunidade São Jerônimo no ano de 2000



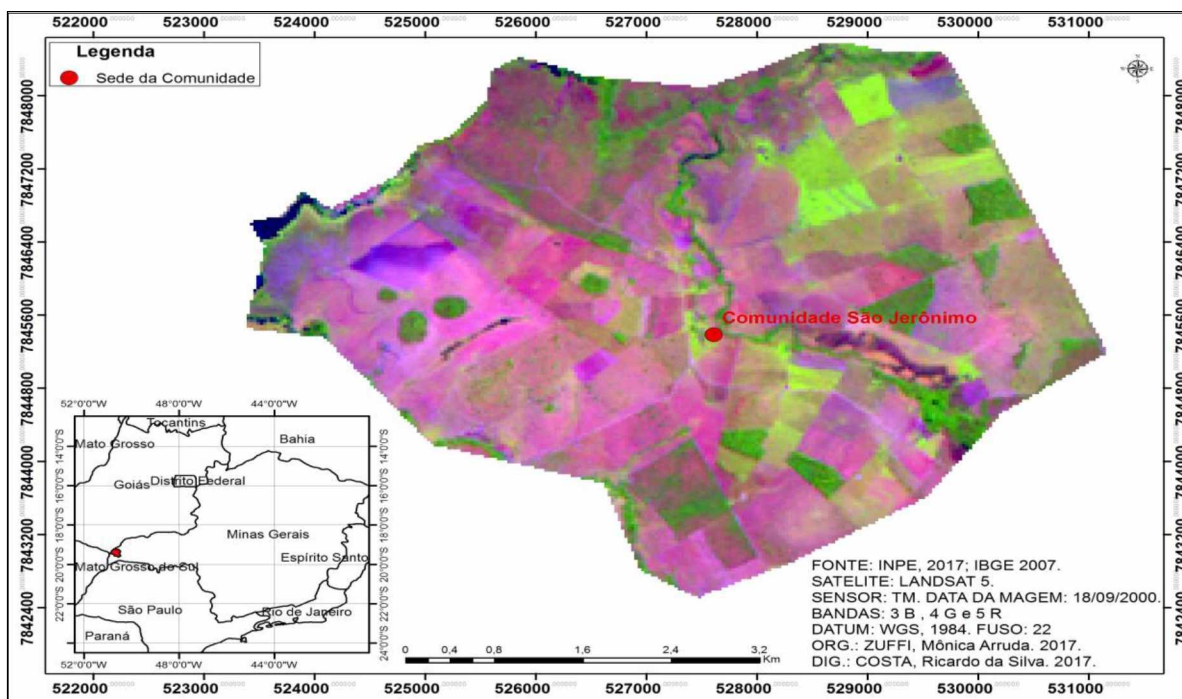
Fonte: INPE, 2017/IBGE, 2017. Org. ZUFFI, M.A. 2017.
Dig. COSTA, Ricardo da Silva, 2017.

Naquela década, mesmo com as consequências das políticas econômicas para o setor agropecuário favorecendo os grandes produtores que estavam nas fazendas com grande extensão de terra (CAMPOS, PEREIRA & TEIXEIRA, 2014), os camponeses, que estavam sem os créditos adequados para atender às suas necessidades, mantiveram a criação de gado, como foi apontado na Imagem 3 pela cor marrom.

Vale destacar, que a pecuária camponesa, para esse período, foi a responsável por grande parte da área utilizada com pastagens. O cultivo de capim e pequenos roçados de cana indicam a formação de uma importante bacia leiteira. Essa situação identificada na Imagem 3 indica que o camponês vai se dedicar à atividade leiteira. Esse processo, analisamos a partir do uso de técnicas modernas e tradicionais campesinas, pois, ao atender as demandas dos laticínios, ele terá que se reinventar.

Na relação com os laticínios, vivem-se várias imposições que vão se revelar como dificuldades. Nas falas das pessoas que vivem na comunidade, observamos que as habilidades desses sujeitos no trato dos seus rebanhos lhes permitiram reinterpretar e assimilar outras características dos ciclos naturais do cerrado. Esse conhecimento traduzido em habilidades de criarem estratégias foi se tornando um trunfo na atividade leiteira. O estudo da construção dos silos, acionando práticas sociais antigas, como a ajuda mútua, nos permitiu analisar os seus conteúdos socioculturais.

IMAGEM 3: Delimitação da Comunidade São Jerônimo no ano de 2000



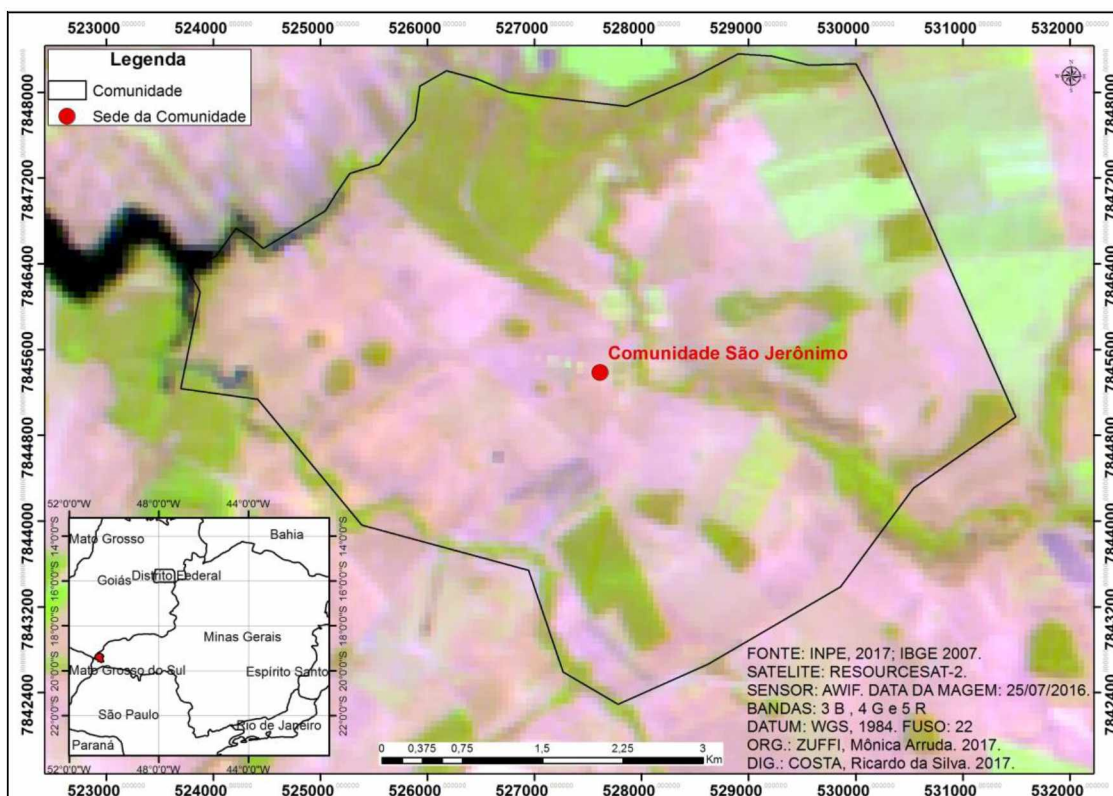
Fonte: INPE, 2017/IBGE, 2017. Org. ZUFFI, M.A. 2017.
Dig. COSTA, Ricardo da Silva, 2017.

Nessa perspectiva, o crescimento do quantitativo de leite nas propriedades camponesas vai dialogando com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado em 1996, que veio para construir um novo modelo de desenvolvimento rural no Brasil. Na comunidade, em alguns momentos, os camponeses utilizam os créditos para investimentos em máquinas, equipamentos ou infraestrutura de produção e serviços agropecuários. Por esse motivo, podemos também justificar o aumento de áreas destinadas ao cultivo de culturas perenes para elaboração de silos, os quais ocorrem com a participação de vizinhos.

Na Imagem 4, registramos o crescimento do cultivo dos solos. O município de Limeira do Oeste apresenta um total de 30,2% de áreas agricultáveis convertidas em cana-de-açúcar, 21,8% das áreas de pastagem, 12,8% das áreas de vegetação nativa, existindo 5,8% de cana-de-açúcar no município no ano de 2000 (PETRONZIO, 2014, p. 81).

Na Imagem 4, vemos que essa área emerge, principalmente, por estar em aflúências hídricas, como a bacia do Rio Grande e a bacia do Rio Paranaíba, contribuindo com o uso das terras pela apropriação dos recursos hídricos. Além de ser um grande atrativo para os usineiros, também facilita a vida dos camponeses que ali estão.

IMAGEM 4: Delimitação da Comunidade São Jerônimo no ano de 2016



Fonte: INPE, 2017/IBGE, 2017. Org. ZUFFI, M.A. 2017.
Dig. COSTA, Ricardo da Silva, 2017.

Diferente do ano 2000, analisando imagens obtidas do ano de 2016, vemos menos solo exposto e mais áreas destinadas às pastagens. Nessa situação, compreendemos que cultivar pastagem pode significar melhores condições de manejo para o rebanho. Dessa forma, os camponeses, além dos silos, construídos a partir de relações sociais, cultivam suas pastagens, reforçando a capacidade de se reinventarem e incorporando novas tecnologias ao seu caráter resiliente, nos ciclos naturais do cerrado e econômicos da pecuária leiteira.

No cerrado, de maio a outubro, os pastos secam, e, para manter o rebanho bem nutrido, é necessário estocar alimentos.

*De um mês, um mês e pouquinho, eu e meu primo nós compra um caminhão de casquinha que nós usa pra fazer o silo. Pra mim, dá pra uns 60 dias. Pra nós ela custa R\$850 a tonelada. Quando chega da época do tratar, o preço do leite tá lá em cima. Então ocê já compra um estoque bom, que dá pra uns 60 dias, que quando acabar ela já tive acabando, o leite tá caindo também. Então ocê vai mantendo, compra uma tonelada de casquinha a mil real, ela dá pra 30 dias, na volta do mês ocê tira 4mil de leite, então ocê vai remando.*⁴⁰

⁴⁰ Fala do Camponês 4 sobre o estoque de alimentos e a produção de silo.

Com a permanência das áreas de pastagens, compreendemos que a resiliência camponesa, conforme vem sendo discutida neste trabalho, parte de seu caráter sociocultural, relacionado à experiência acumulada pelas famílias, à campesinidade e à ajuda mútua como prática social antiga que se atualiza no atendimento das imposições de várias ordens, e, assim, vão permanecendo no lugar.

Compreender a capacidade resiliente do camponês é instigar os modos de vida que se apresentam na complexidade do vivido e que, na comunidade de São Jerônimo, encontram-se imbricados na diversificação das relações, para atender às demandas relacionadas às suas atividades.

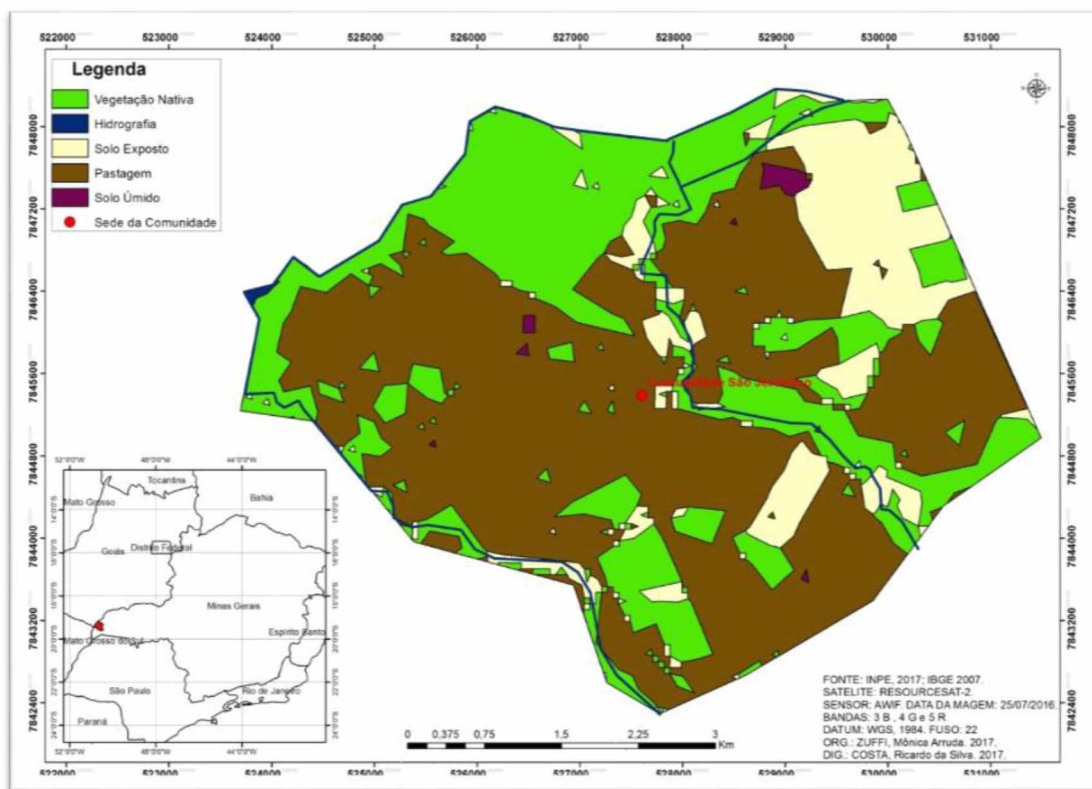
Desse modo, mais do que um jeito prático, a escolha da pecuária leiteira decorre da experiência que os camponeses construíram no cerrado e que deverá ser avigorada no projeto familiar como estratégia de fortalecer as relações sociais, suas práticas comunitárias e, dessa forma, os seus conteúdos resilientes no grupo. Ela reflete aspectos particulares, incluídos, de algum modo, os conhecimentos, as habilidades, os valores humanos e as articulações políticas entre vizinhos.

Na comunidade, os camponeses estão localizados em solos férteis, profundos e bem drenados. Essa característica fornece suporte às pastagens, ao cultivo de volumoso. A quantidade da água decorre da preservação de nascentes e das áreas úmidas, compromisso assumido pelo coletivo.

Esses dados, pensados conjuntamente à atividade leiteira, indicam a amplitude das diferentes situações relativas ao conteúdo das suas resiliências. Isso provoca uma compreensão mais profunda do projeto das famílias, guiando, inclusive, a reciprocidade pelo direcionamento da mutualidade entre eles, por exemplo, na troca de serviços.

Na comunidade de São Jerônimo, vemos uma paisagem que passou por diversas transições de cultivos, indicando que o conhecimento sobre o cerrado é dinâmico e mutável (Imagem 5).

IMAGEM 5: Uso do solo na Comunidade São Jerônimo no ano de 2016



Fonte: INPE, 2017/IBGE, 2017. Org. ZUFFI, M.A. 2017.
Dig. COSTA, Ricardo da Silva, 2017.

Desse modo, mesmo estando os camponeses cercados pela monocultura da cana-de-açúcar, o leite é predominante no lugar, havendo entre eles a preocupação em também cultivar comida: *Nois planta num pedacinho o que ocê vai comê. Tudo que nois come é daqui, nois come daqui*⁴¹.

Assim, vemos que há entre eles uma diversidade de cultivos voltados para tornar a mesa camponesa bastante farta. Nas residências, nas proximidades da casa, a horta e o pomar continuam sendo cultivados para abastecer as cozinhas. Essa diversidade nada mais é do que o reflexo de sua resiliência edificada a partir dos seus componentes socioculturais, transcritos pelo costume de cultivar grande parte da comunidade, do rebanho e dos familiares.

⁴¹ Camponês 2, sobre o cultivo de comida na propriedade. Trabalho de campo, 2017.

4.1 Resiliência nas Relações camponesas envolvendo os ciclos naturais do Cerrado

Nos capítulos anteriores, discutimos que as práticas sociais dos camponeses, envolvendo a família e os vizinhos, constituem estratégias de vida, e suas viabilidades se expressam no cotidiano dos camponeses.

Neste momento, buscamos compreender a resiliência camponesa na comunidade de São Jerônimo a partir de uma abordagem socioecológica, pois ela diz respeito às estratégias que se integram aos ciclos da natureza do cerrado, gerando possibilidades de existência.

Berkes (2007) trata a resiliência como uma discussão importante para compreender como os sujeitos criam saídas para os seus problemas cotidianos. Ele afirma que o pensamento que considera a resiliência contribui para uma análise abrangente e ajuda a avaliar os riscos das relações homem-natureza. Para o autor, os sistemas socioecológicos não podem ser analisados separadamente (social – físico). Por isso, a resiliência é importante para enfatizar a capacidade do sistema de lidar com um perigo. Ela permite múltiplas formas de respostas, incluindo a capacidade que os sujeitos têm de aprender com as dificuldades e instruir-se com elas.

O reconhecimento de desvincular a natureza das pessoas, na visão de Buschbacher, também é algo sem sentido.

Reconhecendo que o uso que as pessoas fazem da natureza está embutido no sistema socioeconômico (seus valores, relações sociais e políticas, direito de uso, leis, governança, mercado e relações econômicas etc.), o conceito de ‘sistemas socioecológicos’ está sendo usado para integrar os processos e componentes socioeconômicos e biofísicos. (BUSCHBACHER, 2014. p. 11).

Nesse sentido, a resiliência deve ser pensada considerando-se o modo de vida do camponês, e, a partir dele, como ele enfrenta os acasos e indeterminações do vivido. Segundo Buschbacher, a resiliência comparece no vivido como componente do ser para manter a flexibilidade da vida, para ele se adaptar e aprender com os momentos difíceis e de incertezas que acontecem no processo dinâmico e imprevisível de geração de renda a partir do gado leiteiro.

Na obtenção de leite, o uso de tecnologia e dos recursos naturais disponíveis no lugar representa o estado atual da atividade. Na propriedade, o cultivo de cana-de-açúcar em pequenos roçados, não mais que um alqueire, bem como o manejo das pastagens, constitui-se em uma resposta daqueles sujeitos às variações dos ciclos hidrológicos.

Com toda a tecnologia disponível, os controles dos agentes naturais sugerem um domínio humano dos ecossistemas terrestres, resultando na intensificação agrícola e também em uma combinação de atividades que, juntas, respondem às atividades que incluem: irrigação; pesticidas; agrotóxicos; e demais variedades de cultivo.

No entanto, há outras maneiras de lidar com os desafios que as mudanças na agricultura vêm gerando. Nessa discussão, inspira-nos os camponeses e seus múltiplos e complexos meios de se relacionarem com a natureza, manifestando seus entendimentos sobre solos, clima, vegetação, água, direção dos ventos, temperatura, e entre outros.

Nos diálogos em que abordamos os usos e manejos relacionados ao gado, observamos combinações do moderno com o tradicional. O cultivo da cana-de-cana aparece na diversidade camponesa como sendo um estoque de comida que reduz os custos relacionados a silagem.

Com pouco uso de tecnologia na criação de gado, consolidam-se na cultura camponesa várias lógicas em se apropriar, repassar e aproveitar sabedorias que se incorporam na atividade. Seus usos garantem aos camponeses a obtenção de renda sem terem que praticar o endividamento monetário em instituições financeiras. Essas pessoas se recusam a financiar no banco as suas aquisições tecnológicas, e, por conseguinte, as formas de lidarem com elas revelam estratégias socioculturais. *O bezerro, ocê tamem pode usar como poupança, ele paga o PRONAF e as outras coisas que a fazenda precisa*⁴².

O medo dessas pessoas em perder a terra as motiva a buscar saídas que lhes possibilitem continuar no lugar sem ter que se submeterem a sistemas de créditos que possam alienar a terra em suas aquisições. Por isso, preferem o PRONAF, pois consideram um sistema menos alienante.

*No PRONAF a gente sabe como vai paga, o juro não come as coisas da gente. Então a gente consegue adquirir uma ordenhadeira e consegue paga com a produção. Mais outro crédito eu nem quero sabe.*⁴³

Além disso, há ações para não comprometer seus rendimentos mensais obtidos com a venda do leite para os laticínios. Nessa perspectiva, eles trabalham sempre estabelecendo alguma segurança e não passam pelo caminho dos bancos, os quais representam riscos, pois os contratos, geralmente, são interpretados como ameaças em relação à perda da propriedade

⁴² Fala do Camponês 4 sobre aquisição de tecnologia e o uso do bezerro enquanto “poupança”.

⁴³ Fala do Camponês número 2, sobre aquisição de créditos do banco e o porquê dele preferir o PRONAF.

familiar. *Então o banco é um negócio bom pro banco. Se você descuida eles te tomam o patrimônio. Daí você fica sem. Então o jeito é não entra nesse negócio feito prá eles*⁴⁴.

Assim a autonomia camponesa também ocorre nos cultivos para o próprio consumo. Para eles, é vital conquistar e manter a autonomia alimentar (Foto 20). Além disso, na comercialização, todo o excedente da pecuária leiteira passa a ser uma espécie de poupança, sempre buscando se assegurarem de reservas para enfrentarem eventuais imprevistos.

FOTO 20: Quintal em propriedade camponesa da Comunidade São Jerônimo



Fonte: Limeira do Oeste. Trabalho de campo, 2017.

Autora: ZUFFI, M.A. (2017).

Na criação de gado, todo animal que eles não comercializam ou consomem também entra nesse “seguro”. O bezerro, por exemplo, é usado de diversas formas, e uma delas é torná-lo uma forma de poupança.

Ao final de um ano, os camponeses costumam formar um lote, vendê-lo e realizar certas aquisições para a casa e para equipar a ordenha. Enquanto os bezerros estiverem sendo amamentados, servem para manter a sanidade da vaca, que, na companhia do bezerro,

⁴⁴ Fala do Camponês número 2, explicando seu raciocínio sobre as formas de créditos dos bancos.

costuma liberar o leite para o animal e assim permite ao camponês ordenhá-la sem ter que usar aditivos tecnológicos, por exemplo, a ocitocina⁴⁵.

Na prática da ordenha, há uma inclusão de saberes que observamos a partir da relação dos camponeses com a natureza, os quais foram incluídos aos modos de vida. Contudo, essa prática não é uma apropriação banal, mas repleta de intenções. Nesse sentido, há um conjunto de antigas noções sobre os tratos com o rebanho que é acionado para resolver os problemas que surgem no dia a dia. Nesse ponto, pode ser observada uma interação dessas pessoas com os comportamentos do seu rebanho.

A partir do momento que o camponês permite aos bezerros promoverem a “decida do leite” ou iniciarem a ordena, eles estão se livrando de estimulantes que o mercado disponibiliza para artificializar um processo que é natural. Nessa situação, a resiliência se manifesta na e pela observação das dinâmicas naturais do rebanho. Como experiência de um determinado fenômeno, surge a compreensão em lidar com os contratempos da pecuária, constituindo-se em saídas para permanecer no lugar e na atividade.

A princípio, a experiência é um trunfo relacionado à resiliência, que é um elemento integrante da campesinidade das famílias da comunidade de São Jerônimo e que reforça, no pesquisador, a necessidade de exercer o seu espírito científico. Segundo Bachelard (2005, p. 29), “o espírito científico deve formar-se enquanto se reforma. Só pode aprender com a natureza se purificar as substâncias naturais e puser em ordem os fenômenos baralhados”.

Bachelard considera que nós só compreendemos a natureza quando lhe oferecemos maneiras de ser, ou seja, o conhecimento comparece quando o colocamos em contato com as condições que lhe deram origem.

Não há dúvida de que, entre os camponeses, há observações constantes e profundas sobre a natureza. Para lidar com esses agentes externos, essas pessoas contam com a experiência que surge como ideias que tendem, no cotidiano, a fornecer opções para que a redução dos custos se concretize. Trata-se de criar soluções a partir de experiências que ficaram guardadas na memória para serem usadas em algum momento da vida deles.

Os camponeses fazem usos das suas reminiscências; quando elas são acionadas, possibilitam-lhes diferentes saídas, soluções, estratégias. Assim, o conhecimento como algo dinâmico dialoga o tempo todo com suas práticas, anunciando e viabilizando autonomias na

⁴⁵ A ocitocina é um hormônio neuropeptídico que está envolvido em diferentes funções reprodutivas e ordenha, entre as quais: contrações uterinas durante o parto, acasalamento e descida do leite. Utiliza-se a ocitocina exógena como alternativa para diminuir a retenção de leite na vaca e aumentar a sua liberação (ARAÚJO et al., 2012).

geração de renda. Como exemplo, observamos a recusa em usar certos medicamentos na ordenha.

Nóis não gosta de usar esses remédios não, faz mal pra vaca. Porque ocê usa a injeção pra descer o leite, é muito hormônio pro animal né, porque ocê faz desce o leite mas aí dá um monte de problema, a vaca fica com as tetas muito cheia, ela fica inquieta, pesada, sabe? Aí o leite impedra nela, depois ocê tem que da remédio pra desempedra o leite. Aquilo não faz bem não. Aí nós põe o bezerro, porque ela vê o filhote e já deixa o leite descer, aí nós ordenha a vaca.⁴⁶

Essa racionalização sobre a ordenha anuncia a recusa do uso de hormônios para induzir a produção de leite. Abdicar de certas tecnologias faz parte de algumas estratégias que eles elaboram. Geralmente, as alternativas criadas no manejo do gado decorrem das experiências dos mais velhos da família. Assim, ao lidarem com questões que ameaçam seus modos de vida, reagem, ligando suas estratégias aos saberes (Foto 21). Também, são saídas viáveis que os livram dos altos preços que as indústrias praticam em relação aos medicamentos. Essa capacidade de criar foi construída lastreada na experiência. Percebemos que há uma compreensão das lógicas mercadológicas e, ao mesmo tempo, há uma inclusão de medidas que lhes propiciam continuar na atividade.

Nunca falta nada, esse ano, por exemplo, vai sobra pro ano que vem. Nós compra a casquinha pra fazer o silo, e pra complementa, nós usa ração também. E se precisa, nois planta cana e dá cana também.⁴⁷

A condição desses camponeses é relativa e relacional à sua capacidade de elaborar seus próprios meios de vida, a qual decorre da habilidade de interpretar e agir frente à complexidade dos ciclos naturais e do mercado. Segundo Corrêa (2009, p. 2), “a produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, etc.”.

⁴⁶ Camponês 4, sobre o uso de medicamentos e o modo natural para ordenha. Trabalho de campo, 2017.

⁴⁷ Fala do Camponês 3, sobre o complemento de comida para o gado e as medidas de economia e reserva que eles fazem para não serem pegos desprevenidos pela escassez ou pela alta dos preços. Trabalho de campo, 2017.

FOTO 21: Condução do gado do local de ordenha para áreas de pastagens áreas de pastagens



Fonte: Trabalho de campo de Limeira do Oeste, 2017.

Autora: ZUFFI, M.A. (2017).

O trabalho no modo de vida camponês expressa inúmeros significados. Na perspectiva cultural, interpretamos a reciprocidade na ajuda recebida a partir das estratégias comunitárias de acionar a ajuda mútua calcada nas experiências camponesas. Elas foram apreendidas na própria vivência comunitária, que ao seu modo soube compreender os ciclos naturais do cerrado. Obviamente, a ajuda mútua ressurge em função das necessidades relacionadas às suas atividades incluídas na pecuária. O tipo de capim, milho, sorgo, cana, por exemplo, a serem adicionados nos silos representam conhecimentos que lhes possibilitam melhores resultados.

Na busca de aprimoramentos na pecuária, a ordenhadeira para aqueles camponeses é uma aquisição tecnológica relevante, pois resolve, em parte, as carências de braços (Foto 22). Assim, além de economizar mão-de-obra, ela atende às determinações dos laticínios, principalmente sobre a higienização no processo de extrair leite do rebanho.

FOTO 22: Ordenhadeiras mecânicas e tanque de resfriamento de leite



Fonte: Propriedade camponesa na comunidade São Jerônimo, Limeira do Oeste. Trabalho de campo, 2017.
Autora: ZUFFI. M.A. (2017).

O uso de maquinários como a ordenhadeira, mesmo em rebanhos de genética de baixa produtividade leiteira, indica que o trabalho envolvendo a obtenção de renda relaciona o moderno e o tradicional. Trata-se de estratégias de vida que aparecem como aspectos importantes para os camponeses permanecerem como criadores de gado leiteiro e fornecedores de leite aos laticínios.

Essas coisas que tãõ aqui... isso de ração, ordenha, vacina, tudo é importante. Fica mais tempo prá gente e a gente consegue mante a renda no período da seca. A gente vai se acostumando... Mais a gente não dá conta de dá ração o tempo todo. Então é só na seca. Nas água é pasto, cana e silo. O povo faz essa combinação.... Agora tudo isso é prá gente consegui fazer tudo dentro dos conforme.⁴⁸

Na prática, eles estão criando combinações para se recriarem como camponeses. Trata-se de formas com que eles se apropriam das tecnologias no manejo do gado e de seus cultivos. De certa forma, eles criam combinações na medida em que se recriam como camponeses.

⁴⁸ Fala Camponês 5 sobre as estratégias nos usos na produção leiteira.

4.2 Modo de vida camponês e Mutualismo nas práticas socioculturais

Pensar em práticas sociais relacionadas à mutualidade nos dias atuais é compreender que entre os camponeses do lugar São Jerônimo existe uma vida social repleta de resíduos culturais⁴⁹. Todavia, essa característica proporcionou modernizações na pecuária que foram sendo introduzidas a partir de adaptações na própria propriedade camponesa.

O entendimento da introdução da ordenha mecânica, como já assinalado, é decorrente de imposições do mercado e reforçado pelas carências de mão-de-obra no grupo familiar. O uso daquela máquina cria outros tempos para serem usados em outras atividades e relações sociais.

Assim, como as ordenhadeiras proporcionam higienização no processo de ordenha, elas também proporcionam mais tempo para os camponeses se dedicarem às organizações de eventos locais, como reuniões familiares, grupo de orações, vacinação coletiva do rebanho, grupos de trabalho na elaboração de silos, entre outros. Trata-se de práticas sociais respeitáveis que reintroduzem, no cotidiano das pessoas, elementos que dinamizam a cultura camponesa.

Segundo Couto (2013):

Transforma-se, assim, a estruturação social assente em práticas mutualistas, como o *djunta-mon* e a *djuda* e, num sentido mais abrangente, a própria sociabilidade espontânea, assente em múltiplas parcerias e produtora de capital social fundamental para a definição das estratégias de produção de subsistências rurais, o mesmo é dizer, para a capacidade de adaptação e auto-organização da sociedade camponesa, onde a agricultura não é a actividade de subsistência económica mas uma das actividades do ‘modo de existência’ dos agregados familiares e integrada na própria lógica da produção de subsistências. (COUTO, 2013, p. 9).

Isso significa que eles trabalham para reforçar essas organizações, pois evitar a perda das práticas comunitárias pode funcionar como parte de um processo que lhes possibilita participar das mudanças socioespaciais relacionadas à monocultura da cana. No viver camponês, *os mais antigos sabem o dia que chove. Pode até pegar de surpresa, mas ele sempre tem uma reservinha para produzir*⁵⁰.

⁴⁹ O resíduo pode, entretanto, ser apresentado como algo útil em situações econômicas dispare (nos momentos de crise ou carência de recursos), em diferentes momentos históricos (como no reforço do reaproveitamento de materiais durante as guerras) ou como algo importante, mesmo que não tenha utilidade, quando objetos são preservados pelo seu valor afetivo/sentimental. O resíduo é, portanto, uma classificação variável, característica importante de ser ressaltada (NEVES; MENDONÇA, 2016, p. 155-156).

⁵⁰ Camponês 2, durante visita no sindicato rural de Limeira do Oeste sobre a sabedoria do camponês mais antigo.

Eles se estabeleceram no lugar criando e mesmo recriando elementos de um modo que, além da experiência, inclui a festa e a oração. Essa relação criou várias interpretações do meio ambiente. A significação dos seus entendimentos da natureza desencadeou processos de ações, pois:

A natureza pode ser hostil e enigmática, porém o homem aprende a compreendê-la – extrair-lhe significado – quando isto é necessário para a sua sobrevivência. [...] São raras as ocasiões em que, por si mesmo, um agricultor tem que se orientar em um espaço estranho e inóspito. Ele não tem necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar o espaço, desde que o espaço em que se move constitui parte integrante de sua vida cotidiana que de fato é o seu ‘lugar’. (TUAN, 1983, p. 89).

Viver daquilo que cultiva é complexo e ao mesmo tempo rico. Como criador de gado leiteiro, o sujeito apreendeu a aproveitar do animal tudo o que ele oferece. Leite e carne bovina são fundamentais, contudo ele aproveita o esterco, os bezerros e o próprio descarte do gado para promover as suas reservas/poupança.

O trabalho é familiar e promove defesa da terra. Confiança entre seus membros é fundamental, pois permite que a vida seja ligada à comunidade. A partir desses fundamentos, os camponeses criaram formas de adaptar a pecuária que praticam às imposições da sociedade capitalista. Nesse processo, desenvolveram habilidades para contar também com os vizinhos.

Nessa expectativa de associação, o moderno também entra nas antigas relações sociais. O trator é um elemento dessa modernidade e dinamiza as relações mutualísticas entre esses camponeses. No lugar, ele oferece um tipo de recurso tecnológico que se traduz em confiabilidade na reciprocidade entre vizinhos. A partir das narrativas dos sujeitos desse modo de vida: *o trator a gente tem, a máquina a gente tem, aí tem os companheiros que a gente já sabe que tá lá pra ajuda. Perto de onde eu moro, sempre tem gente pra trabalhar*⁵¹.

Como uma restauração de valores humanos, a expectativa da reciprocidade orienta econômica, cultural e socialmente os membros da comunidade de São Jerônimo (Foto 23).

⁵¹ Camponês 7, em entrevista no município de Limeira do Oeste, durante trabalho de campo, 2017.

FOTO 23: Área de pastagem



Fonte: Propriedade camponesa na comunidade São Jerônimo, Limeira do Oeste-MG. Trabalho de campo, 2017.

Autora: ZUFFI, M. A. (2017).

As condições de mutabilidade usando o trator expressam o desenvolvimento de acordos tácitos e de habilidades em acionar valores culturais que acabam na relação funcionando como resposta às imposições da sociedade moderna.

Tais características se manifestam na realidade como forma de eles planejarem a vida. As particularidades das suas práticas socioculturais decorrem de lógicas camponesas que se expressam no lugar, prevendo, em certa medida, tensões fabricadas pelo agronegócio e seus impactos socioambientais. Na relação com o cerrado, com o clima, eles agem fazendo da mutualidade uma possibilidade de vida. Para Mendonça (2000):

Houve, ao longo de toda a história da humanidade, uma permanente interação entre a sociedade e o clima. Esta se deu tanto de forma benéfica quanto maléfica; no primeiro caso observou-se toda uma condição favorável à consolidação de incontáveis civilizações sobre determinados espaços, enquanto no segundo, a história é rica em momentos de penúria, tristeza, sofrimento e desespero de grupos humanos para os quais somente a adaptação às condições adversas ou a migração em massa se constituíram em soluções para enfrentar os desafios impostos pelas condições climáticas. (MENDONÇA, 2000. p. 87-88).

A capacidade de negociar com o vizinho e o uso do espaço e das tecnologias se ampliam na promoção e disseminação dos usos que propiciam maneiras mais eficientes para eles produzirem. O camponês existe dentro de um sistema no qual a noção de território é pautada na busca por garantir um fundo de manutenção, ou seja, o autoconsumo para reduzir gastos e um fundo de manutenção para salvar a próxima safra e alimento para o gado. *Tenho uma parte de braquiara que quando entra na seca, eu ponho o gado lá, assim nós vai revezando o pasto e nós não gasta com ração. Porque, procê vê, ração é caro, o pasto tá ali pra isso*⁵².

O conhecimento dos comportamentos dos vizinhos como parte importante do modo de vida camponês é o trunfo para permanecerem no lugar. A experiência aliada ao mutualismo cria formas de garantir segurança e eficácia na pecuária e na renda obtida a partir dela.

Essa complexa relação estruturada entre habilidades e conhecimento dos vizinhos e na mutualidade na comunidade de São Jerônimo (Foto 24) expressa a concepção de uma estrutura comunitária que dá segurança aos camponeses para processarem a vida a partir de relações e práticas socioculturais recriadas nos propósitos da defesa do território.

FOTO 24: Silos em propriedade camponesa na Comunidade São Jerônimo em Limeira do Oeste-MG



Fonte: Trabalho de campo, 2017. **Autora:** ZUFFI.M.A. (2017).

⁵² Camponês 8, criador de gado sobre o controle e a reserva do pasto pensando nos períodos de estiagem.

Nesse contexto de mutualidades e reciprocidades, os vizinhos, para os camponeses, representam uma espécie de avalista, fiador da sua atividade que se efetiva na reciprocidade. Quando as vizinhanças se comprometem mutuamente a realizar determinadas atividades, há uma situação de confiança. Trata-se de uma relação que envolve a família na manutenção de um fluxo contínuo de reciprocidade, mas que somente pode ser construído interligando-se o antigo e o novo, sendo imprescindível o coletivo.

4.3 Principiando as lógicas camponesas nos usos do cerrado

Compreender os problemas socioambientais contemporâneos requer uma base epistemológica robusta que possa servir de referência teórica e metodológica para compreendermos as relações entre as sociedades e a natureza. No caso dos camponeses, para estudar a obtenção de renda a partir da pecuária leiteira, incluindo fatores naturais, torna-se fundamental pensar as suas lógicas sociais.

As distintas combinações do antigo e do moderno aparecem como componentes fundamentais da simbiose em que se vive no meio social da comunidade. Saber lidar com o rebanho, reduzindo gasto com o manejo, indica formas que lhes garantem certa autonomia em relação ao mercado. No geral, as famílias camponesas conseguem renda em áreas consideradas pequenas. Essa situação aconselha considerar as ações dos camponeses, por exemplo, na escolha e administração de seus planteis.

*As fêmeas que ocê vê que dá futuro pra leite, ocê deixa aí, o que não tem futuro ocê vende ou engorda ela e depois vende. E o bezerro que sobra, sê vende também, porque se deixar ele virar boi, ocê não dá conta de cuidar de tudo.*⁵³

As famílias camponesas, enquanto formas socioculturais, são distintas da agricultura capitalista e se dinamizam a partir de lógicas que atendem o projeto da família. De tal modo, a família camponesa opera de forma a garantir a satisfação social dos seus membros, sem colocar em perigo a propriedade da terra. Na pecuária leiteira, elas escolhem os padrões de funcionamento de suas propriedades e pensam as dificuldades da atividade, elegendo práticas socioculturais que lhes proporcione fiança.

Teoricamente:

⁵³ Camponês 4, criador de gado leiteiro e de corte, entrevistado na comunidade São Jerônimo, 2017.

A família, enquanto capacidade produtiva que se realiza contando com formas de associativismo, é soma de atividades na propriedade conquistada por meio de luta política, atividades nas fazendas do entorno das comunidades e na prestação de serviços urbanos, combinadas em distintas proporções. Tais proporções parecem depender das experiências da família na produção agro-pecuária, bem como das condições e determinações históricas e sociais de produção de cada membro da família. (KINN, 2016, p. 2).

Por assim dizer, o camponês se expressa de forma autônoma, dono de sua ideação, conjecturando na organização política, social e cultural em cada propriedade. O cotidiano desse sujeito se diferencia pelos costumes, tradições e a forma como a vida é estabelecida no lugar.

Desse modo, o trabalho no modo de vida camponês envolve a satisfação de suas necessidades. As jornadas, geralmente, são superiores ao trabalho assalariado. Há, nessas pessoas, uma consciência de posse, de domínio e, ao mesmo tempo, de liberdade. Das particularidades agrícolas camponesas, o uso do trabalho familiar registra as diferenças na desconcentração de renda e na divisão do trabalho.

A resiliência dos camponeses de São Jerônimo está relacionada ao modo de vida deles. Ela indica diversidades de lógicas e temporalidades sociais. Na comunidade, eles aprendem a interpretar os ciclos do cerrado, criando formas de mutualismo que são acionadas para enfrentar as várias imposições da vida, sobretudo as naturais, do mercado, do Estado, do espaço e do lugar.

Na comunidade camponesa, vemos um material histórico, uma relação nutrida de valores que mantêm os laços no grupo. Para compreender essa escala, consideremos a produção agrícola camponesa, pautando-se em suas dimensões políticas e de poder, sobretudo pelas ações para se estabelecerem, no lugar, relações de trocas, de favores e de se reconhecerem no outro.

Esta é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. (CÂNDIDO, 1975, p. 62).

A horta com os alimentos que eles precisam para a mesa da família e a distribuição desses produtos sem cobrar dos vizinhos mostram uma consciência que amadureceu com o passar dos tempos e que é responsável por eles continuarem (re)existindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos nos dedicar a compreensão do conjunto de sistemas que definem a resiliência rural do camponês da Comunidade São Jerônimo, no município de Limeira do Oeste, onde a (re)existência dessas pessoas que vivem na pressão do agronegócio e também das tensões postas com a dinâmica da produção canavieira ligada ao setor sucroalcooleiro e sucroenergético, se debruçam sobre os conteúdos socioculturais que compõem as relações, ações e reações desses sujeitos, mostrado pela solidariedade humana, pela troca e a ajuda mútua.

O mutualismo resgata nesses produtores, a essência e a base do ser camponês. No campo, as paisagens manifestam as diversas formas de produção e as lógicas que compõem o lugar São Jerônimo pela memória dos relatos de seus moradores, que nos mostram suas territorialidades no lugar.

As perspectivas socioculturais que constroem esses sujeitos do lugar São Jerônimo, nos mostram um racionalismo econômico clássico que alicerça a permanência desses nas propriedades enquanto camponeses, ratificando uma multiplicidade de interações, ressaltadas no processo de criação de gado.

O que secunda o conceito de ser camponês nas propriedades visitadas é representado na forma com que essas pessoas se relacionam umas com as outras, no entendimento que elas têm sobre o mercado, sobre as alterações das estações climáticas e os imprevistos que ainda podem vir a acontecer.

Se por um lado temos produtores com a mesma oferta, do outro, temos um trabalho conjunto que extrai a sobrevivência para manter o trabalho de cada um da comunidade.

Mesmo sendo propriedades privadas distintas, o mutualismo resgata a consciência de que a luta pela vida individualmente, é um caminho com limites que podem impossibilitar a existência da vida, com a prática da ajuda mútua, eles percebem que as condições de progredir juntos, lhes garantem a manutenção de permanência no lugar, como no preparo do silo e a troca de mão-de-obra.

As redes mutualísticas que essas pessoas formaram, são exemplos importantes de cooperação moldadas pela experiência de ser camponês em um mundo que não é planejado ou pensado para incluir eles.

O papel dessa ajuda mútua é fundamental para a organização da comunidade. Eles desenvolveram uma rede alinhada com base na estabilidade e persistência de pessoas que

buscam, nesse apoio, sua existência. Assim, eles provam que a parceria resultante da resiliência do indivíduo é praticada pela reciprocidade nos afazeres do cotidiano rural.

A riqueza e a diversidade de elementos culturais que moldam o ser camponês na comunidade São Jerônimo, nos mostram que os moradores do cerrado Mineiro absorveram as imposições decorrentes do agronegócio e fizeram dessa experiência um reordenamento sócio produtivo, e passaram a se diversificarem.

Em contrapartida, também há àqueles que cederam as sedução do complexo agroindustrial, por terem uma proposta que reúne vantagens que levam esses produtores tradicionais e donos de terras, a cederem suas propriedades para o arrendamento⁵⁴, principalmente para o cultivo da cana-de-açúcar. Isso tem feito com que muitos produtores parassem de produzir leite, carne e grãos e migrado para as cidades ou simplesmente, aposentado.

Ao problematizar os modos de vida dos camponeses da comunidade de São Jerônimo, compreendemos a importância dessa reciprocidade e também do manutenção das instituições comunitárias e religiosas, que suprem a ausência do Estado com meios e medidas de apoio a esses produtores. Dessa forma, eles vão construindo suas alternativas que lhes possibilitam existirem social e culturalmente.

Contudo, em meio aos estranhamentos da vida, observamos na comunidade, essas relações que alimentam a existência da vida camponesa. Nesta condição, vimos que eles mantêm formas sociais de reciprocidade para lhe darem com as transformações socioeconômicas derivadas da atual dinâmica capitalista que insere o espaço rural.

Ser resiliente na comunidade São Jerônimo, é uma questão de existência social, parte de um conjunto de habilidades que criam e recriam condutas morais que valorizam e incorporam a reciprocidade do vizinho, como parte de suas territorialidades e pertencimentos.

Nesse reconhecimento, notamos que há uma compreensão dessa mutualidade, por assimilarem a superação conjunta dos momentos de crises anteriores, aos processos de aprendizagens, que resultam de planejamentos que solucionam os problemas que podem vir a acontecer.

Pelas estratégias estabelecidas na comunidade, principalmente relacionadas à resiliência da pecuária leiteira, vemos uma busca constante por estratégias socioculturais que lhes permitem atender as demandas da vida, como passar pelos períodos de estiagem ou mesmo a precaução com as variações de preços da ração.

Para ser camponês, antes de qualquer coisa, é preciso estar sempre pronto a se reerguer, pois quanto maior forem os desafios do campo, mais rápido eles têm que apresentarem as soluções, pois as possibilidades de existência camponesa, também são derivadas desses “apertos” que os agentes econômicos e naturais lhes passam.

Vemos roças de milho, alface, frutas, hortas feitas pelos camponeses para o consumo próprio e também para os vizinhos e demais membros da família. Eles sempre dividem com o outro, como uma retribuição. Uma estrutura construída como parte da sociabilidade camponesa.

Esse pensamento de sociabilidade do camponês, nos mostra as diversas manifestações culturais e sociais herdadas nesses sujeitos do cerrado mineiro. A natureza dessa manifestação social faz parte da essência camponesa que assume um caráter ativo e positivo na afirmação de sua territorialidade.

A tendência ao desaparecimento desses laços comunitários é iminente. Os estranhos que chegam na comunidade, como as usinas de cana-de-açúcar com trabalhadores que não são camponeses e portanto, não compactuam desses mutirões, vão refinando as relações de mutualismo e com o tempo, elas deixarão de existir.

A reciprocidade entre as famílias estão se rompendo, assim como a densidade populacional do campo é cada vez mais baixa. Para o camponês, a agricultura representa uma fonte de sobrevivência e o bezerro é parte da reserva para se adquirir aquilo que eles não conseguem produzir, dessa forma, os débitos entre os vizinhos durante os períodos de seca não são sanados. O que justifica a mutualidade constante entre eles através dos empréstimos de mão-de-obra e maquinário, o que entendemos como parte de sua resiliência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo-Recife, IPESP/HUCITEC, 1995. 135 p.

ANJOS, Flávio S. dos. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2003

ARAUJO, W. A. G.; CARVALHO, C. G. V.; MARCONDES, M. I.; SACRAMENTO, A. J. R.; PAULINO P. V. R. Ocitocina exógena e a presença do bezerro sobre a produção e qualidade do leite de vacas mestiças. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.**, São Paulo, v. 49, n. 6, p. 465-470, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/bjvras/article/view/53924>>. Acesso em: nov. 2016.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Gaston Bachelard. Tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 5ª reimpressão, janeiro de 2005. 316 p.

BACHELARD, G. **A intuição do instante**. Campinas: Verus Editora, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 141 p.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Revisão técnica Luis Carlos Fridman. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 272 p.

BERKES, F. Understanding uncertainty and reducing vulnerability: lessons from resilience thinking. **Nat Hazards**, v. 41, p.283-295, 2007.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Tradução Ernesto de Carvalho. Lisboa: Dinalivro. 2ª ed. 2004.

BUSCHBACHER, R. A Teoria da Resiliência e os Sistemas Socioecológicos: Como se Preparar para um Futuro Imprevisível? **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**. 9ª ed. jan. - jun. 2014. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5561/1/bru_n09_teorias.pdf>. Acesso em: jan. de 2016.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Triângulo: capital comercial, geopolítica e agroindustrial**. 1989, 184 f. Dissertação (Mestrado) Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Api Convênios. Limeira do Oeste. Portal de Convênios do Governo Federal**. 2010. Disponível em: <<http://api.convenios.gov.br/siconv/dados/convenio/72948.html>>. Acesso em: jan.2016.

BRASIL. Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. **Plano Safra da Agricultura Familiar 2015/2016**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_383,Cr%C3%A9dito%20Rural%/20Pronaf%202015-2016.pdf> Acesso em: jan. 2017.

CAMPOS, S. A. C.; PEREIRA, M. W. G.; TEIXEIRA, E. C. Trajetória de modernização da agropecuária mineira no período de 1996 a 2006. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 4, p. 717-739, 2014.

CÂNDIDO. A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975. 284 p.

CARVALHO, O. M. (Org). **Chayanov e o campesinato**. Vários Autores.1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014. ISBN 978-85-7743-246-2.

CORREIA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/artigos/contribuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%A7%C3%A3o%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: mar. de 2017.

COUTO, C. F. **Antropologia do Desenvolvimento**: Santiago de Cabo Verde, um estudo de caso. **Cadernos de Estudos Africanos**, 3.ed. 2013. Disponível em: <<http://cea.revues.org/1092>>. DOI: 10.4000/cea.1092 ISSN: 2182-7400. Acesso em: mar. de 2017. DOI: 10.4000/cea.1092 ISSN: 2182-7400.

CRUZ, C. **Composição do agronegócio no Estado de Minas Gerais**. 2007. 99 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, F. 1925-1995. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3.Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. Título original: Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie. ISBN 85-7326-017-3.

DIEGUES, A. C. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.169 p.

DUARTE, R. H. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 11-24. 2006.

EMBRAPA. **Áreas de Concentração de Produção de Leite nos Cerrados**. 2002. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Leite/LeiteCerrado/areas_conc_producao.html>. Acesso em: jul. de 2016.

FERREIRA, G. H. C. O agronegócio no Brasil e a produção capitalista do espaço. In: **Anais**. I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP/Rio Claro, 5 a 7 de outubro de 2010. ISBN: 978-85-88454-20-0, 2010.

FOLKE, C.; J. Colding and F. Berkes. Synthesis: Building resilience and adaptive capacity in social-ecological systems. In: F. Berkes, J. Colding and C. Folke (eds). Navigating social-ecological systems. Building resilience for complexity and change. **Cambridge University Press**, Cambridge, UK, p. 352-387, 2003.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. 256 p.

FREDERICO, S. **O novo tempo do Cerrado: expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2004. 259 p.

FUCHS, Ângela Maria Silva; FRANÇA, N. M.; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. (Org.). **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013. 286 p.

GOMES, Sebastião Teixeira. **Perfil de produção de leite em minas gerais, 1987**. <[http://www.ufv.br/der/docentes/stg/stg_artigos/Art_004%20%20PERFIL%20DE%20PRODU%C7%C3O%20DE%20LEITE%20EM%20MINAS%20GERAIS%20\(3-687\).pdf](http://www.ufv.br/der/docentes/stg/stg_artigos/Art_004%20%20PERFIL%20DE%20PRODU%C7%C3O%20DE%20LEITE%20EM%20MINAS%20GERAIS%20(3-687).pdf)>. Acesso em: jul. de 2016.

GRAZIANO DA SILVA, J. Complexos Agroindustriais e outros Complexos. In: Reforma Agrária. Campinas, **ABRA**, 21 (3):5-34, set/dez, 1991.

GUERRA, Isabel. Modos de vida: Novos percursos e novos conceitos. **Sociologia – Problemas e práticas**, nº 13, p.59-74, 1993.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Bertrand Brasil, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2006. 395 p.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Loyola, 3ª edição. São Paulo, 2009. 382 p.

HEIJMAN, Wim; HAGELAAR, Geoffrey; HEIDE, Martijn van der. Rural resilience as a new development concept. **100 th Seminar of the EAAE Development of Agriculture and Rural Areas in Central and Eastern Europe**. Novi Sad, Serbia. 2007. Disponível em: <http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/162359/2/52%20SC%20Heijman_Wim.pdf> Acesso em: jan. de 2017.

HEREDIA, B.; PALMEIRA, M. & LEITE, S. P. Sociedade e Economia do “Agronegócio” no Brasil. **RBCS** Vol. 25 n° 74 outubro/2010.

IBGE CIDADES. **Limeira do Oeste, Minas Gerais**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/limeiradooeste.pdf>>. Acesso em: jan.2016.

INACIO, J. B; SANTOS, R. J. O modo de produção rural redefinido pela usina sucroenergética em Carneirinho-MG. **Revista Horizonte Científico**. Uberlândia, v.9, n° 2, dez.2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/24248/17349>>. Acesso em: Agosto, 2016.

KAGEYAMA, A. (coord.). O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: **Agricultura e Políticas Públicas**. Brasília, IPEA, 1990, p. 113-223.

KINN, M. G. Os resíduos dos saberes e fazeres da cultura camponesa nas práticas sócio produtivas dos produtores de leite de Frutal – MG. **Anais: XXIII Encontro Nacional de Geografia Agrária: Ajuste espacial x soberania(s): A multiplicidade das lutas e estratégias de reprodução no Campo**. Aracaju, SE, 9 a 12 de novembro de 2016.

KROPOTKIN, P. **A ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

LA BLACHE, P. V. **Os Gêneros de Vida na Geografia Humana**. Versão original: Annales de Geographia n° 111, ano XX, tomo XX, 15 de maio de 1911. Tradução: Maria Regina Sader e Simone Batista. Revisão: Rogério Haesbaert GEOgraphua – Ano 7 – n° 13 – 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A vida Cotidiana no Mundo Moderno**. Vol.24. São Paulo: Ática,1991. 216 p.

LITTLE, P. E. Os Conflitos Socioambientais: um campo de estudo e de Ação Política. In: BURSZTYN, M. (org.). **A Difícil Sustentabilidade: Política energética e Conflitos Ambientais**. Editora Garamond Ltda. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

MANDOLA JR. & HOGAN. Resiliências e riscos: entre geografia e demografia. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 29-53, jan./jun. 2005.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998.

MARTINS, J. S. **O Cativo da Terra**. 9 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. 157 p.

MENDONÇA, F. Aspectos da interação clima-ambiente saúde humana: da relação sociedade-natureza à (in)sustentabilidade ambiental. **R. Ra'Ega**, Curitiba, n. 4, p. 85-99. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <revistas.ufpr.br/raega/article/download/3341/2677>. Acesso em: jan. de 2017.

MILESTAD, Rebecka; KUMMER, Susanne; VOGL, Christian R. Building farm resilience through farmers' experimentation. WS 1.8 – Knowledge systems, innovations and social learning in organic farming. **9th European IFSA Symposium**, 4-7 July 2009, Vienna (Austria). Disponível em: <http://www.nas.boku.ac.at/fileadmin/data/H03000/H93000/H93300/Personen/Kummer/Milestad_et_al_2010_Building_farm_resilience_through_FE_IFSA.pdf> Acesso em: jan. de 2017.

NEVES, F. O; MENDONÇA, F. Por uma leitura geográfico-cultural dos resíduos sólidos: reflexões para o debate na Geografia. **Cuadernos de Geografia Revista Colombiana de Geografia**, vol. 25, n.º 1. ISSN 0121-215X (Impreso) · 2256-5442 (En Linea). Bogotá, Colômbia, p. 153-169, Ene. -Jun. Del 2016.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Tradução Christopher J. Tribe, Rios. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1988.

PAULINO, E. T. **Terra e vida: a geografia dos camponeses no norte do Paraná**. 2003,430f. Tese (Doutorado em Geografia) Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP. Presidente Prudente, 2003.

Disponível em:
http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102969/paulino_et_dr_prud.pdf?sequence=1. Acesso em julho de 2016.

_____. Produção de sementes próprias: um encontro profícuo entre ciência e saber camponês na região de Londrina – Brasil. In: **Anais. XIV Encontro de Geógrafos da América Latina**, Peru, 2012. Disponível em:
<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/18.pdf>. Acesso em: jul. de 2016.

PETRONZIO, J. A. C. **A Expansão Canavieira/Alto Paranaíba de 2000 a 2013**. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16202/1/ExpansaoCanavieiraMesorregiao.pdf> Acesso em: out.2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993. 269p.

RÉCLUS, E. In: HORTA, R. D. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Réclus. **Revista Brasileira de História**, vol. 26, nº 51, p.120-2, 134, 136-7. Le mont Etna: 2006.

ROUSSEAU, J. J. **Do Contrato Social**. Tradução: Rolando Roque da Silva. Edição Eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. 2002. Disponível em:
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>. Acesso em: jul. 2016.

SACK, R. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

SANTOS, M.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **O Brasil: Território e Sociedade no Século XXI**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 473 p.

SANTOS, R. J. Os Camponeses da Região do Triângulo Mineiro e a Expansão dos Agrocombustíveis. 2009. Para onde? V. 3, n. 2. **Revista eletrônica da UFRGS**. Porto Alegre, RS. <Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22101/12860>> em: fev. 2016.

SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado: Metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008. 249 p. ISBN: 978-85-7078-177-2.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan./jun. 2007.

SAUER, S. **Agricultura familiar versus Agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. ISSN1677-5473; 30.

SCAFF, E. A. Diretrizes do Banco Mundial para a inserção da lógica capitalista nas escolas brasileiras. In: Paro, V. (org.). **A teoria do valor em Marx e a educação**. São Paulo: Cortez, p. 99-120, 2013.

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I. G. P. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. **Raízes**, Campina Grande, vol. 23, nºs 01 e 02, p. 99–116, jan./dez. 2004.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, vol. 18 nº. 51 fevereiro/2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>>. Acesso em: ago. de 2016.

SEABRA, O. C. L. Territórios do Uso: Cotidiano e Modo de Vida. **Cidades – Revista Científica** v.1, n.2, 2004, p. 181-206. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/476>> Acesso em: jan.2016.

SIAMIG. **Jornal Informativo da Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais**. ANO XIII - Nº 30 - JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO DE 2015. Disponível em: <<http://www.siamig.com.br/cache/canavialjan2015.pdf>> Acesso em: mar. de 2015.

SILVA, A. M. Resiliência socioespacial na expansão canavieira do Cerrado Goiano: A cidade rural de Maurilândia/GO. 2014. 394 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**. Presidente Prudente. Ano 8, v. 1, n. 7, jul./dez. 2005.

TESTA, Vilson Marcos. **Desenvolvimento regional: temas estratégicos, oportunidades e desafios**. Consagro, 2012. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/06/TESTA-Vilson-Marcos-Desenvolvimento-regional-temas-estrat%C3%A9gicos-oportunidades-e-desafios-artigo.pdf>>. Acesso em: julho 2016.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL; São Paulo, 1983. 250 p.

WORRTMANN, Klaas. Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, nº 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.